

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNESPAR**

ADRIANA CARLA DALAZEN CICHOCKI

**RESSIGNIFICÂNCIAS NO ESPAÇO NÃO FORMAL: EXPERIÊNCIAS
AUDIOVISUAIS NO CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICA - CJAP**

CURITIBA

2024

ADRIANA CARLA DALAZEN CICHOCKI

**RESSIGNIFICÂNCIAS NO ESPAÇO NÃO FORMAL: EXPERIÊNCIAS
AUDIOVISUAIS NO CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICA - CJAP**

Dissertação apresentada à banca de Qualificação do curso de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Artes, Linha de Pesquisa Experiências e Mediações nas Relações Educacionais em Artes, da Universidade Estadual do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Solange Straube Stecz

CURITIBA

2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DALAZEN CICHOCKI, ADRIANA
RESSIGNIFICÂNCIAS NO ESPAÇO NÃO FORMAL:
EXPERIÊNCIAS AUDIOVISUAIS NO CENTRO JUVENIL DE
ARTES PLÁSTICA - CJAP / ADRIANA DALAZEN CICHOCKI. --
Curitiba-PR, 2024.
165 f.: il.

Orientador: Solange Straube Stecz.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado em Artes) -- Universidade Estadual do
Paraná, 2024.

1. Centro Juvenil de Artes Plásticas. 2.
Linguagem Audiovisual. 3. Adolescentes. 4.
Experiências Audiovisuais. 5. Educação e Arte. I -
Straube Stecz, Solange (orient). II - Título.

ATA nº14 /2023 - PPGARTES


BANCA DE DEFESA

No dia 29 de agosto de 2023, às 11 horas, através de chamada de vídeo pelo aplicativo Microsoft Teams, realizou-se a Banca de Defesa do Trabalho Acadêmico intitulado: RESSIGNIFICÂNCIAS NO ESPAÇO NÃO FORMAL: EXPERIÊNCIAS AUDIOVISUAIS NO CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICA - CJAP da mestranda Adriana Carla Dalazen Cichocki, que contou com a presença das professoras/as doutoras/as Solange Straube Stecz (orientador/a), Ceres Luehring Medeiros e Zeloi Martins, como membros titulares da banca avaliadora. Após a avaliação do Trabalho Acadêmico, a banca deliberou pela APROVAÇÃO da pesquisa. Nada mais havendo a discutir, o Exame de Defesa deu-se por encerrado e eu, professora orientadora e presidente da banca, lavraram a presente ata, que segue assinada por mim e pelos demais membros da banca de avaliação.

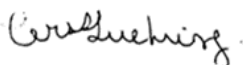
Recomendações -

Revisão normas ABNT e gramatical e sugestões dos membros da banca entregues para a discente.

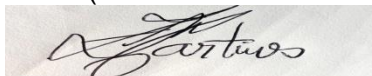
Salientada a importância da proposta e o resgate da história do CJAP no corpo do trabalho.



Solange Straube Stecz
Profa. Dra. (UNESPAR) – orientador/a



Ceres Luehring Medeiros
Profa. Dra. (FAE Centro Universitário)



Zeloi Martins
Profa. Dra. (UNESPAR)

AGRADECIMENTOS

No percurso como arte-educadora, a necessidade de aprofundamento em educação mostrou-se fundamental. O Mestrado Profissional em Artes, na Linha de Pesquisa Experiências e Mediações nas Relações Educacionais em Artes, oportunizou o crescimento nesta área tão rica em possibilidades.

Agradeço a Deus pela oportunidade de realizar este trabalho, dando-me força, coragem e fé para seguir em busca dos meus ideais.

Aos meus pais, que tanto amor me dedicaram, e que muitas vezes renunciaram aos seus sonhos para que eu pudesse alcançar os meus. Por me mostrarem o valor da educação e o quanto ela é capaz de transformar o ser humano. A meu pai (*in memoriam*), que sempre confiou e acreditou em mim.

Agradeço ao meu marido Vanderlei, por me ajudar a ser uma pessoa melhor a cada dia. Você foi minha grande inspiração e meu suporte em todos os momentos. Agradeço pela compreensão, pelo incentivo e pela confiança.

Agradeço a minha família, pelo exemplo de perseverança, dedicação, determinação, coragem e amor incondicional que sempre me proporcionou. Família essa que sempre me ensinou a nunca desistir dos meus sonhos, que sempre me apoiou e me impulsionou em direção a novos desafios.

Aos meus queridos amigos, pela tolerância e estímulo, por ouvirem minhas queixas, minhas indagações e sempre me incentivarem a continuar. Agradeço, em especial, Liane e a Jaqueline que me incentivaram e muito me apoiaram nos momentos de tensão.

À minha orientadora, Prof^a. Dra. Solange Straube Stecz, por seu apoio, dedicação, competência e especial atenção nas revisões e sugestões que foram fundamentais para a conclusão desta pesquisa. Agradeço por destinar parte do seu tempo a este trabalho e, principalmente, por acreditar nele. Minha gratidão vai além do conhecimento profissional adquirido, mas às inúmeras lições de vida que sempre lembrarei.

A todos os professores do Mestrado que, de alguma forma, contribuíram para a minha formação e me inspiraram com suas produções e ensinamentos. Em especial, a professora Dr^a. Zelo Martins e à professora Dr^a. Ceres Luehring Medeiros, que avaliaram minha qualificação e muito contribuíram com suas observações e sugestões.

Agradeço ao Centro Juvenil de Artes Plásticas pela oportunidade de crescimento profissional e, em especial, ao Diretor Luiz Gustavo V. Vidal, pela confiança e incentivo. Espero que esta pesquisa contribua para o registro da história do legado de ensino e difusão da Arte dessa renomada instituição.

Dedico à minha família, pelo exemplo de perseverança, dedicação, determinação, coragem e amor incondicional que sempre me proporcionou. Família essa que sempre me ensinou a nunca desistir dos meus sonhos, que sempre me apoiou e me impulsionou em direção a novos desafios.

*“Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer [...].”*

Fernando Pessoa

RESUMO

Resumo: A pesquisa trata da questão referente à apropriação das ferramentas da linguagem audiovisual pelos adolescentes participantes das oficinas ofertadas pelo Centro Juvenil de Artes Plásticas – CJAP, um ambiente educacional não formal. Conhecer quem são esses adolescentes, conectados nos ciberespaços, usuários das redes e mídias sociais, que buscam as oficinas do CJAP. Identificar como se tornam protagonistas a partir da apropriação da linguagem audiovisual e de que forma eles ressignificam esse conhecimento. Nesta perspectiva, levantamos a seguinte problemática: Em que medida o conhecimento da linguagem audiovisual pelos adolescentes permitir uma reflexão crítica sobre si e sobre o mundo? O objetivo foi identificar como os adolescentes se conectam com o mundo do audiovisual e de que forma eles se percebem nas redes e fazem uso delas. Analisar se as práticas da linguagem audiovisual, propicia aos adolescentes reflexão crítica do mundo, evidenciando as possibilidades de apresentação do audiovisual na escola não formal enquanto linguagem artística, por meio de uma vivência estética cultural e não apenas como uma ferramenta tecnológica. O recorte teórico e metodológico da pesquisa volta-se para a leitura e análise das obras dos seguintes autores: Bergala (2008), Fresquet (2013), Han (2018), Bondía (2002), Castells (2006), Serres (2013), Lévy (1999), Bauman (2020), Pereira (2015), Osinski (2008), Medeiros (2009) os quais, através de suas teorias, serão tomados como fundamentos para abrir os caminhos de pesquisa que evidenciam as temáticas sobre tecnologias, sociedade em rede, juventude e redes sociais, experiências audiovisuais e educação.

Palavras-chave: Centro Juvenil de Artes Plásticas; Linguagem Audiovisual; Adolescentes; Educação e Arte; Experiências Audiovisuais.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – FOTOGRAFIA DE GUIDO VIARO COM ALUNOS DO CJAP.....	33	
FIGURA 2 – CARTAZ DA 1.ª EXPOSIÇÃO DE PINTURA DO CJAP.....	35	
FIGURA 3 ESPAÇO DA SALA DE AULA PREPARADO PARA ATENDIMENTO DE ALUNOS DE ESCOLA PARA OFICINA DE PINTURA.....	47	
FIGURA 4 - BANNER DO CJAP NA ENTRADA DA SALA DE EXPOSIÇÃO NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, ONDE ERAM EXPOSTAS AS PRODUÇÕES REALIZADAS PELOS ALUNOS DO CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES, DURANTE A FORMAÇÃO REALIZADA NO CJAP EM 2019.....	49	
FIGURA 5 – FOTO DA FACHADA DA SEDE ATUAL DO CJAP.....	50	
FIGURA 6 - CAPA DO CATÁLOGO DO 1º CONCURSO PARANAENSE DE DESENHO.....	51	
FIGURA 7 - ALUNOS DA FORMAÇÃO DE DOCENTES EM ATIVIDADE DE MODELAGEM.....	52	
FIGURA 8 - ALUNOS E ATIVIDADE DE MODELAGEM EM ARGILA DURANTE A AULA DE MULTIPLAS LINGUAGENS, COM A PARTICIPAÇÃO DO DIRETOR LUIZ GUSTAVO VIDAL.....	53	
FIGURA 9 – TABELA DE OFICINAS DO 1º SEMESTRE - CJAP EM 2019.....	53	
FIGURA 10 - ALUNOS EM CENA: APRESENTAÇÃO TEATRAL, FINAL DO ANO LETIVO DE 2019.....	55	
FIGURA 11 - BRINQUEDOS DE ANIMAÇÃO: TAUMATRÓPIO PRODUZIDO POR ALUNAS DA OFICINA DE VIDEOARTE.....	56	
FIGURA 12 – TABELA DE OFICINAS DO 2º SEMESTRE	FIGURA 13 – TABELA DE OFICINAS DO CJAP EM 2020.....	57
FIGURA 13 – TABELA DE OFICINAS DO CJAP EM 2020.....		58
FIGURA 14 – MOMENTO DE ENTREVISTAS.....		74
FIGURA 15 - ALUNAS REALIZANDO ATIVIDADES DE FILMAGEM NO ESPAÇO DO CJAP.....		96
FIGURA 16 - ALUNAS REALIZANDO ATIVIDADE DE ENQUADRAMENTO DE IMAGEM PARA ENTREVISTA.....		97
FIGURA 17 - CARD DE DIVULGAÇÃO PARA AS REDES SOCIAIS.....		98

FIGURA 18 - CARTELA DE ABERTURA DOS VÍDEOS REALIZADO NO PROJETO.....	104
FIGURA 19 - FRAME DO VÍDEO: CIDADE DE CURITIBA VISTA DO TERRAÇO DO "MEMORIAL DE CURITIBA", LARGO DA ORDEM.....	106
FIGURA 20 - FRAME DO VÍDEO: RUA DE CURITIBA.....	107
FIGURA 21 - VIDEO 1: FRAME CENA DO NETO E DÁ AVÓ JOGANDO COM O CELULAR.....	109
FIGURA 22 - VÍDEO 1: FRAME MENINO MOSTRANDO O LIVRO QUE ESTÁ LENDO.....	110
FIGURA 23 - VÍDEO 2: FRAME ADOLESCENTE OLHANDO PELA JANELA.....	110
FIGURA 24 - VÍDEO 3: FRAME MENINA SOB A ÁRVORE.....	111
FIGURA 25 - VÍDEO 4: FRAME MENINAS RECRIANDO CENA DE MAQUIAGEM.....	112
FIGURA 26 - VÍDEO 5: FRAME MENINO EM SEU QUARTO ESTUDANDO.....	112
FIGURA 27 - VÍDEO 6: FRAME: PARTICIPANTE EM ATIVIDADE FISICA E RECREATIVA.....	113

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - WHATSAPP E INSTAGRAM LIDERAM AS PLATAFORMAS.....	59
GRÁFICO 2 - TIKTOK: REDE SOCIAL MAIS USADA.....	60
GRÁFICO 3 - USO DA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....	62
GRÁFICO 4 - MENINOS E MENINAS PARTICIPANTES DOS PROJETOS AUDIOVISUAIS.....	73
GRÁFICO 5 - DISTÂNCIA ENTRE AS RESIDÊNCIAS DOS PARTICIPANTES E O CJAP.....	73
GRÁFICO 6 - ACESSO À INTERNET: PESQUISA SETOR EDUCATIVO.....	81
GRÁFICO 7 - REDES SOCIAIS ACESSADAS: PESQUISA SETOR EDUCATIVO..	81
GRÁFICO 8 – EQUIPAMENTOS A QUE OS ALUNOS TINHAM ACESSO: PESQUISA SETOR EDUCATIVO.....	82
GRÁFICO 9 - USO DE CELULAR INDIVIDUAL.....	108
GRÁFICO 10 - IDADE DOS PARTICIPANTES.....	114
GRÁFICO 11 - IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES ARTÍSTICAS PARA AS CRIANÇAS E FAMÍLIAS.....	117

LISTA DE SIGLAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
BPP	Biblioteca Pública do Paraná
CEP	Colégio Estadual do Paraná
CJAP	Centro Juvenil de Artes Plásticas
CMC	Colégio Militar de Curitiba
DC/SEC	Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná
EAB	Escolinha de Arte do Brasil
EMBAP	Escola de Música e Belas Artes do Paraná
IEP	Instituto de Educação do Paraná
IEPPEP	Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MAM	Museu de Arte Moderna de São Paulo
PPC	Proposta Pedagógica Curricular
PPP	Projeto Político Pedagógico
PCD	Pessoas com deficiência
SEEC-PR	Secretaria do Estado da Cultura do Paraná
SEED-PR	Secretaria de Estado da Educação e do Esporte do Paraná
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Ciência, a Educação e a Cultura
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1.1 TRAJETÓRIA DA PROFESSORA PESQUISADORA.....	16
1.2 A PESQUISA.....	20
1.3REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO.....	24
2 CONHECENDO O CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS	32
2.1 DA CRIAÇÃO DO CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS.....	32
2.2 MUDANÇAS E FINALIDADES.....	39
2.3 OFICINAS OFERTADAS EM 2019 E 2020.....	51
3 O ADOLESCENTE, AS REDES E A LINGUAGEM AUDIOVISUAL	56
3.1 ACESSO À INTERNET E O USO DE REDES SOCIAIS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES.....	56
3.1.1 A apropriação das TICS.....	64
3.2 O ADOLESCENTE E O CJAP.....	69
3.3 INFORMAÇÕES REVELADAS PELAS FONTES.....	80
3.4 LINGUAGEM AUDIOVISUAL E AS OFICINAS.....	82
3.5. OFICINAS DE AUDIOVISUAL NO CJAP.....	91
3.6. NOVOS DESAFIOS.....	99
3.7. OFICINAS DE AUDIOVISUAL NO CJAP.....	104
4 DESDOBRAMENTOS E EXIBIÇÕES	118
4.1 RESULTANDO EM “ENCONTROS” E O "SET" HOME OFFICE: “MEU MUNDO MINHA JANELA”.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	131
ANEXO A - CONVERSA ENTRE A PESQUISADORA E A EX-ALUNAS DA OFICINA DE VIDEOARTE (2019)	135
ANEXO B - CARDS DE DIVULGAÇÃO DO PROJETO “VÍDEO CARTA ‘ENCONTROS’” NO 16º CINEOP, MOSTRA DE CINEMA DE OURO PRETO, PROJETOS AUDIOVISUAIS EDUCATIVOS (SESSÃO 2)	137
ANEXO C - PUBLICAÇÃO “VÍDEO CARTA ‘ENCONTROS’”	141
ANEXO D - PUBLICAÇÃO MAKING OFF “VÍDEO CARTA ‘ENCONTROS’”	142
ANEXO E - FORMULÁRIO GOOGLE ENVIADO AOS PARTICIPANTES DO PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA”	143

ANEXO F - CARTELAS DE ABERTURA DOS VÍDEOS DO PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA” 2020.....	147
ANEXO G - CARTELA DE ABERTURA DO VÍDEO Nº 6 DO PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA” 2020.....	148
ANEXO H - CARTELAS FINAIS DOS VÍDEOS DO PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA” 2020.....	149
ANEXO I - DIVULGAÇÃO DO PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA” NO INSTAGRAM CJAP.....	152
ANEXO J - PUBLICAÇÃO VÍDEO Nº 1 DO PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA”.....	153
ANEXO K – OLHARES EM MOVIMENTO.....	154
ANEXO L - PUBLICAÇÃO VÍDEO Nº 2 - PROJETO MEU MUNDO MINHA JANELA (INSTAGRAM E YOUTUBE).....	155
ANEXO M - PUBLICAÇÃO VÍDEO Nº 3 - PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA” (INSTAGRAM E YOUTUBE).....	156
ANEXO N - PUBLICAÇÃO VÍDEO Nº 4 - PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA” (INSTAGRAM E YOUTUBE).....	157
ANEXO O - PUBLICAÇÃO VÍDEO Nº 5 – PASSEANDO PELA CASA (INSTAGRAM E YOUTUBE).....	158
ANEXO P - PUBLICAÇÃO VÍDEO Nº 6 – MEU LUGAR FAVORITO.....	159

INTRODUÇÃO

Como docente da disciplina de Arte do ensino público há mais de 20 anos, eu pensava acerca das fronteiras do conhecimento inerente dos meus alunos, até onde eu conseguiria “orientá-los”, até que ponto eu poderia transformar a mim mesma na busca de novas possibilidades didático-pedagógicas, para que eu não me colocasse em posição estática. Eu também questionava sobre como poderia me transformar, buscando novas possibilidades didático-pedagógicas para não ficar estagnada. Assim como Saderlich (2001, p. 146), eu me perguntava: “Se as estratégias tradicionais que priorizam a padronização de comportamentos e métodos de trabalho não têm apresentado resultados positivos, por que mantê-las?”. Por isso, eu buscava ser uma professora aberta a novas possibilidades de pesquisa, criando minhas próprias metodologias, muitas vezes resultantes de iniciativas e erros. Eu não queria limitar minha imaginação, ser tomada pelo desleixo ou perder minha sensibilidade, como coloca Sadelich (2001).

Como formar leitores com professores não leitores? Como escutar as fantasias que crianças, adolescentes e jovens manifestam sobre inúmeros fatos do cotidiano, que poderiam gerar as mais diversas produções, se embotamos nosso próprio imaginário? Como estimular a criatividade, o raciocínio, a ousadia, se estamos tomados pela apatia? Como desenvolver a sensibilidade do estudante se a nossa própria sensibilidade é descuidada? (SADELICH, 2001, p. 146).

Segundo Zimmermann (2016), o papel do professor como pesquisador é fundamental. Independentemente de sua formação inicial, ele deve ser curioso, fazer perguntas e documentar sua prática. O diferencial seria uma política de formação continuada que promova diálogo, reflexão e compartilhamento de práticas. Meu objetivo é ser uma professora que pesquisa e transforma a educação em um espaço de investigação, aprendizagem, troca e libertação. Busco novos conhecimentos e soluções para os desafios encontrados em sala de aula. Como professora pesquisadora, participei de processos de formação continuada que me permitem atualizar e melhorar minha prática pedagógica. Dessa forma, desempenho meu papel na construção de uma educação de qualidade e democrática que contribui para a mudança da realidade local e para a formação de cidadãos críticos e participativos.

Citados por Sadelich (2001), Deleuze e Guattari (1992), reforçam a

importância da capacitação, do compartilhamento e do acesso à experimentação pelos professores:

Não se trata de promover cursos ou oficinas, nem mesmo preservar os bens culturais, mas sim propiciar um espaço no qual se possa compartilhá-los como bens sociais que são. Não se trata de cultivar o espectador, o admirador, ou de formar um novo público de consumidores que apenas dispõe dos objetos, mas de oferecer condições para que esses professores tenham acesso ao êxtase, que lhes permita estar fora, sair de seu mundo cotidiano e experimentar o de outrem que é “antes de mais nada esta existência de um mundo possível”. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, apud SARDELICH, 2001, p. 146).

Então, procurava superar os obstáculos e me concentrar nos resultados bem-sucedidos. Buscando ser uma referência para os alunos, na busca e envolvimento com a transformação sociocultural, na formação contínua e na exploração de novas possibilidades de ensino-aprendizagem. Eu estava sempre atenta às diferentes produções artísticas, experimentando e incentivando a experimentação.

Logo, anterior aos relatos das práticas docentes, objeto deste material, eu realizei uma pesquisa sem saber onde isso me levaria. Esta pesquisa me apresentou a oportunidade de explorar novas possibilidades e adquirir novos conhecimentos. Eu abracei a oportunidade para satisfazer minha necessidade como professora, como Sardelich (2001) descreve, de me envolver com a produção, apreciação e fruição.

Para possibilitar a sensibilização do estudante, é necessário que o próprio professor se envolva com ampla gama de experiências artístico- culturais. Somente uma pessoa que mantém viva a curiosidade, parte fundamental dessa condição humana que é o desejo de conhecer, não apagará a qualidade em outras pessoas, senão seus procedimentos se tornam mecânicos. Nós, professores, necessitamos de um espaço que ofereça todas as mídias possíveis: [...] Capturar, agarrar, apanhar, segurar, apoderar-se da oportunidade. (SARDELICH, 2001, p. 146).

Assim, me aventurei pelo mundo da linguagem audiovisual! O que seria apenas um registro das atividades práticas, virou o resultado do próprio processo de criação. Mudando primeiro o meu, e depois o olhar criativo dos alunos envolvidos, o projeto “Interfaces das linguagens artísticas na escola: o audiovisual como via de acesso” inaugurou uma forma de “integração alocêntrica” como uma prática interdisciplinar.

A ação foi realizada entre 2016 e 2017 e envolveu a produção do Projeto de

Intervenção Pedagógica, e do material didático em forma de Caderno Pedagógico e a sua aplicação, que foi feita no Colégio Estadual Marechal Cândido Rondon, no Bairro Portão, em Curitiba, com alunos de uma turma regular do 2º Ano do Ensino Médio.

Por conseguinte, em 2019 iniciei um novo trabalho no Centro Juvenil de Artes Plásticas (CJAP), um equipamento público, vinculado à Secretaria de Estado da Cultura do Estado do Paraná (SEEC-PR), que oferece oficinas artísticas a crianças e adolescentes de 8 a 17 anos, atuando como docente. Nesse espaço, propus uma oficina de audiovisual para adolescentes entre 12 e 17 anos, que aconteciam semanalmente, no segundo semestre de 2019.

Assim foi com a experiência desenvolvida em 2020, no mesmo espaço, contudo no formato on-line, devido à pandemia da COVID-19¹. Esse projeto iniciou com uma pequena turma e, a partir de uma proposta externa, foi expandida para todas as turmas daquele ano.

As duas experiências serão apresentadas no estudo ‘Ressignificâncias no espaço não formal: Experiências Audiovisuais no Centro Juvenil de Artes Plásticas (CJAP)’. Este trabalho recebeu tal título após a reflexão sobre uma aproximação com o multi-artista Hélio Leites, chamado pelo poeta Paulo Leminski de ‘Significador de insignificâncias’, em 2019. Foi neste ano que o primeiro projeto de audiovisual foi realizado.” Para Miguel Fontes (2021),

Ressignificar, na acepção que se assume doravante, consiste em dar outros significados a acontecimentos, formas, práticas e sentidos pelos quais as sociedades foram e têm sido condicionadas na Era Contemporânea, e fazê-lo com a atenção posta na redescoberta e no desenvolvimento do que temos, enquanto humanidade, de mais sublime. (FONTES, 2021, p. XX).

1.1 TRAJETÓRIA DA PROFESSORA PESQUISADORA

¹ Declarado pela OMS, em 30 de janeiro de 2020, o surto do coronavírus constituiu uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. A COVID-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que se espalhou rapidamente pelo mundo desde o final de 2019. A doença é altamente contagiosa e pode ser transmitida por gotículas respiratórias de uma pessoa infectada. Os sintomas mais comuns incluem febre, tosse, fadiga, dor de cabeça e perda de olfato ou paladar. A pandemia teve um impacto significativo na saúde pública, na economia global e na vida cotidiana das pessoas em todo o mundo. Desde o início da pandemia, muitos países implementaram medidas de distanciamento social, como o uso de máscaras faciais, o fechamento de escolas e empresas, e a proibição de grandes reuniões públicas, para tentar conter a propagação do vírus. Cientistas e profissionais de saúde continuam a trabalhar para desenvolver tratamentos eficazes e vacinas para prevenir a propagação da doença.

Então, inspirada pelo trabalho de mestrado de Leandro Alves, “*Tessituras a/r/tográficas: ensino de artes visuais no Centro de Referência Especializado de Assistência Social– São Gonçalo do Amarante (RN)*”, e na tese de doutorado de Valéria Peixoto de Alencar, “*Mediação cultural em museus e exposições de história: Conversas sobre imagens/história e suas interpretações*”, gostaria de relatar o caminho percorrido até chegar a esta pesquisa. Narrando minha trajetória na educação, em especial no Centro Juvenil de Artes Plásticas, como ingressei na instituição e o processo de ressignificação desenvolvido durante a prática educativa em audiovisual. Pois:

Ao narrar a experiência vivida, o professor aprende sobre si mesmo e sobre a sua prática, pois ao organizar o pensamento por escrito, na experiência narrativa, constitui um campo de reflexão: toma distância para aproximar, aproxima para aprofundar, aprofunda e reconstitui o vivido com outras cores, de forma ampliada e integrada. (OSTETTO, 2012, p. 134).

Parafraseando Alves (2020) que cita Ostrower (2014), busco transformar minhas experiências em palavras, pois “[As palavras] servem de mediador entre nosso consciente e o mundo. Quando ditas, as coisas se tornam presentes para nós” (OSTROWER, 2014, p. 21, [grifo da autora]).

Iniciei minha trajetória como arte educadora trabalhando como professora da disciplina de Arte em escolas públicas estaduais pela Secretaria de Estado da Educação (SEED-PR) por mais de 18 anos. Ministrei aulas para todas as séries do Ensino Fundamental II – séries finais (6º ao 9º ano), Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), o que impõe um grande jogo de cintura e versatilidade para transitar entre conteúdos e alunos com idades que iam de 10 a mais de 60 anos. Além disso, tive de lidar com diferentes condições de trabalho e público, formado por crianças, adolescentes, jovens e adultos das mais variadas condições sociais, culturais e econômicas.

Buscando novas possibilidades, candidatei-me a uma vaga para professora no Centro Juvenil de Artes Plásticas, um equipamento público vinculado à Secretaria de Estado da Cultura (SEEC-PR). Por acordo de cooperação entre as secretarias de Estado, havia a possibilidade de ser cedida como professora do quadro próprio (QPM) da Secretaria de Estado da Educação (SEED-PR) para atuar em equipamentos da Secretaria de Estado da Cultura (SEEC-PR). Passei pelo processo

de seleção que incluía apresentação de currículo e entrevista e fui aprovada no último trimestre do ano de 2018. Após os trâmites de mudança de secretarias, iniciei no CJAP em março de 2019.

Desenvolvi ali diversas atividades: ministrei oficinas artísticas para crianças, realizei atendimento a grupos escolares, auxiliei instrutores em diferentes oficinas, entre outros. Então no segundo semestre, fui desafiada a desenvolver um projeto para uma oficina de Videoarte. Como já havia desenvolvido um projeto de intervenção pedagógica e material didático sobre audiovisual na escola, entre 2016 e 2017, e me apaixonei pelo cinema educação, a proposta, apesar de desafiadora, me deixou animada. Era uma oportunidade de buscar novas possibilidades didático-pedagógicas para que eu não me colocasse em posição estática.

Propus uma oficina de audiovisual, naquele momento com o título de “Videoarte”, para adolescentes entre 12 e 17 anos, que ocorreu semanalmente, no segundo semestre de 2019. Os resultados dessa experiência, assim como daquela desenvolvida em 2020, no mesmo espaço, porém no formato on-line devido à pandemia da COVID-19, serão relatados adiante.

Ambas as propostas de oficina, intituladas: Videoarte - Audiovisual e suas interfaces com a Arte tinham, inicialmente, como proposta pedagógica por mim descrita na Proposta Pedagógica Curricular (PPC), ser uma oficina teórico prática sobre a História do Cinema, elementos da linguagem visual, atividades práticas (roteiro, filmagem, decupagem, edição, etc) e análise das diferentes formas de videoarte para iniciantes. E como produção final, a criação de obra estética narrativa ou não, utilizando recursos e aplicativos de celulares (CJAP, 2020).

Como justificativa, argumentei que, devido à presença massiva das tecnologias, todos os setores da sociedade são afetados por ela, inclusive a educação. Fantin (2011, p. 50), fala dessa influência: “hoje as mídias apresentam cada vez mais cedo o mundo às crianças, e elas trazem o repertório do cinema, da televisão, dos quadrinhos, da literatura, da imprensa e das redes nas falas cotidianas – muitas vezes cheias de estereótipos - que compõem o currículo extraescolar”, e salienta a importância de a escola ter um trabalho que leve a consciência crítica e a depuração desses conhecimentos. Justificando então que as possibilidades de estudo, trabalho e pesquisa no campo do cinema e das artes, contribuem com a sensibilização dos olhares, a partir de conhecimentos técnicos, referências e reflexões sobre o consumo audiovisual hoje, tanto quanto proporcionar

um espaço estimulante, democrático e horizontal de criação.

Portanto, tendo em vista que os adolescentes hoje utilizam os mais diferentes espaços audiovisuais para se expressar e se relacionarem, como escola não formal, nos propomos a direcioná-los a transformar a sua criatividade em uma produção autoral e significativa.

E, como objetivo geral, a proposição da oficina foi promover relações entre a imagem, o movimento e o som, despertando o interesse pelos elementos da linguagem audiovisual. Permitindo assim, construir poéticas, interligando as diversas áreas da Arte por meio da produção de obras estéticas, narrativas ou não, incentivando que o aluno atuasse como protagonista em diferentes experiências audiovisuais.

Então, como professora, pesquisadora e proponente de experiências, procurei me colocar como facilitadora da aprendizagem, como defende Vygotsky (1998), e não apenas como provedora de conteúdos. Conforme o referenciado teórico, o professor, quando media as situações de aprendizagem dos alunos, está participando ativamente da construção e do desenvolvimento do conhecimento por parte do aprendiz. Destaca, ainda, que esta mediação, realizada pelo professor durante o processo de aprendizagem do aluno, irá permitir a este ser criativo, questionador e também ativo neste processo, do qual surgirão sempre novos conhecimentos. Parafraseando o pensamento de Vygotsky (1998), assumir o papel de professora mediadora era de suma importância para o desenvolvimento e aprendizado dos alunos, levando-os a interagir com o meio e buscar conhecimento contextual elaborado a partir das trocas sociais.

Esse projeto traz como problema a seguinte pergunta: “Em que medida o conhecimento da Linguagem do Audiovisual por adolescentes pode permitir uma maior reflexão crítica sobre si e sobre o mundo?”

O objeto desta pesquisa era a produção audiovisual feita pelos adolescentes que frequentam o CJAP, um espaço educativo não formal. Esses jovens estão conectados ao ciberespaço e usam as redes sociais (Youtube, Tik Tok, Instagram e outros) como plataformas de expressão.

O objetivo da pesquisa foi investigar, através de um estudo de caso, de que maneira a apropriação das ferramentas da Linguagem Audiovisual, realizada através das oficinas de Audiovisual no Centro Juvenil de Artes Plásticas (CJAP), possibilita, aos adolescentes, uma maior reflexão crítica sobre si e sobre o mundo, com um

recorte temporal de oficinas que ocorreram entre 2019 e 2020.

Para isso, a pesquisa discutiu a apropriação das ferramentas do audiovisual por adolescentes conectados nos ciberespaços e usuários de redes e mídias sociais, que buscam oficinas de audiovisual em espaços escolares informais. Buscando identificar como um adolescente se torna protagonista, ao se apropriar do audiovisual, refletindo sobre seu uso e ressignificando seu universo. Também objetivando entender a produção de conteúdo desses adolescentes para as redes sociais e a forma como, ao se apropriarem da linguagem do audiovisual, transformam seu olhar. Portanto, é fundamental saber quem eles eram e o que se tornaram ao longo de suas participações nos projetos aqui relatados.

Então, especificamente, foram estes os objetivos da investigação:

- I. Identificar como o adolescente se conecta com o mundo do audiovisual de que forma ele se percebe nas redes e faz uso delas.
- II. Analisar em que medida as práticas da linguagem audiovisual têm propiciado ao adolescente a reflexão crítica do mundo.
- III. Evidenciar possibilidades de apresentação do audiovisual na escola não formal enquanto linguagem artística, por meio de uma vivência estético-cultural e não apenas como uma ferramenta tecnológica.

Esta análise foi realizada com base em duas experiências de produção audiovisual, com um público adolescente, entre 2019 e 2020, em dois formatos, com o olhar do presencial e do on-line. Além disso, foram descritas as escolhas dos referenciais teóricos, avaliativos e metodológicos feitas pela pesquisadora em sua prática no CJAP, nas oficinas de audiovisual.

1.2 A PESQUISA

Este estudo é apresentado em forma de dissertação e, metodologicamente, pode ser classificado como bibliográfico de caráter teórico-prático, cujo método tem o referencial teórico e metodológico dos autores como fio condutor, que evidenciam as temáticas: audiovisual, adolescentes e o uso das tecnologias, mídias audiovisuais, comunicação em rede, experiências e discursos sociais. A abordagem da pesquisa pode ser definida como quantitativa e qualitativa, de delineamento descritivo-explicativo. Sobre a pesquisa qualitativa, Minayo (2001, p. 21) declara que

esta “responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Dessa forma, através da pesquisa qualitativa, o pesquisador é capaz de interpretar fenômenos e obter dados descritivos a partir de sua interação com o objeto analisado. Enquanto a pesquisa quantitativa se concentra em dados numéricos, comparando resultados e analisando dados.

Em relação ao caráter descritivo, Gil (2008, p. 28) afirma que “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. Para o autor, quando uma pesquisa descritiva “vai além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação”, se aproxima da pesquisa explicativa, tornando-se uma pesquisa descritivo-explicativa (GIL, 2008, p. 28).

Considerando tais aspectos, para esta proposta, adotamos como método investigativo o estudo de caso, que, para Lüdke e André (1999), se aproxima mais de uma abordagem metodológica de pesquisa do que de um tipo de procedimento. Esse método de pesquisa é formado de três etapas: exploratória; sistematização de coleta de dados e delimitação do estudo; e análise e interpretação das descobertas.

Evitando a polêmica que envolve os conceitos de metodologia, método e técnica, optamos pelo que dizem Cervo e Bervian (2002, p. 26): o “[...] método se concretiza como o conjunto das diversas etapas ou passos que devem ser dados para a realização da pesquisa”. Isso é definido pelas técnicas de pesquisa que, no presente caso, figura em entrevista semiestruturada, dois questionários formulados on-line e coleta de informações dos bancos de dados do próprio Centro Juvenil de Artes Plásticas.

Utilizando a tipologia de Vergara (1997), trata-se de uma pesquisa do tipo telematizada, pois utiliza informações que combinam o uso de computador e de telecomunicações. O questionário foi formulado on-line, elaborado utilizando o Google Forms, pacote de aplicativos do Google que permite, entre outras coisas, criar e aplicar formulários de pesquisa on-line.

O instrumento utilizado era composto de dois campos. O primeiro buscava informações descritivas da amostra: nome, idade, oficina que frequentava, acesso à internet, uso de redes sociais, importância das atividades artísticas, se já havia feito uma videoarte etc. O segundo campo continha questões comportamentais, com

espaço para opinião particular, do tipo: como estava se sentindo durante a pandemia, o que achou do resultado da produção audiovisual, quais foram as dificuldades para realizar, entre outras.

A pesquisa de campo foi realizada no Centro Juvenil de Artes Plásticas, entre 2021 e 2023. Nesta etapa, procurei coletar os dados a partir de um plano flexível, que foi sendo complementado na medida em que a investigação se desenrolava. Cinco momentos foram delineados:

- I. Pesquisa da documentação referente à história da instituição, para entender como surgiu o CJAP e seu desenvolvimento até os dias atuais. Para isso, documentos, relatórios de atividades e outros materiais internos e produções bibliográficas foram lidos, a fim de entender melhor como se articula a história do espaço onde aconteceram as oficinas;
- II. Transcrição e análise das entrevistas semiestruturadas, realizadas em forma de vídeo, gravadas pelas próprias alunas da oficina de Videoarte de 2019;
- III. Tabulação e análise de pesquisa realizada pelo Setor Educativo, no ano de 2020, com os alunos das oficinas de forma on-line, através de formulário do Google Forms que estava no arquivo;
- IV. Realização, tabulação e análise de pesquisa com os participantes do Projeto “Meu Mundo Minha Janela”, efetivada forma on-line através de formulário do Google Forms;
- V. Entrevistas semiestruturadas com a professora Liane Barreto, integrante do Setor Educativo e o diretor da Instituição, Luiz Gustavo V. Vidal, e duas participantes do Projeto Vídeo Cartas (2019), gravadas em arquivo de áudio e posteriormente transcritas.

Ao longo do texto, serão usadas as citações literais das questões abertas, pois elas foram fundamentais para as reflexões que apresentamos. Também incluiremos imagens fotográficas, algumas obtidas dos arquivos do Setor Educativo e do Setor de Pesquisa e Acervo do CJAP, outras produzidas pela própria pesquisadora durante as oficinas ou através de prints de telas dos vídeos das produções audiovisuais. As imagens ajudam na narrativa e também podem ser analisadas e interpretadas, pois não são apenas ilustrações.

Durante a análise dos dados, utilizamos dois procedimentos diferentes para lidar com o material quali-quantitativo. Para os dados quantitativos, realizamos uma

tabulação simples e analisamos os resultados. Já para os qualitativos, escolhemos a análise de conteúdo, que é um conjunto de técnicas para analisar comunicações (BARDIN, 1979). Barros e Lehfeld (1996) postulam que a análise de conteúdo

[...] é atualmente utilizada para estudar e analisar material qualitativo, buscando-se melhor compreensão de uma comunicação ou discurso, de aprofundar suas características gramaticais às ideológicas e outras, além de extrair os aspectos mais relevantes. (BARROS; LEHFELD, 1996, p. 70).

Complementando isso, Bardin (1979, p. 31) aponta que a análise de conteúdo não possui um modelo pré-definido e deve ser reinventada continuamente. Para tratar os dados da pesquisa, seguimos os três momentos propostos pela autora: **pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados**, incluindo **inferência e interpretação**.

Desse modo, o presente estudo traz alguns aspectos que serão abordados ao longo do texto como os eixos de entrelaçamento da pesquisa, sem os quais não é possível ter-se uma visão ampla do processo de averiguação proposto.

No primeiro capítulo, realizamos uma discussão a partir de alguns autores sobre cultura, tecnologias digitais, comunicação em rede, além do entrelaçamento da cultura digital e propostas pedagógicas.

No segundo capítulo, “Conhecendo o Centro Juvenil de Artes Plásticas”, apresentamos um histórico deste equipamento público, que é vinculado à Secretaria de Cultura do Estado do Paraná (SEEC-PR) e oferece oficinas artísticas para crianças e adolescentes de 08 a 17 anos desde 1953. Descrevemos este espaço, onde ocorrem as oficinas de Audiovisuais propostas pela pesquisadora deste trabalho, com base em pesquisas bibliográficas. Incluímos informações sobre o que é o CJAP, como funciona e como ele se transformou, ao longo do tempo, num espaço de ensino e difusão da cultura e da arte no Paraná. Também fornecemos um panorama geral da história do CJAP, destacando os atores e autores envolvidos em sua criação, e evidenciando sua trajetória no ensino da arte no contexto cultural de Curitiba, bem como sua importância histórica como centro de cultura e conhecimento artístico para crianças e adolescentes. Além disso, descrevemos as oficinas oferecidas pelo centro de maneira genérica, incluindo conteúdos, ementas, faixa etária e quantidade de alunos entre os anos de 2019 e 2020, com ênfase no público específico de interesse para esta pesquisa: os adolescentes.

No terceiro capítulo, “O Adolescente, as Redes e a Linguagem Audiovisual”, apresentamos, inicialmente, pesquisas sobre o acesso à internet e o uso de redes sociais por crianças e adolescentes, além de tratar de sua apropriação com relação ao uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Em seguida, é feita uma explanação sobre os adolescentes que frequentaram as oficinas do CJAP, em especial as oficinas de audiovisual citadas e detalhadas, incluindo informações sobre faixa etária, escolaridade, local de residência, entre outras. Analisamos suas relações e motivos para aprenderem sobre audiovisual, incluindo o uso da internet e das redes sociais. Em um terceiro momento, apresentamos conceitos e significados sobre a Linguagem Audiovisual e sua relação com as oficinas. No quarto momento, a pesquisadora relata o caminho percorrido até a produção desta pesquisa e os projetos de audiovisual desenvolvidos durante os anos de 2019 e 2020 no Centro Juvenil. Este estudo também destaca o desafio de trabalhar a linguagem audiovisual com adolescentes em um ambiente educacional não formal, na perspectiva das artes e da experiência de aprender e se aperfeiçoar. Ressalta-se que a aprendizagem não pode ocorrer sem reflexão e que o CJAP é um espaço que propicia, ao aluno, a oportunidade de experimentação e fruição artística. No quinto e último momento, apresentamos um relato sobre as oficinas de audiovisual e as produções realizadas pelos adolescentes do CJAP, incluindo transcrições de citações dos participantes coletadas em pesquisas realizadas pela presente autora. A pesquisa é finalizada com a análise e discussão dos dados obtidos a partir dos materiais coletados, bem como as considerações finais.

1.3 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

Este estudo parte do pressuposto de que, no contexto atual, boa parte dos adolescentes está cada vez mais envolvida com a utilização de novas tecnologias, participando com intensidade de redes sociais baseadas em Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), um complexo universo de interações que tem se aperfeiçoado continuamente.

Imbricado às novas tecnologias, temos o audiovisual que de acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, é “[...] qualquer comunicação, mensagem, recurso, material etc. que se destina ou visa estimular os sentidos da audição e da visão simultaneamente”. O audiovisual e as TICs (Tecnologia da Informação e

Comunicação), de forma geral, vêm desempenhando um novo papel na sociedade e principalmente na vida do adolescente.

De acordo com Almeida (2013), as tecnologias de vídeo e fotografia se popularizaram entre adolescentes e jovens de todas as classes sociais. Como resultado, temos uma geração que está amplamente familiarizada com o registro audiovisual. Essa forma de interação com o mundo está indiscutivelmente presente no ambiente escolar, permitindo o registro de atividades educacionais ou não relacionadas à escola, conflitos entre colegas ou mesmo demonstrações de afeto. Para Pereira (2015), esse é o adolescente da atualidade,

alguém que vive conectado com o mundo virtual e que faz dele seu próprio mundo; alguém que busca no imediatismo e, na mesma velocidade das interfaces, às interações sociais, a construção de um espaço com significados próprios e com identidade (PEREIRA, 2015, p. 45).

Com esses dispositivos, eles permanecem conectados aos seus grupos sociais e às comunidades a que pertencem, em um fluxo constante de troca de informações, compartilhamento de emoções e experiências do dia a dia. Sendo assim, é comum ver adolescentes usando seus celulares como se fossem uma extensão de suas mãos.

Para Carles Feixa (2005), a geração atual de crianças e jovens é a primeira a ser educada na era digital, sendo conhecida como “a geração em rede”. Em um artigo, esse autor menciona um estudo de Don Tapscott (1998), intitulado “The Rise of The Net Generation”, que se dedica a esse público. Segundo Tapscott (1998), assim como os baby boomers do pós-guerra lideraram a revolução cultural dos anos 60, com o surgimento da mídia de massa, a geração em rede também está liderando uma nova cultura de comunicação. Ele argumenta que o impacto cultural das novas tecnologias é imenso e significativo.

Nesse cenário, onde as mídias digitais constroem o cenário sociocultural do mundo atual, o audiovisual adquire, para o adolescente, um significado particular, pois se impõe como um mediador da comunicação dele com o mundo. A exemplo das plataformas de socialização como o Youtube, Instagram e TikTok, que possibilitam compartilhamento de material audiovisual que encontra um receptor, mídias que ajudam a construir uma “nova cultura”, uma forma atualizada de o adolescente se relacionar com o mundo e com ele mesmo, pois, dentro dessa

cultura, ele pode depositar sua ansiedade, seus conflitos, seus medos e suas alegrias.

De acordo com Lévy (1999), o “ciberespaço” é um novo ambiente de sociabilidade, arranjo social, informação e conhecimento, também chamado por ele de “Rede”. É nesse ambiente artificial, criado com ferramentas da informática, que a “cibercultura” se desenvolve. Esse termo, cunhado pelo autor mencionado, refere-se à cultura baseada em conectividade, hipertextualidade e interatividade. As manifestações da cibercultura são compartilhadas no ciberespaço e acessíveis em qualquer lugar do mundo físico. Exemplos incluem sites, redes sociais, jogos em rede e televisão interativa.

A cibercultura não exclui as ações do mundo físico nem pode ser separada da cultura. Ela engloba fenômenos que acontecem fora do mundo digital, mas que de alguma forma são impactados pelas novas tecnologias, como produções artísticas e intelectuais e a relação entre as pessoas. A cibercultura também pode ser considerada a expressão de uma nova forma cultural universal, diferenciando-se de outras por não ser determinada por um sentido global ou totalizante. Ela é um sistema aberto e imprevisível, em que não há um modelo a ser seguido. A mudança é constante e acelerada. (LÉVY, 1999, p. XX).

Nesse sentido, o conceito de cultura pode ser compreendido de diversas maneiras e não é unânime. De forma simples, a cultura pode ser entendida sendo os comportamentos, tradições e conhecimentos de um determinado grupo social, incluindo aspectos como língua, comidas típicas, religiões, música local, artes e vestimenta. Já para as ciências sociais, tal qual a sociologia e a antropologia, cultura é uma rede de compartilhamento de símbolos, significados e valores de um grupo ou sociedade, formados artificialmente pelo homem, de maneira não-natural.

Esse conhecimento social é adquirido através da interação entre indivíduos, objetos e os pares. Isso envolve o compartilhamento de conceitos, ideias, teorias, emoções e desejos. Essa interação social cria cultura (conhecimento) e é possibilitada pela linguagem: “A cultura, que é característica da sociedade humana, é organizada/organizadora via o veículo cognitivo que é a linguagem” (MORIN, 1992, p. 17).

O antropólogo Clifford Geertz (1926-2006), define a cultura como teias de significado, por meio das quais o homem estabelece as relações com a natureza e com outros homens, formando um conjunto de representações simbólicas que dão significado à vida social.

O conceito de cultura que eu defendo é essencialmente semiótico acreditando como Marx Weber que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e sua análise, portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado. (GEERTZ, 1978, p. 15 apud BERGER, s/d, p. 01).

Nas palavras do britânico Edward Tylor (1832-1917), “a cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (TYLOR, ANO, PÁGINA), definindo, assim, a cultura como o comportamento por meio da aprendizagem social, fazendo dela uma poderosa ferramenta para a sobrevivência humana.

Portanto, a “nova cultura” como referida acima é a cultura midiática, é a cultura do mercado, pensada e produzida para ser transmitida e consumida segundo a gramática, a lógica própria, a estética e a forma de incidência e recepção peculiares ao sistema midiático-cultural. Não se trata apenas da conformação do público a determinados hábitos, padrões de comportamento, valores, gostos e preferências, difundidos por meio da mídia, mas da criação, duplicação ou da recriação da realidade por meio dela (MOREIRA, 2003).

Ainda segundo Moreira (2003), a cultura midiática tem afetado cada vez mais as formas de comportamento, consumo, pensamento, gostos e preferências, que passam a ser expandidos globalmente, muitas vezes popularizando fragmentos desconexos das culturas locais. Ressalta, ainda, que cada vez mais a produção e a transmissão das formas simbólicas (que refletem as experiências e as visões de mundo das pessoas) são mediadas pelas instituições e pelos aparatos técnicos da mídia. Ou seja:

A cultura "passa" ou "acontece" cada vez mais na e por meio da mídia. Isso implica: a) que as manifestações culturais mais diversas só são reconhecidas como tais pela sociedade depois de serem "mostradas" ou incorporadas pela mídia; b) que as próprias criações, os personagens e produtos da mídia se tornam bens culturais de alcance social. Ambos os níveis interagem, de forma que a mídia se torna ao mesmo tempo acontecimento, produção e divulgação cultural. Tal abrangência justifica a introdução do conceito de sistema midiático-cultural. Um dos resultados desse processo é a produção da cultura midiática. (MOREIRA, 2023, p. XX).

Desse modo, o adolescente que vive imerso em interfaces e em mídias digitais, utilizando aparelhos celulares com inúmeras perspectivas de comunicação,

tem a possibilidade de construir uma nova cultura. Para Pereira (2015, p. 46), dentro dessa nova cultura, cabe pensar também em construir uma nova proposta de ação pedagógica, dentro de um espaço educacional que contemple a cultura das mídias digitais.

Ainda sobre esse entrelaçamento entre cultura digital e propostas pedagógicas, Pires (2010) enfatiza que “audiovisual e as mídias digitais” são verdadeiros objetos da cultura material e podem ser vivenciados dentro do espaço escolar, possibilitando transformar o invisível em visível e, por meio de uma linguagem, traduzir em imagens, afetos, pensamentos e emoções. Desse modo, a tecnologia audiovisual é uma forma de produção de subjetividade, que envolve sujeitos únicos, com suas experiências de vida e particularidades que emergem nos diversos espaços, inclusive no espaço escolar.

Portanto, o audiovisual integrado ao mundo virtual, pode ser compreendido como um modo de expressão que faz parte do cenário contemporâneo e, por meio desse instrumento, os jovens podem se comunicar e ressignificar suas angústias, sua identidade e a relação com seu corpo. É a partir da possibilidade de compartilhamento grupal no âmbito virtual que as situações enfrentadas individualmente ganham uma interlocução possível. Assim, as ferramentas tecnológicas constituem um modo para o adolescente reescrever sua história e expressá-la na interlocução do mundo virtual. (PEREIRA; BRASIL; VIDIGAL, et al., 2015, p. 259).

Em “Polegarzinha”, Michel Serres (2013) ressalta que é necessário conhecer a quem se vai ensinar. Pois, os jovens a quem ensinamos, hoje, não são mais como os de décadas atrás, não tem mais as mesmas vivências. Seus mundos são envoltos por tecnologias, conectados no ciberespaço, seres que “habitam o virtual” que tem um olhar e uma postura totalmente diferente das gerações de décadas atrás. Experimentam espaços que seus pais e gerações anteriores não imaginavam existir. Eles dominam muito bem os aparelhos tecnológicos e as mídias digitais, transitam, muitas vezes, mais e melhor, no on-line do que no off-line.

De acordo com Jenkins (2020, p. XX), “quaisquer alterações que ocorrem no nível da cultura e da tecnologia começam a ser divulgadas a partir dos jovens”. Esse protagonismo juvenil é apoiado por Prensky (2001) em sua dicotomia de “nativos e imigrantes digitais”, onde ele afirma que novas tecnologias estão criando um novo tipo de indivíduo, mais adaptado e naturalizado ao uso de dispositivos digitais. O autor descreve “imigrantes digitais” como aqueles que nasceram antes dos anos 1980 e estão tentando se adaptar às inovações tecnológicas. Por outro lado,

“nativos digitais” são crianças e adolescentes nascidos após 1980, que já nasceram imersos na tecnologia e cresceram acompanhando seu desenvolvimento. Eles resolvem praticamente tudo com o auxílio de um smartphone.

Serres (2013) também afirma que os jovens de hoje são culturalmente diferentes de seus antepassados, sendo mais capazes de manipular várias informações e realizar várias tarefas simultaneamente. Isso ocorre porque houve mudanças cognitivas. O uso de redes sociais, a leitura e a escrita de mensagens com o polegar, ativam diferentes neurônios e áreas corticais em relação ao que acontece quando do uso de livros, quadros-negros ou cadernos. Serres (2013, p. 19) afirma que os jovens “não conhecem, não integralizam, nem sintetizam da mesma forma que nos seus antepassados”.

Hoje, a convivência multicultural é normal, enquanto as gerações anteriores muitas vezes viviam, estudavam e se relacionavam com grupos culturais, étnicos ou sociais mais homogêneos. No entanto, eles são indivíduos sem laços sociais, vínculos ou filiação coletiva e buscam novas conexões, muitas vezes on-line. Isso é evidenciado pelo grande crescimento de usuários em plataformas digitais como Facebook (SERRES, 2013, p. 22-23), YouTube, Instagram, TikTok, Twitter, entre outros.

Como resultado da comunicação em rede, a informação agora é transmitida constantemente, e acessível em qualquer lugar. Não está mais concentrada, mas distribuída. Isso transformou a maneira como aprendemos, e nossas funções cognitivas se adaptaram para assimilar esse conhecimento compartilhado. Castells (2005) discorda de afirmações de que a sociedade emergente seja a sociedade de informação ou sociedade do conhecimento. Para ele, o conhecimento e a informação sempre foram, historicamente, conhecidos em todas as sociedades. O autor ressalta, ainda, que “o que é novo é o facto de serem de base microeletrônica, através de redes tecnológicas que fornecem novas capacidades a uma velha forma de organização social: as redes” (CASTELLS, 2005, p. 17, sic). Além disso, o teórico afirma que, em termos históricos, as redes eram algo do domínio da vida privada. Hoje, essas redes de tecnologias digitais são flexíveis e adaptáveis, ultrapassam os limites históricos, transcendem fronteiras, pois “a sociedade em rede é global, é baseada em redes globais” (CASTELLS, 2005, p. 18).

Atualmente, vários pensadores e teóricos questionam o excessivo compartilhamento de informações. Han (2018), usando o conceito cunhado em 1996

pelo psicólogo britânico David Lewis, cita a Síndrome da Fadiga da Informação (SFI), alegando que o acesso à informação está levando ao esgotamento, porque o cansaço da informação “é a enfermidade psíquica que é causada por um excesso de informação” (HAN, 2018, p. 60). O filósofo sul-coreano destaca que a “massa de informação não filtrada faz, porém, com que a percepção seja embotada” (HAN, 2018, p. 60). Logo, o excesso de informação faz com que o pensamento defina.

O excesso de informações pode afetar a saúde e gerar estresse, ansiedade e até falta de memória. Segundo especialistas em tecnologia da informação, o exagero de dados pode ser considerado uma infodemia, ou seja, um fluxo enorme de dados que se espalha pela internet a respeito de um assunto. Portanto, o excesso de pensamentos dificulta a concentração e aumenta a ansiedade.

Ainda de acordo com Han (2018, p. 61), a partir “de um determinado ponto, a informação não é mais informativa [*informativ*], mas sim deformadora [*deformativ*], e a comunicação não é mais comunicativa, mas sim cumulativa”. Portanto, o sujeito, em especial o jovem, está se tornando “narcisista-depressivo”, pois o “mundo aparece a ele apenas sob a sombra do Si”, em decorrência das “mídias narcisistas”. (HAN, 2018, p. 62). Outro crítico do uso das mídias sociais, Bauman (2013) destaca que os jovens são como “terras virgens”, facilmente adestrados para o consumo:

Pensa-se sobre a juventude e logo se presta atenção a ela como “um novo mercado” a ser “comodificado” e explorado. “Por meio da força educacional de uma cultura que comercializa todos os aspectos da vida das crianças, usando a internet e várias redes sociais, e novas tecnologias de mídia, como telefones celulares”, as instituições empresariais buscam “imersão os jovens num mundo de consumo em massa, de maneiras mais amplas e diretas que qualquer coisa que possamos ter visto no passado”. (BAUMAN, 2013, p. 32).

No livro “Nascidos na era digital”, de 2011, os autores Palfrey e Gasser discutem a exposição excessiva às mídias, bem como a construção e administração da identidade pelos jovens. Eles distinguem: identidade pessoal (interesses e atividades) e identidade social (características provenientes do ambiente familiar e das comunidades com as quais o jovem convive). Para eles, com o aumento de Nativos Digitais, a construção e administração da identidade está mudando. A identidade social pode ser definida pelas conexões em redes sociais, como o Facebook. A identidade pessoal on-line pode ser representada por um avatar, permitindo ao jovem criar autorrepresentações, que podem ou não coincidir com sua

verdadeira identidade, demonstrando instabilidade pessoal. Essas conexões promovem alta exposição de informações pessoais, trazendo riscos ao jovem pela possibilidade de essas informações serem acessadas por pessoas de fora de seu ciclo de convivência digital. Nesse contexto, segundo Fernandes (2013), tal volatilidade de identidade faz parte da construção da verdadeira identidade do Nativo Digital, mas é importante que seja acompanhada por um adulto.

Para Stecz (2019), a mencionada colocação

se conecta à afirmação de Bauman pois no mundo líquido a solidez parece frágil e em luta constante contra a fragmentação e dissolução provocadas pela velocidade do mundo contemporâneo. Da mesma forma podemos relacionar os jovens que Prensky chama de nativos digitais com a geração líquida, no conceito de Bauman. (STECZ, 2019, p. XX).

Afinal, na rede, uma pessoa pode criar múltiplas versões da própria identidade, o que reflete instabilidade de comportamento e insegurança pessoal, revelando a fragilidade e a liquidez dessas relações

2 CONHECENDO O CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS

2.1 DA CRIAÇÃO DO CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS

A criação do Centro Juvenil de Artes Plásticas, em 1953, representou a concretização do ideal do professor e artista plástico Guido Viaro. De acordo com Medeiros (2009), a ideia surgiu de um concurso de desenho para crianças de escolas primárias e secundárias do Paraná, que resultaria em uma exposição, para celebrar o *Centenário da Emancipação Política do Paraná*. Isso aconteceu “como parte de uma política pública para promoção da educação e cultura e, por consequência, da educação artística para as crianças” (MEDEIROS, 2009, p. 251).

Na época, o então governador do Estado do Paraná, Bento Munhoz da Rocha Netto, após ouvir a sugestão da Professora Eny Caldeira², com um discurso “moderno” e empenhado em incentivar a cultura e arte, principalmente na Capital Curitiba, convidou o professor e artista Guido Viaro, juntamente com as professoras Emma Koch³, Odete de Melo Cid e Lenir Mehl⁴ para organizar uma exposição comemorativa, com desenhos de crianças e jovens. A sugestão do nome de Viaro ocorreu pela experiência do artista no ensino de artes para crianças e jovens, desde 1937, no Colégio Belmiro César, ou no ateliê escola improvisado no sótão da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap).

O artista já tinha sido designado, pela Portaria nº 1.937, de 22/07/1952, para exercer a Chefia do Serviço de Artes Plásticas da Secretaria do Estado da Cultura, cargo anteriormente ocupado por Emma Koch. Assim, foi oficialmente convidado a organizar a exposição comemorativa para o *Centenário*. Viaro realizou várias ações que envolviam a arte-educação em Curitiba desde a década de 1930, mesmo que

² Foi Diretora do Instituto de Educação do Paraná de 1952-1955. Em 1955 é convidada a ser pesquisadora do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais do INEP.

³ Emma Koch nasceu na Polônia, em 1904, tendo vivido neste país até completar seus estudos superiores entre 1923 e 1928. Formou-se em duas graduações distintas, uma em Artes Plásticas e, outra, em Didática Superior, ambas na Escola Superior de Belas Artes em Lwów. Chegou ao Brasil com seu marido Ricardo Koch em 1929, inicialmente moraram em Porto Alegre/PR e na década de 30 vieram para Curitiba, aqui, ambos atuaram como arte-educadores. Emma, a convite do Erasmo Pilotto, (que ocupando o cargo de Secretário de Educação e Cultura, e conhecedor do seu preparo e talento) assumiu a Direção de da Seção Artística da Secretaria (1949-1952), onde conseguiu colocar em prática vários projetos, sobressaindo-se o da implantação das Escolinhas de Arte, na rede oficial do ensino primário (OLIVEIRA; SIMÃO, 2005).

⁴ Alunas do IEP que, em 1951, fizeram um Curso de Aperfeiçoamento de Desenho, no qual Viaro ministrava Desenho e História da Arte.

de maneira informal em sua própria escola de arte, posteriormente Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap), inaugurada em 1948, assim como em escolas de educação formal. Segundo Osinski (2006), pode-se considerar que ele seja um dos precursores da arte-educação no Brasil:

Em 1935, o Ginásio Belmiro César também passaria a contar com o artista em sua folha de pagamento, destinando-lhe, da mesma forma, a cadeira de Desenho. Essa instituição seguia uma linha educacional mais aberta, de inspiração americana, que favorecia a prática de uma metodologia baseada no incentivo à expressão pessoal. Foi ali, segundo alguns autores, que teriam sido realizadas, a partir de 1937, as primeiras experiências de Viaro com o ensino de artes para crianças. Viaro possibilitava aos alunos uma experimentação da criação, entregando-lhes tintas e pincéis e contrariando os métodos das aulas tradicionais, que privilegiavam a cópia de um modelo pré-determinado. (OSINSKI, 2006, p. 56).

FIGURA 1 – FOTOGRAFIA DE GUIDO VIARO COM ALUNOS DO CJAP



Fonte: Acervo do Centro Juvenil de Artes Plásticas (1953).

Após a sugestão ter sido acolhida com entusiasmo pelo governador, Newton Carneiro, integrante da comissão dos festejos, iniciou-se as providências para a compra de papeis, pinceis e tintas (OSINSKI, 2008, p. 193). Eny Caldeira e Viaro começaram a coordenar os trabalhos, visto que mantinham uma relação de admiração e respeito profissional. Os dois dividiam as mesmas ideias com relação à

arte e à importância da arte na educação (MEDEIROS, 2008 p. 64).

Naquele momento, instituiu-se uma parceria, entre o Instituto de Educação do Paraná, o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura (SEEC-PR) e a Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap), inaugurada em 1948, onde Guido Viaro já tinha um ateliê, para viabilização de um concurso de desenhos de crianças. O concurso, que culminaria na exposição, foi organizado envolvendo crianças das escolas primárias e secundárias do Paraná (OSINSKI, 2008, p. 193). A seleção dos desenhos que compuseram essa exposição foi realizada por meio de “testes” – desenhos e pinturas que as crianças faziam em sala de aula. Segundo Osinski (2006, p. 241), os critérios de seleção eram a liberdade nos temas e certa espontaneidade expressionista no tratamento das imagens.

Viaro, Odette de Mello Cid e Lenir Mehl estiveram em 34 escolas, na maioria grupos escolares, e conseguiram que mais de 13 mil crianças fizessem uma pintura. (OSINSKI, 2008, p. 194). Conforme a sobrinha-neta de Eny Caldeira, Camila C. Langhring (2022)⁵, Viaro selecionou 1.000 trabalhos, e Eny Caldeira guardou inúmeros trabalhos, cerca de 50, que hoje fazem parte do acervo da família, e o material digitalizado se encontra também em arquivos do CJAP. Além destes, segundo a responsável pelo Setor de Pesquisas e Acervo, há 48 trabalhos coloridos, da década de 1950, que estão guardados no Centro Juvenil, mas não há registro de que estes trabalhos tenham feito parte da Exposição de 1953.

Estes 1.000 trabalhos fizeram parte da exposição denominada *1.ª Exposição de Pintura do Centro Juvenil de Artes Plásticas*, inaugurada em 19 de dezembro de 1953. A exposição foi realizada em um grande barracão, espaço do atual Ginásio do Tarumã (BASSLER, 1994, p. 13). Além de terem seus desenhos expostos nesse evento, cada criança classificada, geralmente entre 6 e 14 anos, ganhou uma bolsa para estudar Arte no sótão da Embap. Apesar de várias fontes apontarem 1.000 trabalhos selecionados para a 1.ª Exposição, no catálogo estão 488 trabalhos registrados.

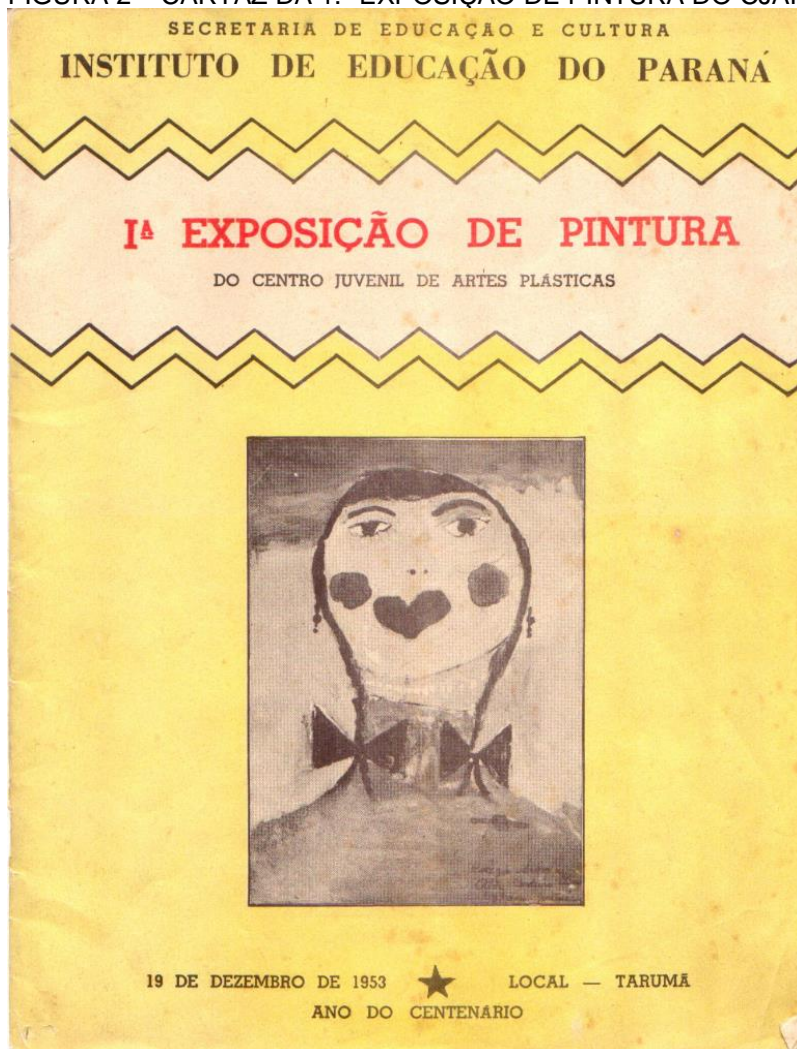
A exposição, realizada em 1953, foi um sucesso, funcionando como uma estratégia de promoção da educação artística infantil entre os pais dos alunos e na comunidade em geral. Contou com a presença das crianças escolhidas para participarem da exposição, de seus respectivos pais, convidados e autoridades. (OSINSKI, 1998 *apud* MEDEIROS, 2008, p. 66).

⁵ LANGHRING, Camila Caldeira. Entrevista concedida ao Setor de Pesquisa e Acervo, Setor Educativo e demais professores do CJAP. Curitiba, 18 mar. 2022. Informação verbal – Entrevista.

Segundo pesquisa para o *Dicionário das Artes Plásticas no Paraná*, Adalice Araújo (2006) descreve que Eny Caldeira:

Em 1953, apoia pedagogicamente e politicamente Guido Viaro na pesquisa de caráter pioneiro que o mestre faz nas escolas de Curitiba, para detectar o potencial artístico das crianças. Por solicitação de Eny Caldeira, o secretário da Educação, João Xavier Viana, cria em caráter experimental o Centro Juvenil de Artes Plásticas (CJAP). As crianças que demonstravam potencialidades artísticas recebiam uma bolsa de estudos e trabalhavam com todas as modalidades das artes plásticas – inicialmente pintura, e nos anos posteriores, modelagem e gravura. (ARAÚJO, 2006, p. 508).

FIGURA 2 – CARTAZ DA 1.ª EXPOSIÇÃO DE PINTURA DO CJAP



Fonte: Acervo do Centro Juvenil de Artes Plásticas (1953).

O sucesso da exposição e o contexto político favorável contribuíram para a inovação na educação do Paraná. De acordo com Osinski (2008, p. 202-203), havia um amplo apoio governamental no campo da educação na época, criando um

ambiente propício para a criação do Centro Juvenil de Artes Plásticas (CJAP). Isso foi influenciado pelas ideias de Erasmo Pilotto⁶, que, como Secretário da Educação e Cultura do Paraná, tentou desenvolver um departamento de educação artística infantil, dentro da secretaria, em 1949, com a ajuda de Emma Koch. A intenção era implementar vários projetos de arte e educação, incluindo um de formação de professores, mas esses planos não foram viabilizados, por conta da saída de Viaro do cargo, em 1952.

O CJAP foi criado como uma instituição anexa ao Instituto de Educação do Paraná, conforme o Decreto nº 9.628, publicado no Diário Oficial, em 16 de junho de 1953, e, inicialmente, funcionou de forma experimental, no sótão da Embap. Segundo Medeiros (2009, p. 252), Viaro foi nomeado diretor deste Centro e uma equipe de professoras foi contratada para auxiliá-lo. Com o tempo, o espaço no sótão da Embap começou a ficar pequeno. Então, em 1955, o Centro Juvenil de Artes Plásticas começou a funcionar também no subsolo da recém-inaugurada Biblioteca Pública do Paraná (BPP), atendendo às crianças. Os adolescentes e os alunos mais adiantados permaneceram no sótão da Embap (OSINKI, 2008, p. 212).

Em 1956, durante o governo de Moysés Lupion, o Centro Juvenil de Artes Plásticas deixa de ser subordinado ao Instituto de Educação e adquire autonomia, como órgão integrante da SEEC-PR, por meio do Decreto nº 6.177, de 18 de outubro de 1956. Contudo, o CJAP continuou a funcionar no sótão da Escola de Música e Belas Artes e no subsolo da BPP. Em 1959, foi transferido completamente para a Biblioteca, onde permaneceu até 1989. Neste mesmo ano, após 36 anos de funcionamento, foi transferido para a sede própria, um casarão antigo situado à Rua

⁶ Erasmo Pilotto nasceu em outubro de 1910, em Rebouças, Paraná. Formou-se na Escola Normal Secundária de Curitiba (1928), lecionou no curso de formação de professores de algumas cidades paranaenses até 1934 quando foi nomeado para reger a cadeira de Psicologia, Biologia Aplicada à Educação e História da Educação na Escola Normal Secundária de Curitiba. Erasmo Pilotto que era adepto do Movimento da Escola Nova e que trabalhou no sentido de implantar na formação de professores e no ensino primário o referido ideário educacional. Como integrante da comissão de elaboração dos novos programas para o ensino primário, corroborou para que os programas de ensino fossem institucionalizados. Foi sua atuação nos espaços educacionais e a sua participação no cenário cultural e político do Estado que o levou a ocupar o cargo de Secretário de Estado de Educação e Cultura (SEEC-PR), entre os anos de 1948 e 1951. Pilotto foi um dos principais articuladores do Movimento pela Escola Nova – MEN. Seu pensamento educativo teve ênfase na experiência estética como princípio formativo, dados pela interlocução com autores diversos, como Tolstói, Dewey, Gentile e Montessori. Essas apropriações intelectuais foram sintetizadas em suas obras publicadas entre as décadas de 1940 e 1980. FELISBERTO, Lidiane Gomes dos Santos. Erasmo Pilotto. Disponível em: <https://www.ghemat.com.br/itens/erasmo-pilotto->. Acesso em: 18 mar. 2022.

Mateus Leme, nº 56, no setor histórico da cidade, como órgão anexo ao Museu Alfredo Andersen, funcionando ali por cerca de quinze anos.

Em 2004, o prédio do CJAP passou por uma reconstrução. Nesse período, as atividades aconteceram provisoriamente em instalações cedidas pelo Museu Alfredo Andersen. A nova sede foi reinaugurada em 30 de junho de 2006 e, desde então, a instituição funciona nesse espaço, com instalações modernas e adaptadas às suas funções educativas. A criação do Centro Juvenil de Artes Plásticas, em 1953, mesmo atrelada às comemorações do *Centenário de Emancipação Política do Paraná*, foi, na verdade, a efetivação das ações empreendidas até então por Viaro, Erasmo Pilotto, Emma Koch e Eny Caldeira, entre outros, em relação ao ensino da arte para crianças. Contudo, não é possível falar dessa instituição sem exaltar seus dois principais idealizadores: Guido Viaro e Eny Caldeira. Eny Caldeira era, naquele momento, diretora do Instituto de Educação do Paraná, que deu o apoio necessário para a fundação do Centro Juvenil de Artes Plásticas, valorizando o empenho para que esse projeto tivesse início.

A paranaense Eny Caldeira⁷, que nasceu em Prudentópolis, em 1916, era professora normalista formada pela Escola Normal Secundária de Curitiba (1935) e licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná (1941). Caldeira se destacou como uma intelectual e educadora paranaense no século XX. Ela tinha uma visão especial sobre a criança e a educação, que a levou a viajar pelo mundo em busca de aprendizado e formação. É reconhecida como a pioneira na introdução do método pedagógico da renomada educadora italiana Maria Montessori no Paraná (MILLARCH, 1991). Ela sentiu, intuitivamente, que o trabalho de Montessori seria o caminho para a sua vocação de ir além de simplesmente lecionar em escolas de Curitiba. Depois da

⁷ Eny Caldeira (1916 – 2002) foi Docente Livre em Didática (1975), licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná (1941) e professora normalista pela Escola Normal Secundária de Curitiba (1935). Participou, entre outros, do XXIX Curso Internacional Maria Montessori, na Università Italiana per Stranieri di Perugia (1950), sob orientação de Maria Montessori e Estágio de Estudos no Instituto Jean Jacques Rousseau de Genebra (1951), sob a orientação de Barbel Inhelder. Exerceu os cargos de professora primária em Curitiba (1937-1944); de Diretora do Instituto de Educação do Paraná, (1952-1954); de pesquisadora no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (INEP) (1956-1960); de Membro do Conselho Estadual de Educação, (1965-1970); de Diretora do Departamento de Pedagogia da Faculdade Federal de Filosofia (1964-1968); de Coordenadora dos Programas de Educação na Universidade Volante do Paraná, nos anos de (1961/1968/1969/1970). Seus artigos sobre educação foram publicados nas publicações: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos; Revista do Ensino, Porto Alegre-RS; Revista Esso do Brasil; Revista Educação e Ciências Sociais – CBPE – INEP – MEC; Pareceres do Conselho Estadual de Educação – Revista Criteria – 1965/1970 (SILVA, 2011).

Segunda Guerra Mundial, conforme relato dado ao jornalista Aramis Millarch (Jornal O Estado do Paraná, 1991), ao ler uma breve notícia em um jornal da época, de que Montessori estava retornando à Itália após o exílio, ela decidiu que iria encontrá-la e estudar seu método de ensino.

Em 1950, viajou para a Europa e passou quase um ano fazendo vários cursos. Quando voltou a Curitiba, em 1952, foi convidada pelo governador Bento Munhoz da Rocha Neto para ser diretora do Instituto de Educação do Paraná. Ela foi a primeira mulher a ocupar esse cargo no Paraná, e permaneceu nele por três anos, até que houve uma mudança na administração. Além disso, a educadora fundou e implantou a Escola Experimental Maria Montessori, na Vila Tingui, que se tornou um modelo de ensino por muitos anos. Em 1953, introduziu o método Montessori no Jardim de Infância do Instituto e criou novas sistematizações de ensino, ganhando reconhecimento nacional por essa experiência (MILLARCH, 1991).

Então, em parceria com o professor Guido Viaro, fundou-se o Centro Juvenil de Artes Plásticas em 1953, oferecendo oficinas de artes para crianças. Ao longo de sua vida profissional, Eny Caldeira escreveu muitos trabalhos, artigos, ensaios, entre outros. No Brasil, seu trabalho na área da educação, suas ideias e seus livros, tiveram grande influência entre professores e profissionais de diversas áreas. Além disso, destaca-se a atuação de Eny e Viaro no curso de formação de jovens professoras para trabalhar arte na escola.

Quanto ao professor e artista Guido Viaro, em arquivos do próprio Centro Juvenil encontra-se descrito que Guido Viaro nasceu em 1897, em Badia Polesine, província de Rovigo, Vêneto, na Itália, de onde saiu em 1916, para a Guerra. Serviu na Marinha italiana, em Veneza, onde adquiriu a experiência de tragédia, que sempre acompanharia os seus trabalhos. Em 1921, inicia sua carreira de Mestre de Desenho, na modesta Escola Artística de Badia. Enfrenta dificuldades e fica ali por pouco tempo, viajando para Roma e, em seguida, para outros países da Europa, voltando a Veneza para estudar. O artista teve influência, em partes, do estilo pré-renascentista italiano, e, também, pelo trabalho dos muralistas modernos mexicanos que, na época, revolucionaram a arte mural (VIARO, 2023). Veio para o Brasil em 1927, passando do Rio de Janeiro a São Paulo. Autodidata e sem diploma, não lhe era permitido ser pintor, trabalhava fazendo caricaturas em jornais e pinturas murais em cafés e mansões. Ainda assim, consegue, em São Paulo, sua 1ª mostra individual em 1927 (VIARO, 1996, p. 46).

Em 1930, chegou ocasionalmente ao Paraná, onde se enamorou, decidindo passar sua vida em Curitiba. Constituiu sua família, casando-se em 1935 com Iolanda Stroppa, que foi sua grande companheira, da qual não podia prescindir. O seu único filho, Constantino, nasceu em 1938. Viaro logo conseguiu trabalho como professor de Desenho em colégios particulares, mas ao mesmo tempo mantinha trabalho contínuo na sua Arte, que expandia do Desenho à Pintura, da Gravura à Escultura. Quando chegou a Curitiba, sofreu o impacto de uma cidade pequena e com poucas pessoas interessadas em Arte. Como professor de Desenho, seu objetivo era melhorar a mentalidade artística dominante e chamar a atenção do governo para esse setor do ensino. Conseguiu emprego de professor de Desenho em diversos colégios e, ao mesmo tempo, montou um ateliê (VIARO, 1996, p. 70).

Sua primeira “Escola de Desenho e Pintura Guido Viaro”, ficava nas dependências da Sociedade Dante Alighieri (VIARO, 1996, p. 70). Como professor de Desenho em escolas públicas de Curitiba, percebeu a forma espontânea, autêntica e expressiva dos desenhos e pinturas de seus alunos, e decidiu criar um espaço para exercício e desenvolvimento da arte. Viaro dedicou mais de 40 anos de sua vida estimulando gerações de pintores que compõem o cenário atual. Artisticamente, destacou-se como pintor, ilustrador, caricaturista, desenhista, escultor e gravador. Foi um dos fundadores da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, da Revista Joaquim, do Centro Juvenil de Artes Plásticas, e é considerado, por muitos, o responsável pela inclusão do Paraná na modernidade do ensino das artes plásticas (OSINSKI, 2008). Esteve à frente da direção do Centro Juvenil de Artes Plásticas de 1953 até 1966 (CJAP, s/d) e, para ele, à criança deveria ser prestado respeito: “Nas escolas de bairro encontrei crianças com grande sensibilidade que expressavam com total pureza e espontaneidade seu mundo interior. E à criança se deve prestar o maior respeito. Já se foi o tempo que os adultos a oprimiam” (VIARO, 1997, p. 11-13).

2.2 MUDANÇAS E FINALIDADES

Desde a fundação do CJAP, ocorreram mudanças em seu espaço físico, assim como transformações em suas propostas de ensino, buscando acompanhar as inovações no campo das artes ou da educação. No começo, a iniciativa de Guido Viaro e Eny Caldeira em criar o CJAP, acompanhava os debates mais modernos

sobre a produção artística infantil livre-expressionista e espontânea, contrária à imposição dos ensinamentos acadêmicos e tradicionais. As Escolinhas de Artes no Brasil, como o próprio CJAP, foram criadas em um período de efervescência, através de muitos debates sobre a expressão da criança por meio da arte. Essa era uma inovação pedagógica do próprio conceito de arte, influenciada pelo expressionismo (OSINSKI, 2008, p. 194-195).

No CJAP, Guido Viaro tinha a intenção de estimular seus alunos a gostar de arte, bem como despertar a criatividade. Devido à influência do pensamento mais avançado em educação brasileira no período, este centro levantava a bandeira da arte voltada ao desenvolvimento da criança e de seu potencial criador:

Valorizando o fazer artístico e a expressão individual, CJAP se propunha, desta forma, a ser uma alternativa de atividade fora do período escolar, onde, numa atmosfera de entusiasmo, poderia ser formada uma mentalidade nova, baseada na sensibilidade interior. O espaço físico, decorado com trabalhos de grandes artistas da atualidade e com os desenhos e pinturas das próprias crianças, faria com que elas percebessem estar mais próximas da produção artística contemporânea que dos grandes mestres do passado, compreendendo que a arte “não é uma cópia da natureza, mas uma transposição de linhas, formas e cores da própria natureza, filtrada pela própria sensibilidade do artista”. (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, [1955?] apud OSINSKI, 2006, p. 264).

Para que esse projeto tivesse êxito, as professoras escolhidas para atuarem como monitoras eram quase todas selecionadas do curso de formação de docentes, realizado em parceria com o Instituto de Educação do Paraná, iniciado em 1954. Segundo Osinski (2006), Viaro seguia a ideia de Herbert Read de que as normalistas deveriam desempenhar os papéis de ‘auxiliadora, orientadora, inspiradora, parteira psíquica’, combinando, assim, os saberes pedagógicos e artísticos. Essa professora especializada teria mais habilidade para lidar com as crianças e mais cuidado para não as afastar da autoexpressão (OSINSKI, 2006, p. 275).

Segundo o documento elaborado por Viaro, sobre os objetivos da Instituição, as monitoras responsáveis por orientar as atividades do CJAP deveriam ter as qualidades de um anjo da guarda: bondade, paciência, perspicácia, discernimento e disposição, para essa missão que ele considerava muito difícil. Elas deveriam respeitar a individualidade das crianças, mas também aconselhá-las sobre os perigos e enganos do mundo exterior que pudessem afetar a inocência infantil. Além

disso, deveriam ajudar as “personalidades inconstantes, explosivas como vulcões sem controle” a criar uma obra que, mesmo temporária, representasse o início de uma nova expressão, até então “enterrada no caldeirão dos instintos” (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, [1955?]).

Além das qualidades pedagógicas, havia a exigência de conhecimentos específicos em arte, habilidades técnicas e artísticas e de mentoria. Era necessário que a monitora fosse: “Dotada essencialmente de atitudes e índole materna, esta teria de possuir *finura psicológica*, atributo indispensável para com o trato com o público infantil, que conta muitas vezes com elementos tão *difíceis* e cheios de *melindres*” (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, 1955, *grifo do original*). Assim, podendo perceber o pensamento de que

Dentro de uma visão expressionista de arte-educação, o aluno desenvolve suas habilidades com o máximo de liberdade. Para tanto, necessita de professores que saibam respeitar e incentivar a potencialidade de cada criança. Favorecendo a livre expressão e com características psicológicas suficientes que os capacite a decodificar nos trabalhos das crianças, prováveis problemas tanto de ordem psicológica e emocional como social. (ARAÚJO, 2006, p. 617).

Ainda sobre a questão pedagógica, Medeiros (2008) observa que, apesar da dedicação do mestre Viaro e seu olhar perspicaz para a criação da criança, provavelmente, seu trabalho fosse muito mais intuitivo do que teórico:

Nesse Centro, Guido Viaro tinha a intenção de estimular seus alunos a gostar de arte, e despertar a criatividade. Devido à influência do pensamento mais avançado em educação brasileira no período, o CJAP levanta a bandeira da arte voltada ao desenvolvimento da criança e de seu potencial criador. Não há registros de que Viaro fosse um estudioso dos principais teóricos do ensino da arte da época. Todavia, Erasmo Pilotto e Emma Koch eram intelectuais que tinham conhecimento teórico e pedagógico. Embasados em Dewey, Lowenfeld, Read e em outros autores, escreveram livros e artigos sobre o assunto. Talvez Pilotto, com base em seus estudos, tenha influenciado a prática de Viaro. (MEDEIROS, 2008, p. 87).

É importante lembrar que o discurso da livre-expressão ganhou força ao longo da primeira metade do século XX, tornando-se também um método de ensino, embora mais próximo do sentido de “educação através da arte”, como exposto por Herbert Read, teórico seguido por Viaro. No final da década de 1940, a livre-expressão, nesse sentido, moveu muitas ações educativas, configurando uma tradição modernista. O Movimento Escolinhas de Arte do Brasil (EAB), criado por

Augusto Rodrigues, foi o grande responsável pela instituição desse tipo de ensino da arte.

Nessas primeiras escolinhas modernas as crianças eram incentivadas a trabalhar em grupo, pintando e desenhando sobre grandes pedaços de papel dispostos sobre mesas, chão e paredes. Era-lhes dado o mínimo de orientação. Para aquela concepção, o mais valoroso era a expressão livre da criança e o professor deveria interferir o mínimo possível. Pois, a "espontaneidade" da criança, para os modernistas, era o que deveria ser incentivado e preservado, já que os desenhos infantis produzidos livremente eram considerados como retratos da alma⁸.

Citando Noemia Varela, Azevedo (2010), aponta que, no Brasil, historicamente vivia-se em arte-educação a ideia da "livre expressão", difundida, ou, segundo ele, erroneamente interpretada a partir da difusão do "Movimento Escolinhas de Arte". Onde o professor de arte era um mero estimulador da sensibilidade, um organizador de eventos comemorativos. Neste momento, predominava o modelo denominado de Educação Artística, referendado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 5692/71; nesse contexto, para Azevedo (2010), devido à má interpretação, a arte na escola

[...] tornou-se "o reino do vale tudo", em nome da liberação da emoção, com um propósito ideológico de excluir as classes populares o direito a um processo arte/educativo emancipatório, que levaria os estudantes a leituras de mundo mais elaboradas. (AZEVEDO, 2010, p. 85, "grifo do autor").

Para Osinski (1998), infelizmente as ideias de Lowenfeld e outros teóricos foram mal interpretadas pelos arte-educadores, o que ocasionou a banalização da livre-expressão e a generalização do *laissez-faire* como prática de sala de aula, em que, ao professor, cabia simplesmente a distribuição do material a ser trabalhado. (OSINSKI, 1998, p. 150-151). Principalmente John Dewey, defensor da aprendizagem através da experiência, talvez tenha interpretado de forma equivocada o lema "*aprender fazendo*", defendido por Dewey, já que ele apontava que o professor

[...] deve ter uma atitude de participação e orientação, contrapondo-se ou ao autoritarismo ou à omissão dos dois casos extremos. Em sua opinião, a

⁸ Rede São Paulo de Formação Docente: Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP. Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41531/6/2ed_art_m2d4.pdf. Acesso em: 13 mar. 2022.

liberdade ou a individualidade não são uma característica inerente ao ser humano, mas algo a ser forjado e conquistado, por meio do exercício da experimentação. (OSINSKI, 2008, p. 226).

Segundo Osinski (2008), nem todas as ponderações de Dewey, apesar dos esforços de divulgação do educador Anísio Teixeira, chegaram a instituições brasileiras como o CJAP. Tanto que, para ela, embora Viaro reconheça a importância da mediação docente no processo educativo em arte, para ele, essa mediação era pensada em termos das relações professor-aluno, e não de conhecimento. Isso não isentava o profissional da educação da exigência de conhecimentos específicos em arte e de qualidades artísticas ou habilidades técnicas, mas esses não eram considerados suficientes para uma atuação desejável (OSINSKI, 2008, p. 227).

Para a autora, os fundamentos teóricos de posicionamento sustentados por Viaro, como idealizador e diretor da instituição, foram apreendidos tanto pelas conversas com educadores como Erasmo Piloto, Adriano Robini e Eny Caldeira, que possibilitaram que o discurso dos autores por eles lidos fosse absorvido pelo artista, quanto pela experiência adquirida ao longo de sua trajetória como artista e professor, em relação às opções feitas por determinadas correntes estéticas inclinadas à subjetividade, como o expressionismo (OSINSKI, 2008, p. 218).

Seguindo a linha da livre expressão, aos moldes de Viaro, o Centro Juvenil declara, em um de seus documentos, que a instituição não procurava formar artistas, e nem tinha a pretensão de formar “um batalhão de desenhistas quase sempre medíocres, mas sim, se possível, gente sensível, de bom gosto, capaz de discernir o belo onde quer que se encontre” (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, s/d). Então, já nos primeiros anos após sua fundação, o CJAP era considerado de fundamental importância, por fornecer um espaço educativo e cultural onde as crianças podiam encontrar liberdade de criação através da educação pela arte.

Inicialmente, segundo documentos do Setor de Pesquisa e Acervo (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, [19--?]), o Centro Juvenil de Artes Plásticas oferecia cursos de pintura e cerâmica. Com o passar dos anos, novas técnicas e conhecimentos foram incorporados aos iniciais, como: Desenho, Teatro, Gravura, Múltipla e História em Quadrinhos. Seguindo sempre o propósito de Viaro, que visava “proporcionar à criança a oportunidade de pintar, sem a preocupação com a

nota, simplesmente pelo prazer de estar em confiança consigo, aspirava que a arte não fosse prerrogativa de alguns, mas de crianças de toda a coletividade” (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, s/d).

Após sua oficialização, em 1956, o CJAP tornou-se um ateliê livre e um laboratório onde as crianças podiam desenvolver sua criatividade. Com as mudanças em suas primeiras finalidades, os alunos passaram a frequentar e participar de diversas oficinas (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, s/d). Com o passar dos anos, e com o aumento do número de alunos, o CJAP incorporou novas técnicas e conhecimentos, adicionando outras oficinas à sua grade horária, para atender crianças e adolescentes. Essas oficinas incluíam múltiplas linguagens, mosaico, teatro e modelagem (CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS, s/d). No entanto, não há relatos ou documentos que indiquem mudanças metodológicas durante esse período.

Já no início dos anos 1990, o CJAP passou por várias mudanças estruturais e metodológicas. De acordo com um documento escrito em 07 de maio de 2008, em comemoração aos 65 anos de existência do CJAP, a instituição fazia parte da estrutura do Museu Alfredo Andersen desde 1991 e era dirigida pela professora Donata Terezinha de Barros Duarte. O documento também menciona que, na época, o CJAP oferecia diversas oficinas para crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos (CJAP, 2008). Conforme Bassler (1994), seguia, ainda, a linha de atuação oriunda do legado de Guido Viaro, mas que completava o fazer artístico com a apropriação dos saberes da História da Arte.

Ainda consta no documento de 2008 que os alunos que frequentavam as oficinas uma vez por semana, durante 3 horas, pertenciam à rede oficial e particular de ensino, crianças e adolescentes que, de certa forma, se destacavam da maioria, porque, espontaneamente, seus pais ou professores os encaminham para essa vivência artística, o que lhes propiciava acréscimo na bagagem cultural. Inclusive, tinham, entre os alunos, crianças com alguma deficiência. O documento enfatiza que um dos critérios para a seleção de conteúdo a ser trabalhado no CJAP era que ele deveria fazer parte do contexto cultural da cidade, estado e país. Dessa forma, os objetivos, a organização dos conteúdos didáticos e a avaliação eram propostos tendo em vista os acontecimentos da época e acréscimos dos procedimentos técnicos de cada linguagem (CJAP, 2008).

Após 1994, a instituição aderiu à visão pós-moderna da “metodologia

triangular”, proposta desenvolvida pela Arte educadora Ana Mae Barbosa, na qual a História da Arte passa a integrar as atividades. Isso é citado em 1997, por ocasião da exposição de desenhos dos alunos do CJAP, em comemoração aos 40 Anos do CJAP, pelo então Diretor Ronald Simon (MOSTRA, 1997):

Nós trabalhamos com a metodologia triangular (que analisa o equilíbrio da obra), mas não somos rigorosos com relação a ela. Tentamos adaptar a experiência do Centro Juvenil de Artes Plásticas que existe desde 1953 (a mais antiga escola de arte do Brasil), ao ensino atual de arte. Ou seja, fizemos uma adaptação da metodologia triangular com toda a experiência que fomos adquirindo ao longo do tempo, e que nos direcionou sobre qual a melhor forma de orientarmos os alunos. Trabalhamos em cima de temas que levam a determinados artistas, e por intermédio deste artista trabalhamos movimentos nos quais eles estão inseridos. (ARAÚJO, 2006, p. 617).

A Metodologia Triangular tem origem na proposta do DBAE (*Discipline Basic Art Education*), que nada mais é do que um conjunto de ideias desenvolvidas com base em teorias, convicções e fatos sobre o aprendizado infantil, sobre o que é importante ensinar e como o conteúdo pode ser organizado. Essa proposta foi adaptada para o contexto brasileiro na década de 1980, pela professora pernambucana Ana Mae Barbosa, primeira brasileira com doutorado em Arte-educação, defendido em 1978, na Universidade de Boston, e referência em arte-educação no país até hoje. Pillar e Vieira (1992) explicam que,

Na concepção original, o DBAE reúne quatro instâncias do conhecimento em arte: a produção, a crítica, a estética e a história da arte. No caso brasileiro, levando em conta a formação do arte-educador, uniram-se as vertentes da crítica e da estética na dimensão “*leitura da imagem*”. Sendo assim, a nova concepção de ensino e de aprendizagem da arte foi denominada “Metodologia Triangular” por envolver três vertentes: o fazer artístico, a leitura de imagem e a história da arte. (PILLAR; VIERA, 1992, p. 05, *grifo do autor*).

Na sua apresentação do livro *Abordagem Triangular no ensino das Artes e Cultura Visuais*, Ana Mae Barbosa (2010) explica que o nome “Metodologia Triangular” foi divulgado primeiramente em seu livro “*A imagem no Ensino da Arte*” de 1991, e que, posteriormente, em 1998, realizou uma revisão, em “*Tópicos Utópicos*”, dos conceitos e práticas de forma mais incisiva, mudando então o nome de metodologia para “*Abordagem Triangular*”. Segundo ela, a “Abordagem Triangular” é “flexível”, “aberta a reinterpretções e reorganizações”, tanto que ela mesma o fez definitivamente, na 7ª edição do livro “*A imagem no Ensino da Arte*”,

publicada em de 2009.

Já na segunda década do século 21, no texto do Projeto Político Pedagógico (PPP, 2017), consta que, no CJAP, a arte é o principal objetivo de estudo e isso é alcançado proporcionando aos alunos a oportunidade de confrontá-la em situações de aprendizagem, tal como visitas a museus, assistindo a vídeos e entrando em contato com textos informativos através de livros de arte. Assim, os alunos desenvolvem conhecimentos estéticos e competências artísticas em diversas linguagens, como pintura, desenho, teatro, modelagem em argila, escultura, gravura, tecelagem e folclore. Eles produzem trabalhos individuais ou em grupo e, progressivamente, adquirem a capacidade de apreciar, desfrutar, valorizar e emitir juízos de valor sobre as obras de arte com as quais entram em contato, bem como sobre suas próprias realizações e as de seus colegas. Por isso, eram promovidas situações para que os alunos fossem capazes de

- experimentar e explorar as possibilidades das linguagens oferecidas como também materiais, instrumentos e procedimentos de cada uma delas;
- utilizar a arte, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão, ao realizar e fruir produções artísticas;
- propiciar também conteúdos relativos a atitudes e valores que venham humanizar as ações de aprender.

Além disso, o documento do PPP (2017) ressalta que os professores que atuavam na instituição tinham formação adequada para desenvolver as atividades propostas, e que, em sua maioria, possuíam Pós-Graduação em Fundamentos Estéticos para arte-educação.

Atualmente, no texto do Projeto Político Pedagógico, reformulado em 2020, consta também que o Centro Juvenil de Artes Plásticas possuía instalações apropriadas para a prática de todas as linguagens oferecidas, mantendo uma atividade de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, e conhecimentos da História da Arte. O que denota, ainda, uma certa preferência pela Abordagem Triangular como metodologia (CJAP, 2020 – Projeto Político Pedagógico).

FIGURA 3 - ESPAÇO DA SALA DE AULA PREPARADO PARA ATENDIMENTO DE ALUNOS DE ESCOLA PARA OFICINA DE PINTURA



Fonte: A autora (2022).

Segundo o PPP (2020), no presente momento, o Centro Juvenil de Artes Plásticas é um Centro Cultural onde o público tem acesso a várias manifestações artístico-culturais, além das aulas de artes plásticas. Por isso, a nova gestão vê a necessidade da mudança no nome da instituição, retirando a palavra “Plásticas” e incluindo a palavra “Paraná”, e entrou com um pedido junto à SEEC-PR para essa mudança, mas ainda não houve sua homologação.

Neste centro cultural, é mantida uma ampla e gratuita programação de ações junto à comunidade, oferecendo seu espaço para projetos, atividades pedagógicas e mediação cultural, tudo promovido pela própria instituição ou por equipamentos vinculadas à SEEC-PR. São oferecidas oficinas de artes para crianças e adolescentes entre 8 e 17 anos, sendo proibido o empréstimo ou locação do espaço para terceiros (CJAP, 2020).

O documento do PPP (2020), afirma, ainda, que a proposta do Centro Juvenil de Artes Plásticas permite que os alunos vivenciem o processo artístico através do fazer, conhecer, expressar e representar o mundo da natureza e da cultura com imaginação. A metodologia pedagógica é baseada em objetivos, conteúdos, métodos e procedimentos significativos para a elaboração dos saberes em arte, permitindo uma maior profundidade do conhecimento ao analisá-lo, refleti-lo e

transformá-lo. A arte é uma área do conhecimento que valoriza as concepções estéticas e artísticas para a realização do indivíduo, juntamente com a formação de consciência sobre o compromisso social que ele assumirá como um profissional participante e agente transformador da sociedade.

Contudo, ainda comprometido com as ideais de seu mentor, o professor e artista plástico Guido Viaro, e seu engajamento com as causas da educação pela arte, o Centro Juvenil coloca, em seu PPP/2020, que está firmado no propósito de continuar não tendo a pretensão de formar artistas, mas busca, em cada aluno, um agente transformador da sociedade, conhecedor e apreciador da Arte. Portanto, hoje, o ensino também ultrapassa os limites de um ateliê de arte sem interferências ou de livre-expressão. Acompanhando os debates do ensino contemporâneo, o fazer artístico é ligado à contextualização dos conteúdos e ao fomento de debates críticos sobre as leituras do campo expandido das artes.

Outro aspecto relevante da história do Centro Juvenil é a sua relação, desde o início, com o Instituto de Educação do Paraná, e sua preocupação com a formação de professores: “os vínculos do CJAP com o Instituto de Educação do Paraná, prevendo a participação, como estagiárias de magistério, indicavam que a formação de professores era uma das prioridades” (OSINSKI, 2008, p. 221).

Segundo Osinski (2008, p. 231), em 1954, Eny Caldeira e Guido Viaro idealizaram um curso de especialização vinculado ao Instituto de Educação, destinado ao aperfeiçoamento de professores do ensino primário do Paraná. O curso contava uma grade horária de disciplinas teóricas e práticas e com um estágio, no qual os alunos conheciam, na prática, as técnicas, e vivenciavam a experiência diária com as crianças. Relata que os estágios eram realizados nas sedes do Centro Juvenil de Artes Plásticas, na Escola de Música e Belas Artes do Paraná e na Biblioteca Pública do Paraná. Kuhlmann e Medeiros (2009), os autores, ainda apontam que:

O “Curso de Aperfeiçoamento em Desenho e Artes Aplicadas” recebia normalistas do último ano do Instituto de Educação do Paraná e professoras de desenho de escolas da capital. Para o curso, dava-se preferência às normalistas em detrimento dos estudantes de arte, por considerar que aquelas estariam mais aptas ao trato com crianças. (KUHLMANN; MEDEIROS, 2009, p. 254).

Esta parceria entre as instituições se mantém até hoje, com aulas realizadas

nas dependências do CJAP para as turmas dos primeiros e últimos anos do Curso de Formação de Docentes do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (CJAP, 2022).

FIGURA 4 - BANNER DO CJAP NA ENTRADA DA SALA DE EXPOSIÇÃO NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, ONDE ERAM EXPOSTAS AS PRODUÇÕES REALIZADAS PELOS ALUNOS DO CURSO DE FORMAÇÃO DE DOCENTES, DURANTE A FORMAÇÃO REALIZADA NO CJAP EM 2019



Fonte: A autora (2019).

O Centro Juvenil de Artes Plásticas integra atualmente, em 2023, o Sistema Estadual de Museus do Paraná, pertencendo atualmente à SEEC-PR. Conta com um diretor, uma servidora da SEEC, nove educadoras e uma pedagoga, servidoras

cedidas pela – SEED-PR, dois docentes voluntários, uma funcionária responsável pelo controle de acesso, três funcionárias de apoio e limpeza e quatro seguranças, funcionários terceirizados.

A sede dispõe, em seu andar térreo, de uma sala expositiva, um elevador para acesso ao primeiro andar, um teatro (com espaço para plateia de aproximadamente 70 pessoas, camarim e acessibilidade de cadeirantes ao palco), sala para guardar figurinos, cenários e acessórios, banheiro feminino, masculino e PCD (pessoa com deficiência), dois espaços com jardim interno, cozinha, banheiro e guarita. Uma sala ampla dividida em dois espaços para oficinas de artes, equipada com pias, mesas, armários, TV e um forno de cerâmica de alta temperatura. O primeiro andar possui uma sala para a secretaria, uma biblioteca, banheiro feminino, masculino e de professores, sala da direção, sala de reuniões, varanda, sala de professores, sala de multimeios (com projetor e equipamento de som) e uma sala ampla, dividida em dois espaços para a realização de oficinas de artes equipadas com mesas, armários, TV e pias. No segundo andar há um pátio externo semi-coberto com mesas e banquetas, cercado com grades, onde os estudantes fazem seu horário de intervalo e lanche.

FIGURA 5 – FOTO DA FACHADA DA SEDE ATUAL DO CJAP



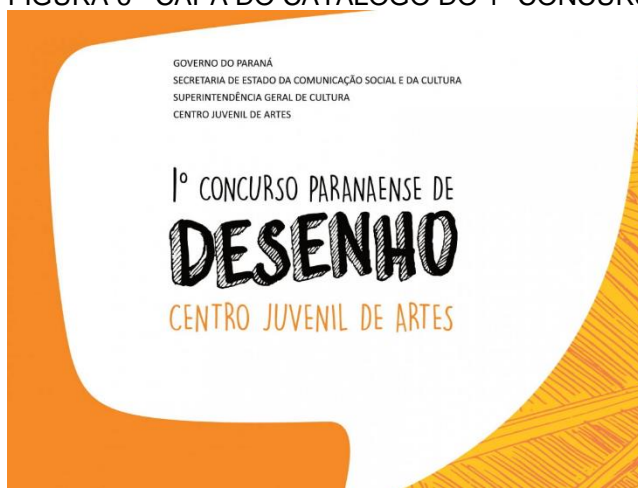
Fonte: CJAP (2018).

Segundo o Relatório Anual de 2019, já sob a gestão de Luiz Gustavo Vardânea Vidal, o CJAP realizou inúmeras atividades culturais com oficinas,

exposições, apresentações, mostras, palestras, visitas de artistas, atendimentos a alunos, como os do Colégio Estadual Prof^o Brasília Vicente de Castro, que participaram de uma visita mediada, projetos educativos como o Projeto de “Vídeo Cartas”, tendo atendido mais de 12.534 pessoas naquele ano.

Neste mesmo ano foi criado o Setor Educativo do CJAP, que realizou visitas mediadas no espaço expositivo para 1.135 alunos de escolas públicas do Paraná e atividades educativas para 25 professores da Rede Municipal da cidade de Palmeira. Além disso, foi instituído o *1º Concurso Paranaense de Desenho*, que contou com 570 trabalhos inscritos, vindos de todo o Estado, e duas exposições, com os 40 desenhos selecionados no hall do Palácio Iguazu (abertura) e no Palácio das Araucárias.

FIGURA 6 - CAPA DO CATÁLOGO DO 1º CONCURSO PARANAENSE DE DESENHO



Fonte: CJAP/2019.

Ainda segundo o Relatório Anual da instituição (CJAP, 2019), em 2019, o Centro manteve sua participação em concursos internacionais, como o Concurso Internacional Infanto-juvenil de Cartazes sobre a Paz, promovido pelo LIONS Club do Brasil (participação de 7 alunos), o Concurso Internacional Infantil de Artes Plásticas LÍDICE – República Tcheca (participação de 8 alunos) e também participou do Programa Internacional de Intercâmbio Acadêmico de Docentes no Projeto “*Educação audiovisual na formação de docentes: uma área de inovação educativa*” – Cineduca/Uruguai, UFF e UNESPAR/Brasil (participação de 6 alunos).

2.3 OFICINAS OFERTADAS EM 2019 E 2020

Observando os relatórios da instituição de 2019, foram ofertadas vagas em um total de 63 turmas regulares (35 no primeiro semestre e 28 no segundo) e quatro turmas de colônia de férias (em dezembro). O conteúdo das aulas foi focado exclusiva ou preferencialmente nos artistas paranaenses, retomando a difusão das produções artísticas do Estado ao público infanto-juvenil, buscando a valorização da arte no Paraná. Naquele momento, foram oferecidas a crianças e adolescentes 525 vagas, abertas no primeiro semestre, e 420 vagas no segundo, resultando em 945 vagas. No total, 220 alunos estavam inscritos no primeiro semestre e 283 no segundo semestre. Além disso, foram mantidos os atendimentos aos alunos do curso de Formação de docentes do Instituto de Educação do Paraná Erasmo Pilotto (150 alunos em oito turmas) (**FIGURA 7**) (CJAP, 2019).

FIGURA 7 - ALUNOS DA FORMAÇÃO DE DOCENTES EM ATIVIDADE DE MODELAGEM



Fonte: A autora (2019).

No primeiro semestre, foram nove cursos, com aulas pela manhã (das 8h30 às 11h30) e à tarde (das 14h às 17h). Além dos dois novos cursos de Gesso e de Fotografia, o CJAP ofereceu oficinas de desenho, teatro, desenho – técnicas alternativas, múltiplas linguagens, mosaico, pintura e modelagem. Havia, ainda, uma oficina voltada para o magistério. Cada um dos cursos atende, no máximo, 15 alunos de uma determinada faixa etária, que vai dos 8 aos 17 anos.

FIGURA 8 - ALUNOS E ATIVIDADE DE MODELAGEM EM ARGILA DURANTE A AULA DE MULTIPLAS LINGUAGENS, COM A PARTICIPAÇÃO DO DIRETOR LUIZ GUSTAVO VIDAL



Fonte: A autora (2019).

A orientação dada no texto do site da instituição⁹ para realizar a inscrição era necessário que o responsável pela criança ou adolescente deveria ir pessoalmente à secretaria do CJAP, levando fotocópia de certidão de nascimento ou carteira de identidade do aluno e uma foto 3x4. As turmas abririam somente com um número mínimo de cinco alunos.

FIGURA 9 – TABELA DE OFICINAS DO 1º SEMESTRE - CJAP EM 2019

		ABERTURA DAS INSCRIÇÕES MARÇO				
		DIA 20		DIA 21		DIA 22
		segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
MANHÃ	DESENHO 09 a 12 ANOS	DESENHO 10 a 15 ANOS	DESENHO TÉCNICAS ALTERNATIVAS 14 a 15 ANOS	TEATRO 08 a 12 ANOS	GESSO 10 a 12 ANOS	
	TEATRO 08 a 12 ANOS	MÚLTIPLAS 08 a 09 ANOS	MÚLTIPLAS 08 a 09 ANOS	DESENHO 08 a 10 ANOS	FOTOGRAFIA 10 a 13 ANOS	
	DESENHO TÉCNICAS ALTERNATIVAS 12 a 13 ANOS	TEATRO 08 a 12 ANOS	TEATRO 10 a 15 ANOS	PINTURA 08 a 10 ANOS		
	MODELAGEM 08 a 10 ANOS		MOSAICO 10 a 13 ANOS	FOTOGRAFIA 08 a 11 ANOS		
TARDE	PINTURA 10 a 15 ANOS	PINTURA 13 a 16 ANOS	DESENHO TÉCNICAS ALTERNATIVAS 15 a 16 ANOS	MÚLTIPLAS 08 a 09 ANOS	TEATRO 14 a 16 ANOS	
	MÚLTIPLAS 08 a 09 ANOS	IEPEP OFICINA PARA O MAGISTERIO	TEATRO 12 a 14 ANOS	TEATRO 14 a 16 ANOS	GESSO 10 a 12 ANOS	
	TEATRO 08 a 13 ANOS	DESENHO TÉCNICAS ALTERNATIVAS 13 a 15 ANOS		DESENHO 08 a 10 ANOS		
	MODELAGEM 08 a 12 ANOS	MÚLTIPLAS 08 a 09 ANOS		PINTURA 12 a 16 ANOS	PINTURA 12 a 16 ANOS	

AULAS
SEMANA DE 25 DE MARÇO A 12 DE JUNHO

Número máximo de alunos por turma: 15
Cursos iniciam com mínimo de 05 (cinco) alunos
Valor R\$ 100,00/ semestre

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

Fonte: CJAP (2019).

Para o segundo semestre de 2019 foram criadas novas oficinas (Fotografia, Brincando com Fotografia, Arte Urbana, Fazendo Videoarte, Jogos de Tabuleiros e RPG) e reformulados os conteúdos das oficinas já existentes, dando a elas nova

⁹ Centro Juvenil de Artes Plásticas: <https://www.cjap.pr.gov.br/>.

nomenclatura (Brincando de teatro, Criando com desenho, Pintura, Teatro, Modelagem, Aprendendo com Artes Visuais que anteriormente era Múltiplas Linguagens), agora ofertadas para crianças e adolescentes entre 08 e 17 anos.

Como já mencionado anteriormente, observou-se que metodologicamente o CJAP segue com apreço a Proposta Triangular, priorizando a tríade leitura de imagem (apreciação) + contextualização (história) + fazer (produção) nas oficinas ligadas às artes visuais, fundamentadas por Ana Mae Barbosa e nas oficinas de teatro, são trabalhadas práticas que valorizavam a ampliação do exercício da cidadania, a historicidade das relações, a criticidade e a consciência social, fundamentadas pelo teatrólogo Augusto Boal.

As oficinas, organizadas por faixa etária, tem conteúdos e propostas artísticas esclarecidas no conteúdo programático desenvolvido pelos professores. Não foram encontradas o registro das ementas de todas as oficinas ofertadas no ano de 2019.

Na ementa da oficina “Brincando de teatro”, ofertada a crianças de 08 a 12 anos e ministrada pelas professoras Jaira Denardi e Magda Sela constava o seguinte texto: Brincando com o teatro é uma oficina onde a criança será estimulada a descobrir, gradualmente, a si própria, o outro e o mundo, através de jogos de imitação e criação de forma lúdica e expressiva, valorizando-se a espontaneidade de cada um. Ao longo do caminho das descobertas, vai-se desenvolvendo, concomitantemente à aprendizagem dos elementos teatrais, personagem, espaço cênico e ação, os signos da representação teatral, cenário, figurino, iluminação e sonoplastia; além de pontos importantes para o desenvolvimento humano, responsabilidade, solidariedade, tolerância e espírito de equipe, contribuindo para sua socialização e compreensão de fazer parte de um coletivo.

FIGURA 10 - ALUNOS EM CENA: APRESENTAÇÃO TEATRAL, FINAL DO ANO LETIVO DE 2019



Fonte: A autora (2019).

Para as oficinas de Teatro ofertada a alunos de 12 a 14 anos e de 14 a 17 anos, ministrado pela professora Mônica Fernandes a ementa declarava que: A oficina para iniciantes apresenta o teatro como um caminho para a busca do autoconhecimento, através de exercícios de consciência corporal e improvisação cênica, estimulando também a autonomia pela prática de jogos teatrais conectados com a realidade social. Vivenciar reflexivamente os diversos materiais empregados na arte, articulando o desenvolvimento infantil com as informações estéticas ou culturais.

Para a oficina “Criando com desenho”, destinada a crianças de 08 a 12 anos e de 09 a 16 anos, sob a responsabilidade da professora Marta Mazeto de Melo, na ementa contava que a oficina propunha: Vivenciar, reflexivamente, os diversos materiais empregados na arte, articulando o desenvolvimento infantil com as informações estéticas ou culturais.

Já na ementa da oficina de Pintura ofertada para três faixas etárias, sendo elas de 10 a 15 anos, de 12 a 16 anos e de 13 a 16 anos pela professora Consuelo Calixto o texto dizia que: A oficina tinha por objetivo o desenvolvimento da pintura, composição, cores, materiais, exercícios de observação, uso e experimentação de diversos suportes e tintas para o desenvolvimento do processo de criação, o contato com alguns aspectos da Arte Paranaense, artistas, obras, processo criativo dos artistas; teoria que embasará a produção e a criação.

Enquanto na oficina de Desenho ministrada pela professora Lurdinha Paglia Seguin, ofertada também para três faixas etárias, sendo de 12 a 13 anos, de 13 a 15

anos e de 15 a 17 anos a informação era que: O desenho instiga a experiência sensível, inteligível e imaginativa no desenvolvimento das habilidades do pensamento humano e otimiza a criatividade.

As oficinas com abordagem mais contemporâneas traziam as seguintes ementas: “Arte Urbana” aborda a linguagem do grafite, estêncil, lambes e as intervenções urbanas; o “Fazendo Videoarte”, que propõe ensinar técnicas de filmagem e edição de vídeos para produção de documentários, *stop motion*, web séries e videoarte; e a “Criação de Jogos”, que foca na elaboração de jogos de tabuleiro e RPG, trabalhando valores como paciência, coletividade, atenção e respeito.

FIGURA 11 - BRINQUEDOS DE ANIMAÇÃO: TAUMATRÓPIO PRODUZIDO POR ALUNAS DA OFICINA DE VIDEOARTE



Fonte: a autora (2019).

FIGURA 12 – TABELA DE OFICINAS DO 2º SEMESTRE

CENTRO JUVENIL DE ARTES		2º semestre 2019				
		segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
MANHÃ	BRINCANDO DE TEATRO 8 a 12	BRINCANDO DE TEATRO 8 a 12		BRINCANDO DE TEATRO 8 a 12	APRENDENDO ARTES VISUAIS 8 a 10	
	CRIANDO COM DESENHO 9 a 16	PINTURA 12 a 16		CRIANDO COM DESENHO 8 a 10	BRINCANDO COM FOTOGRAFIA 10 a 16	
		MODELAGEM 8 a 10		MODELAGEM 10 a 12		
TARDE	BRINCANDO DE TEATRO 8 a 12		TEATRO 12 a 14	TEATRO 14 a 17	TEATRO 14 a 17	
	ARTE URBANA 13 a 16	APRENDENDO ARTES VISUAIS 8 a 10	APRENDENDO ARTES VISUAIS 8 a 10	CRIANDO COM DESENHO 8 a 10	FAZENDO VIDEOARTE 13 a 17	
	PINTURA 10 a 15	PINTURA 13 a 16	DESENHO 15 A 17	PINTURA 12 a 16	APRENDENDO ARTES VISUAIS 10 a 12	
	DESENHO 12 a 13	DESENHO 13 a 15		FOTOGRAFIA 13 a 16	JOGOS DE TABULEIRO E RPG 12 a 17	

Inscrições a partir de 08 de julho
Início das aulas 5 de agosto

Número máximo de alunos por turma 15
Cursos iniciam com mínimo de 05 (cinco) alunos
Valor R\$100,00/ semestre

CENTRO JUVENIL DE ARTES

PARANÁ GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA COMUNICAÇÃO SOCIAL E DA CULTURA

Fonte: CJAP (2019).

Observando o conteúdo das ementas descritas acima, é possível observar que a ideia de resumo ou sinopse das oficinas se perde um pouco e que nem sempre é possível compreender especificamente qual será o conteúdo trabalhado na oficina. Às vezes o texto é muito longo ou resumido e outras até confuso. Demonstrando que provavelmente há algo para ser alinhado pedagogicamente pela instituição.

Em 2020, devido à pandemia da COVID-19, as aulas foram realizadas on-line. Para se adaptar às mudanças nas rotinas e processos de ensino-aprendizagem, atividades lúdicas e alternativas foram implementadas, com foco nas linguagens artísticas apresentadas nas oficinas. O objetivo era manter a arte e a saúde mental, vivas durante a pandemia. Um total de 29 oficinas foram oferecidas, incluindo Artes Visuais, Teatro, Modelagem, Mosaico, Desenho, Pintura, Videoarte/Audiovisual e Fotografia. Essas oficinas ocorreram de março a dezembro de forma remota, com o envio de atividades, tutoriais e videoaulas via WhatsApp. Os professores das oficinas orientaram e acompanharam os alunos individualmente ou em grupo, naquele momento, contando com 264 alunos matriculados (CJAP, 2022).

FIGURA 13 – TABELA DE OFICINAS DO CJAP EM 2020

CENTRO JUVENIL DE ARTES
1º SEMESTRE DE 2020

INÍCIO DAS AULAS: 2 DE MARÇO DE 2020

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
MANHÃ	ARTES VISUAIS 8 A. 12 ANOS	TEATRO 8 A. 12 ANOS		TEATRO 8 A. 12 ANOS	ARTES VISUAIS 8 A. 12 ANOS
	DESENHO 8 A. 12 ANOS	MODELAGEM 8 A. 12 ANOS		MODELAGEM 10 A. 15 ANOS	PINTURA 10 A. 16 ANOS
		DESENHO 10 A. 16 ANOS		DESENHO 8 A. 12 ANOS	FOTOGRAFIA 10 A. 16 ANOS
TARDE	TEATRO 8 A. 12 ANOS	ARTES VISUAIS 8 A. 12 ANOS	TEATRO 12 A. 14 ANOS	TEATRO 14 A. 17 ANOS	TEATRO 4 A. 17 ANOS
	DESENHO 12 A. 15 ANOS	DESENHO 14 A. 15 ANOS	ARTES VISUAIS 8 A. 12 ANOS	MOSAICO 13 A. 17 ANOS	ARTES VISUAIS 8 A. 12 ANOS
	PINTURA 12 A. 16 ANOS	PINTURA 17 A. 18 ANOS	MODELAGEM 10 A. 15 ANOS	DESENHO 8 A. 12 ANOS	VIDEOARTE 13 A. 17 ANOS
			DESENHO 14 A. 17 ANOS	FOTOGRAFIA 13 A. 16 ANOS	
			PINTURA 10 A. 16 ANOS		



Fonte: CJAP (2020).

Nesse período, o CJAP também atendeu no formato on-line, turmas do curso de Formação de Professores do Instituto de Educação do Paraná, totalizando 90 alunos. As professoras dessas últimas turmas construíram, para este atendimento, o projeto “Artistas Paranaenses”, a pesquisa “Arte no Paraná” e a produção audiovisual “Arte no Paraná”. Inúmeros foram os desafios, visto que não só havia a difícil adaptação do conteúdo como também o desafio da adaptação física e tecnológica. A maioria dos professores nunca tinha aberto uma sala de reunião on-line. Naquele momento, como não se imaginava quanto tempo a situação de isolamento duraria, resolveu-se utilizar o recurso de grupos de WhatsApp para contactar os alunos e passar atividades práticas por meio de texto, tutoriais em vídeo, acompanhamento em grupo e individual através do aplicativo. Disponibilizou-se, também, aos pais, o acesso a esse acompanhamento.

Ademais, enfrentou-se outros obstáculos, como a falta de acesso de muitos alunos à internet ou ao equipamento, visto que muitas não possuíam computador ou seu próprio aparelho, dependendo da disponibilização dos pais e responsáveis, que também estavam se adaptando ao novo modo de trabalho e rotina nos seus empregos e no cotidiano familiar.

Naquele momento pandêmico, nos encontramos dando aulas “de chinelos”¹⁰, transformando nossas casas em escritórios e salas de aulas e nossos alunos eram furtados da autonomia e da troca com os colegas. Realmente é um tempo de reflexão, o qual corrobora o pronunciamento de Inés Dussel (2020, tradução própria)¹¹ : “[...] acho que podemos tomar isso como uma boa experiência sobre o que a ausência de escola produz como espaço físico [...] que a falta de sala de aula produz uma ausência de vozes de outras crianças para aprenderem juntas”.

Nesse contexto, imaginamos que o isolamento, a ansiedade e a rotina do lar trouxeram uma sobrecarga física e emocional, e muitas crianças acabaram desistindo das oficinas. Contudo, mesmo com as adversidades impostas pela reclusão, em 2020, várias ações educativas à distância foram realizadas pelo CJAP, como exposições virtuais, mostras de trabalhos realizados pelos alunos no período de isolamento social, criação de um livro de colorir em parceria com a Associação Profissional dos Artistas Plásticos do Paraná (APAP), o 2º. Concurso Paranaense de Desenho (que recebeu cerca de 850 inscrições naquela edição) e as propostas e desafios educativos abertos ao público, ocasionando um grande impacto no número de seguidores e na interação nas Redes Sociais (Instagram e Facebook) da instituição (CJAP, 2020).

Analisando as vivências do cotidiano do CJAP durante esses dois anos, foi possível observar várias mudanças e a ampliação do “olhar” sobre a instituição, tanto dos profissionais quanto do público atendido, as “tendas” foram alargadas...

Observou-se que um dos pontos que dificultaram a pesquisa sobre os conceitos, metodologia, organização, entre outros aspectos sobre o Centro Juvenil, foi o fato de que não se tinha um setor responsável que organizasse os materiais de pesquisa e acervo, então muito material se perdeu. Atualmente, esse setor já está em funcionamento. Outro aspecto percebido é que, dos materiais resguardados, há muito pouco conteúdo sobre metodologia, atividades realizadas, propostas curriculares produzidas pelos professores atuantes na instituição. O que se encontra são planejamentos, listas de matrículas e presença, relatórios de atividades e muitos com informações repetidas. Não se tem uma produção com base em

¹⁰ Referência ao texto “La clase en pantuflas”, de Inés Dussel.

¹¹ Texto original: “[...] creo que podemos tomarlo como un buen experimento sobre qué produce la ausencia de escuela como espacio físico [...] que es que la falta del aula produce una ausencia de otras excepcionalidad” – Texto transcrito de uma discussão virtual organizada pelo Ministério da Educação/Instituto Superior de Estudos Pedagógicos (DUSSEL, 2020).

fundamentação teórica e descrição metodológica, apenas prática.

Contudo, vivenciando a prática da organização e planejamento das atividades foi possível perceber que muitas das metodologias e bases didáticas eram aplicadas pelos profissionais, que já tinham muita experiência e vivência naquele espaço cultural, o que faltava era o registro formal dessas práticas. E que a experiência levava os profissionais a transitarem pelas diferentes metodologias, sem se deter exclusivamente em uma delas. Foi possível perceber em diferentes momentos que conteúdos e práticas eram realizadas sobre a ótica da livre expressão, através do letramento visual, sobre a leitura de imagem, através dos princípios da Abordagem Triangular ou mesmo sob o olhar do decolonialismo, quando se dava ênfase na arte local e paranaense.

Sobre essas práticas, Maria Heloisa Ferraz e Maria Fusari (2001), apresentam uma concepção de metodologia em seu livro *Metodologia do Ensino de Artes* (FERRAZ; FUSARI, 2001). Segundo as autoras a metodologia do ensino e aprendizagem em arte agrega

os encaminhamentos educativos das práticas de aulas artísticas e estéticas. Em outras palavras, esses encaminhamentos metodológicos constituem-se em um conjunto de ideias e teorias educativas em arte transformadas em opções e atos que são concretizados em projetos ou no próprio desenvolvimento das aulas de Arte. São ideias e teorias (ou seja, posições a respeito de “como devem” ou “como deveriam ser” as práticas educativas em arte) baseadas ao mesmo tempo em propostas de estudiosos da área e em nossas práticas escolares em arte e que se cristalizam nas propostas e aulas (FERRAZ; FUSARI, 2001, p. 98)

Importante ressaltar ainda a relação entre teoria e prática como fundamento do conceito de metodologia exposto pelas duas autoras. A metodologia, do ensino da arte no caso do CJAP, funda-se na relação entre subsídios teóricos e “práticas”.. Não há possibilidade de separar o “como fazer” e o “como se entende” a arte e o seu ensino. Portanto, a metodologia é inseparável da concepção sobre arte e de como ensinar essa arte concebida pelos atores do CJAP:

A metodologia educativa na área artística inclui escolhas profissionais do professor quanto aos assuntos em arte, contextualizados e a serem trabalhados com os alunos nos cursos. Referem-se também à determinação de métodos educativos, ou seja, de trajetórias pedagógicas (com procedimentos técnicos e proposição de atividades) (FERRAZ; FUSARI, 2001, p. 98).

Para Pizza (2020), “é necessário que o professor conheça efetivamente os pressupostos das diversas possibilidades metodológicas na educação pela arte para

tornar-se mais capaz, mais eficiente”. Então embora alguns professores ensinassem da mesma forma a algum tempo ou da mesma forma como aprenderam, a maioria buscava compreender a arte em suas diversas formas e respeitar as características individuais de seus alunos e conseguiam estimular a apreciação e a produção artística frente às diferentes formas de pensar e fazer arte. Permitindo que os alunos se expressem livremente e encontrem sua própria voz artística e desenvolvesse sua capacidade criadora e a possibilidade de atribuição de sentido àquilo que é visto. Através de uma abordagem personalizada e sensível, esses profissionais proporcionavam os alunos a descoberta de novas formas de expressão e a explorar o mundo da arte de maneira mais profunda e significativa. Afinal,

É nesse contexto que o professor de arte pode vir a desempenhar a relevante função de mediador de conhecimentos; é o profissional que pode propiciar ao outro a indicação do caminho para os saberes artísticos, o desenvolvimento de poéticas artísticas e o aprimoramento das percepções estéticas, afetando definitivamente o desenvolvimento individual do aluno, bem como suas relações como a arte. (PIZZA, p.52, 2020).

3 O ADOLESCENTE, AS REDES E A LINGUAGEM AUDIOVISUAL

3.1 ACESSO À INTERNET E O USO DAS REDES SOCIAIS POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES

A historicidade do fator “tecnologia” na dinâmica humana de assimilação e apreensão da realidade revela a relação intrínseca entre os sujeitos e as tecnologias. Essa relação não pode ser ignorada ao pensar sobre as formas de ser e estar no mundo. Essa relação não pode ser ignorada ao se pensar sobre formas de ser e estar no mundo. Essa é a razão pela qual este trabalho busca localizar as juventudes contemporâneas no contexto da cibercultura, considerando suas atividades e produções através do uso das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs).

Como educadores, no contexto da sociedade da informação, precisamos reaprender a conhecer e ensinar. O avanço das tecnologias digitais e o crescimento das redes interativas tornaram o acesso ao conhecimento, à comunicação e às relações sociais cada vez mais dependentes do ciberespaço. Espaço que Lévy (2009, p. 92) define como "o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores".

Compreende-se que os meios de aprendizagem colaborativa surgiram como resposta à estrutura estática da internet tradicional. E, com a Web 2.0 e suas ferramentas de comunicação interativas, houve um aumento no número de emissores e receptores e maior intercâmbio e cooperação. Isso criou uma cultura viabilizada pelas TICs.

O avanço da internet e da Web 2.0 possibilitou o surgimento das redes sociais virtuais, onde as pessoas podem se conectar e interagir com base em interesses comuns. É importante lembrar que as redes sociais não são uma invenção atrelada à tecnologia. Nossa sociedade sempre foi composta por grupos sociais que compartilhavam ideologias e formavam suas próprias comunidades. Então, embora o conceito de rede não seja novo, ele passou a ser mais utilizado a partir da década de 1980. No início do século atual, a expressão ‘redes sociais’ passou a se referir quase exclusivamente ao uso das tecnologias da informação e comunicação (FERREIRA 2012).

Para Franco (2008), as redes sociais não são uma invenção contemporânea:

Não é agora que a sociedade está se constituindo como uma sociedade-rede. Toda vez que sociedades humanas não são invadidas por padrões de organização hierárquicos ou piramidais e por modos de regulação autocráticos, elas se estruturam como redes. O que ocorre na época atual é que a convergência de fatores tecnológicos (como a fibra ótica, o laser, a telefonia digital, a microeletrônica e os satélites de órbita estacionária), políticos, econômicos e sociais, está possibilitando a conexão em tempo real (quer dizer, sem distância) entre o local e o global e, assim, está tornando mais visível a rede social e os fenômenos a ela associados, ao mesmo tempo em que está acelerando e potencializando os seus efeitos, o que não é pouca coisa. (FRANCO, 2008, p. 43).

As redes sociais são amplamente discutidas por autores contemporâneos que analisam sua configuração e impacto nas relações e aprendizagem. Para Castells (1999), uma rede é composta por um grupo de nós interligados. As redes têm a capacidade de crescer ilimitadamente, incorporando novos nós que compartilham os mesmos valores, ideias e objetivos, e conseguem se comunicar dentro da rede. Já para Recuero (2009), rede social é um conjunto de pessoas interagindo socialmente em uma estrutura de rede. Cada nó representa um indivíduo e suas conexões representam os laços sociais que compõem os grupos. Esses laços são ampliados e alterados a cada nova interação.

Segundo Franco (2008), ainda, redes são sistemas de nodos e conexões. Em redes sociais, os nodos são pessoas e as conexões são relações entre elas. Essas relações são caracterizadas pela possibilidade de enviar ou receber mensagens. Quando isso acontece, estabelece-se uma conexão. Afinal, como lembra Carrano (2014, p. 01), “o que nós chamamos de redes sociais, são na verdade redes sociotécnicas, elas não funcionam sozinhas, elas precisam de redes sociais humanas em interação”.

A comunicação e a interatividade entre usuários ocorrem através de diversas formas de linguagem, incluindo iconográficas, audiovisuais e textuais. O leitor não é apenas um receptor de informações, mas interfere, manipula e reinventa. As informações são sistematizadas como um grande hipertexto, constantemente ressignificado e reelaborado. Isso permite uma interação verbal e visual significativa, que desenvolve a argumentação e leva a uma maior apropriação dos temas debatidos.

Esse primeiro tópico apresenta dados estatísticos sobre o acesso à internet e o uso das redes sociais entre crianças e adolescentes. Ele mostra as plataformas mais usadas, o tempo gasto e a idade dos usuários de cada plataforma, revelando

as preferências de cada faixa etária. Para isso, foram consultados sites de institutos de pesquisa nacionais e internacionais e compiladas informações de pesquisas acadêmicas. O objetivo figura em observar quais produtos audiovisuais são consumidos e/ou produzidos por esse público específico, quais plataformas são usadas e qual a motivação e intencionalidade. São inúmeras as pesquisas e pesquisadores que abordam essas questões específicas, principalmente questionando e ponderando o impacto na educação e na formação de crianças e adolescentes em relação às novas Tecnologias da Informação e da Comunicação.

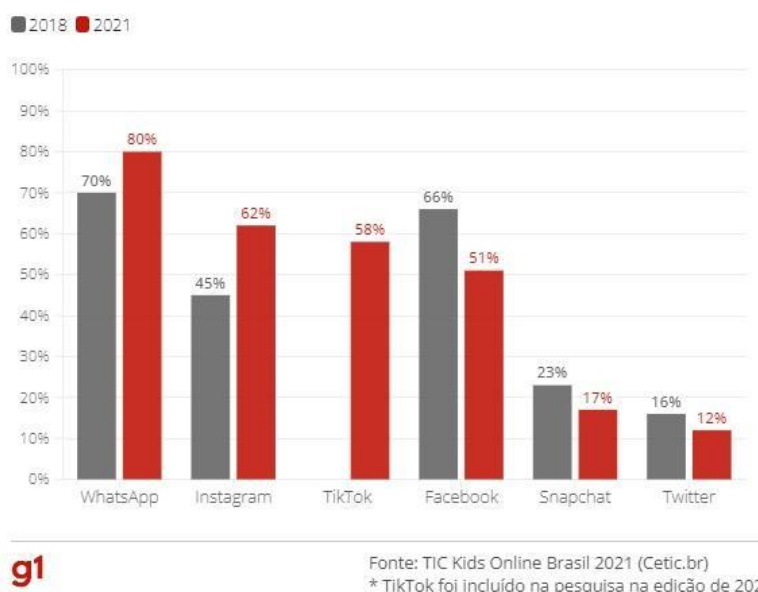
Para esta pesquisa, são apresentados dados estatísticos sobre o acesso à internet e o uso de redes sociais por crianças e adolescentes. Esses dados foram obtidos de institutos de pesquisa nacionais e internacionais e compilados de informações de trabalhos acadêmicos. O objetivo é observar os produtos audiovisuais consumidos e produzidos por esse público. Há muitas pesquisas e pesquisadores que abordam essas questões, questionando o impacto das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na educação e na formação de crianças e adolescentes. Para este momento, foram compilados alguns dos materiais mais significativos.

De acordo com a pesquisa “*TIC Kids On-line Brasil*”, do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), disponibilizada pela *Cetic.br*, publicada em agosto de 2022, o número de crianças e adolescentes do país com acesso à internet aumentou significativamente após a pandemia de Covid-19. Embora ainda existam desigualdades regionais de acesso, 93% das crianças e adolescentes do país entre 9 e 17 anos são usuárias de internet, o que corresponde a cerca de 22,3 milhões de pessoas conectadas nessa faixa etária, um aumento em relação aos 89% em 2019. Além disso, o acesso à internet entre crianças de 9 a 10 anos aumentou de 79% para 92%.

Segundo Maciel (2022), da Canaltech, o smartphone é o dispositivo predominante para acesso à internet, usado por cerca de 23 milhões de crianças e adolescentes brasileiros (95%). Desses, 58% utilizam o dispositivo de forma exclusiva. Contudo, a pesquisa observa que houve também um crescimento significativo no uso da televisão para essa finalidade, que passou de 32% para 43%. Cruz (2022) aponta que o uso de redes sociais entre crianças e adolescentes no país é uma das atividades on-line que mais cresceu. Em 2021, 78% dos usuários de internet entre 9 e 17 anos acessaram alguma rede social, um aumento de 10 pontos

percentuais em relação a 2019 (68%). A proporção de usuários de internet entre 9 e 17 anos com perfil no Instagram aumentou de 45% em 2018, indo para 62% em 2021. Também houve aumento de 10 pontos percentuais no uso do perfil do WhatsApp. Pela primeira vez, o perfil no Tik Tok foi incluído na pesquisa: 58% do público pesquisado declarou ter um perfil nessa rede de compartilhamento de vídeos curtos, superando o Facebook, com 51% (**GRÁFICO 1**).

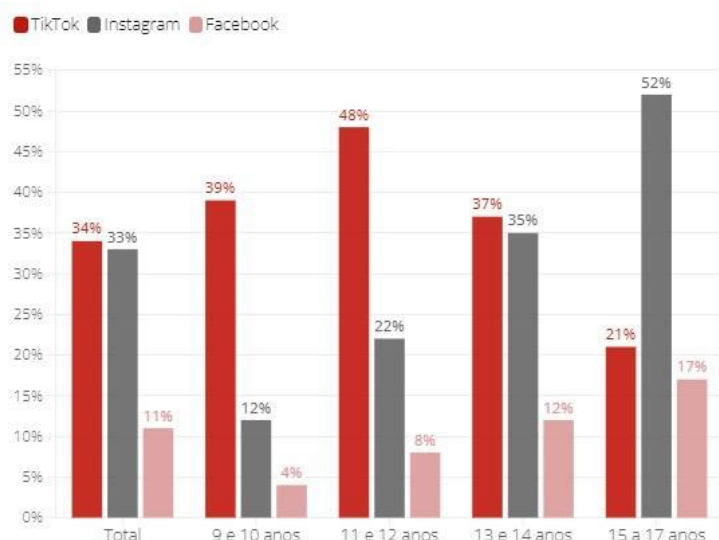
GRÁFICO 1 - WHATSAPP E INSTAGRAM LIDERAM AS PLATAFORMAS



Fonte: G1 (2021).

De acordo com a pesquisa, em 2021, é possível perceber que as redes sociais WhatsApp e Instagram continuam liderando, como as plataformas com mais contas de usuários de internet entre crianças e adolescentes de 9 a 17 anos. O WhatsApp apresenta tendência de crescimentos e segue como a plataforma em que crianças e adolescentes mais possuem perfil (foi de 70%, em 2018, para 80%, em 2021), e é a mais difundida entre todos os estratos sociais. No entanto, o estudo aponta que o TikTok, pela primeira vez investigado, é a rede social mais usada por cerca de 34% dos usuários de internet entre 9 e 17 anos (**GRÁFICO 2**).

GRÁFICO 2 - TIKTOK: REDE SOCIAL MAIS USADA



g1

Fonte: TIC Kids Online Brasil 2021 (Cetic.br)

Fonte: G1 (2021).

Os dados da “TIC Kids” mostraram, sem novidade, que as atividades multimídia, de comunicação, educação e busca por informações estão entre as mais realizadas entre o público investigado. Principalmente 78% da população de 15 a 17 anos realiza pesquisas na Internet por curiosidade ou vontade própria, quando se trata de crianças de 9 a 10 anos de idade, esse índice cai para 46%. Um dado interessante que a pesquisa mostrou é que muitas crianças e adolescentes auxiliam seus pais em atividades on-line. São 29% dos usuários de internet entre 9 e 17 anos a ajudarem seus pais ou responsáveis a fazer algo na internet todos os dias ou quase todos os dias, enquanto outros 28% ofereciam apoio pelo menos uma vez por semana.

De acordo com informações divulgadas pelo *Canaltech*, durante o período pandêmico, 80% dos pais ou responsáveis de crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos conversavam com seus filhos sobre atividades on-line. Além disso, 77% ensinaram como usar a internet com segurança e 55% ajudaram a fazer alguma tarefa que a criança não entendia na web. Em geral, as atividades de orientação são mais direcionadas às faixas etárias mais baixas: 75% dos pais ou responsáveis de crianças entre 9 e 10 anos acompanhavam as atividades presencialmente, enquanto esse número foi de 47% para a população entre 15 e 17 anos.

A pesquisa mostra, ainda, que 81% dos usuários de internet entre 11 e 17 anos viram divulgações de produtos ou marcas na internet. O contato com

publicidade aconteceu principalmente em sites de vídeos (67%) e redes sociais (61%). As principais formas de divulgação foram por meio de influenciadores que ensinam como usar algum produto (62%), abrindo embalagens (61%) e mostrando produtos que alguma marca deu para eles (54%). Além de produtos ou marcas, a pesquisa também investigou o contato dessa população com assuntos relacionados à saúde na Internet. Além disso, 29% dos entrevistados tiveram contato com informações sobre sentimentos, sofrimento emocional, saúde mental e bem-estar. E 38% acreditam que a Internet os ajudou a lidar com um problema de saúde.

Com o aumento do uso das redes sociais e a substituição das aulas presenciais por plataformas on-line, as crianças estão passando mais tempo do que nunca em frente às telas. De acordo com uma pesquisa desenvolvida por órgãos europeus envolvendo quase 30 mil crianças de vários países, o número de horas gastas on-line aumentou significativamente durante a pandemia, com um aumento de mais de 50%, desde 2020. A quantidade média de tempo gasto em computadores pessoais e dispositivos portáteis, como smartphones, foi o que apresentou maior aumento: 46 minutos a mais em computadores e 44 minutos adicionais em celulares por dia.

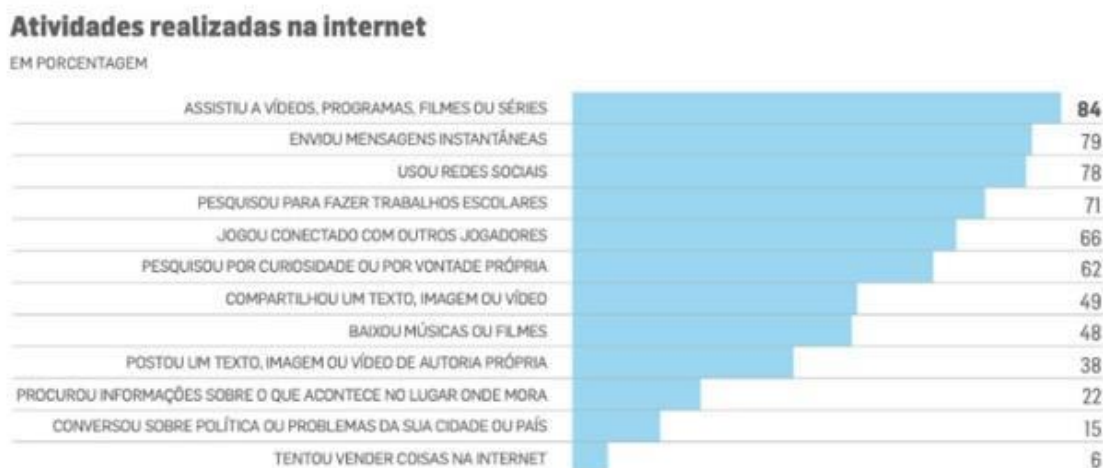
Os resultados mostraram que o tempo de tela aumentou de cerca de 162 minutos por dia, antes da pandemia, para 246 minutos durante e após a disseminação da Covid-19 entre crianças e adolescentes de 03 a 18 anos. O estudo também aponta que a quantidade média de adolescentes entre 12 e 18 anos apresentou o maior pico de tempo de tela, ficando em média 110 minutos a mais por dia em frente às telas.

O site “*O especialista*” comenta a matéria publicada em março de 2022 no jornal *The New York Times*, que divulgou pesquisa realizada pelo “*Common Sense Media*”, que aponta que, durante a pandemia, as crianças recorreram às telas para entretenimento e para se conectar com amigos, já que muitos não tinham escola presencial ou atividades. Dos entrevistados, 38% afirmaram usar as redes sociais, um aumento de 31% em relação a 2019. Adolescentes também relataram passar mais de três horas por dia, em média, assistindo vídeos ou TV e quase duas horas por dia jogando, mas apenas 20 minutos por dia conversando por vídeo com amigos.

Os resultados apontados na pesquisa “TIC Kids”, realizada pela CETIC.BR e apresentada nos sites visitados (*Agenciabrasil, Canaltech, G1 e Cetic.br*), mostra

que percentualmente, assistir a vídeos, programas, filmes ou séries (84%), enviar mensagens instantâneas (79%), acessar as redes sociais (78%), e pesquisar para trabalhos escolares (71%), são as principais atividades realizadas por crianças e adolescentes na internet (**GRÁFICO 3**).

GRÁFICO 3 - USO DA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES



Fonte: Estadão (2021).

Dados da “*TIC Kids On-line Brasil*”, divulgados no site *G1*, mostram que 3 em cada 4 pessoas, entre 9 e 17 anos, no Brasil usam redes sociais. Das 93% das crianças e adolescentes no Brasil, principalmente das Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste que usam a internet, 78% acessam redes sociais. No entanto, apenas 38% postam texto, foto ou vídeo próprio, enquanto 49% compartilham texto, imagem ou vídeo de outros perfis. Alexandre Barbosa, gerente do *Cetic.br*, aponta que:

Plataformas de criação e compartilhamento de conteúdo audiovisual estão entre as mais utilizadas por crianças e adolescentes. Nesse contexto, a qualidade da conexão à Internet e dos dispositivos digitais utilizados para o acesso à rede passam a ser determinantes para o melhor aproveitamento de oportunidades *online*. É central, portanto, garantir condições equitativas de conectividade para crianças e adolescentes em diferentes contextos socioeconômicos. (BARBOSA, 2023, p. XX, *grifo do autor, sic*).

Todos os dados coletados, segundo o *Cetic.br*, foram obtidos a partir do plano amostral que utiliza informações do Censo Demográfico e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) ou da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) mais recente disponível, realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sendo informado ainda, que entrevistas eram realizadas presencialmente, em domicílios em áreas urbanas e rurais. Por isso,

embora possamos reconhecer a idoneidade dos institutos de pesquisa, nos preocupamos com o fato de que é cada vez mais difícil as pessoas responderem pesquisas de forma presencial e com isso, essa amostragem pode não ser muito fidedigna/abrangente, talvez fosse mais confiável se tivesse sido feita de forma on-line e a partir de um estabelecimento de ensino, cujos participantes estudassem.

Contudo esses dados são bastante relevantes para a apresentação do relato de experiência realizado para esta pesquisa e servem de parâmetros para a análise da apropriação do audiovisual, mas não são determinantes, já que realizamos uma pesquisa específica com os participantes dos projetos, coletando nossas próprias informações. Pois, nesse “acessar as redes sociais” temos crianças e adolescentes que consomem, compartilham e produzem produtos audiovisuais. Mesmo que menos do que o compartilhamento de material alheio, muitos adolescentes estão criando e compartilhando suas próprias produções audiovisuais nas redes sociais. Essas produções podem variar em tema e estilo, desde vlogs pessoais até curtas-metragens e vídeos de comédia. Alguns adolescentes também usam as redes sociais para compartilhar suas opiniões e pontos de vista sobre questões sociais e políticas por meio de vídeos.

O grande impulsionador da criação audiovisual por parte de crianças e adolescentes, como já foi mostrado pela pesquisa *TIC Kids*, foi o crescimento de usuários do Tik Tok. Essa rede social é uma plataforma que abarca ampla variedade de vídeos. Alguns dos tipos mais populares de vídeos incluem danças, dublagens, comédias e desafios. Muitos adolescentes também usam o Tik Tok para compartilhar suas opiniões e pontos de vista sobre questões sociais e políticas por meio de vídeos. Além disso, o Tik Tok é uma plataforma popular para compartilhar tutoriais de maquiagem, moda e culinária.

Uma curiosidade que os adolescentes “curtem” são os desafios, muito populares no TikTok. Segundo o site *Apptuts.net*, alguns dos desafios mais populares incluem o “Banheiro da escola”, onde os adolescentes usam o banheiro de sua escola como cenário de seus vídeos, o “Desafio de arte”, onde os usuários do TikTok demonstram seus talentos artísticos, e o “Teste de DNA”, onde os usuários usam a música “*Truth Hurts*” da cantora Lizzo e fingem estar fazendo um teste de DNA.

Outros desafios populares incluem o “*Respect the drip*”, onde os usuários escolhem sua combinação mais estranha de roupas e mostram só das pernas para

baixo, e o “*Obsessed*”, onde os usuários fazem uma dança simples ao som da música “*Obsessed*” de Mariah Carey. Esses são apenas alguns exemplos dos muitos desafios populares no TikTok. Os desafios mudam constantemente, então sempre há algo novo para experimentar. A “provocação” parece cativar os usuários.

3.1.1 Apropriação das TICS

Existem muitos questionamentos sobre os benefícios e malefícios do uso das TICS, como o excesso de conectividade a aparelhos eletrônicos e o prejuízo cognitivo do isolamento físico promovido pelo uso excessivo das mídias e tecnologias digitais. No entanto, nosso objetivo aqui não é discutir esses temas, mas sim entender o que consomem e quais produtos audiovisuais são produzidos por crianças e adolescentes para as redes sociais. Para isso, buscamos em relatos apresentados em trabalhos de pesquisa com crianças e adolescentes brasileiros em diferentes espaços educacionais, entender como eles realizam a apropriação das TICS e, a partir disso, produzem conteúdo para as redes.

A apropriação da tecnologia é o processo de entender e fazer uso eficiente e responsável das tecnologias disponíveis. Para Tocantins e Wiggers (2021),

a presença ou o uso das TIC na vida cotidiana não implica necessariamente apropriação, mas indica uma trajetória, um processo, que pode ou não culminar em apropriação. Apropriar-se de uma determinada tecnologia vai muito além de ter acesso a ela ou, simplesmente, utilizá-la em algumas situações. Nessa concepção, seria possível uma pessoa ter acesso, usar e não se apropriar. Por outro lado, a apropriação pode desdobrar-se em diversos modos, como em processos de reprodução ou ressignificação. (TOCANTINS E WIGGERS, 2021, p. 76).

Os autores citam, ainda, que de acordo com Sandholtz, Ringstaff e Dwyer (1997, p. 54), a apropriação é um marco importante no processo de domínio pessoal das tecnologias, evidenciado principalmente por mudanças que indicam o domínio dessas tecnologias pelo indivíduo, para eles “a apropriação é o ponto em que um indivíduo passa a entender a tecnologia e a utilizá-la sem esforço” (SANDHOLTZ; RINGSTAFF; DWYER, 1997, apud TOCANTINS; WIGGERS, 2021, p. 76).

O processo de apropriação tecnológica está também relacionado ao processo de inclusão digital, que visa formar cidadãos capazes de tomar decisões e compartilhá-las com outras pessoas em uma dinâmica de exercício da autoria. É um

processo dinâmico e provisório que se renova e aprimora através da ação e interação dos nós na rede de sentidos e suas interconexões. Para isso, é necessária a apropriação crítico-reflexiva dos fenômenos sociotécnicos numa perspectiva de contextualização sociocultural, bem como o desenvolvimento e a manutenção das habilidades necessárias à interação com e através deles (TEIXEIRA, 2005, p. 26).

No artigo: *Infância e Mídias digitais: Histórias de crianças e adolescentes sobre seus cotidianos*, Tocantins e Wiggers (2021) apresentam o resultado da pesquisa realizada com crianças e os adolescentes matriculados na oficina de Tecnologia e Cultura, na Escola Parque Anísio Teixeira (EPAT) Ceilândia - DF, totalizando 21 estudantes, entre 10 e 17 anos, no ano de 2009. As entrevistas ocorreram durante as atividades da oficina, em que os estudantes criaram histórias em quadrinhos usando o *software Pixton*, em que as narrativas das crianças e dos adolescentes, destacam-se as tecnologias digitais e, conseqüentemente, as mídias digitais (TOCANTINS; WIGGERS, 2021, p. 76).

Entre os relatos é possível observar que os estudantes confessam burlar as regras institucionais e utilizam o celular em sala de aula, outro espaço utilizado é o banheiro da escola, “como espaço de resistência, para acessar redes sociais e fazer selfies”. Outra confissão é a de burlar as regras parentais, usando o computador e celular em vários períodos no dia ou até tarde da noite, ou, ainda, driblar regras no ciberespaço, mentindo a “data de nascimento para criação de perfis em redes sociais, sites de jogos ou até mesmo criar perfis fake”.

Afirmam que “ficam” no celular para fazer trabalhos, assistir vídeos, escutar música e “mexer” no YouTube. Revelam que estão “viciados”, não conseguem controlar o tempo de uso da Internet. Os autores identificam “apropriações que convergem para um uso cada vez mais individualizado, em crescente ocupação dos cotidianos da infância, tornando cada vez mais difícil manter o controle sobre o tempo de ‘ficar na Internet’” (TOCANTINS; WIGGERS, 2021, p. 78 - 81). Outro item observado é que as crianças e adolescentes usam termos como “ficar”, “mexer”, “fuçar” na Internet, e não “navegar”, “acessar”, “usar” a Internet, mais comumente usado por adultos. Aliás, “ficar na internet” parece ser um lugar habitável ou “estou com a internet”, algo palpável, material (TOCANTINS; WIGGERS, 2021, p. 79).

Semelhante ao material descrito acima, a pesquisa intitulada: *Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação*, realizada por Oliveira (2017) e publicada na “*Educar em Revista*” (Curitiba/Brasil 2017), apresenta informações a

respeito da utilização da internet e das tecnologias digitais a partir de uma pesquisa com 481 adolescentes do Rio de Janeiro, realizada através de um formulário on-line. A partir da análise desse material descritivo, é possível observar que o principal meio de conexão utilizado pelos adolescentes é o celular, com 48% de preferência. Além disso, a média de horas de conexão por dia é de nove horas. Quando perguntados sobre a maior utilização do tempo conectados à internet, as redes sociais foram a referência majoritária, com 28%, seguidas de pesquisa e entretenimento com 25%, entretenimento com 17% e pesquisa com 15%. A afirmação “A internet ocupa muito o meu tempo” foi coincidente por 67,56% dos entrevistados (OLIVEIRA, 2017, p. 292).

De acordo com a pesquisa de Oliveira (2017), quando questionados sobre o uso das TICs, as respostas dos entrevistados foram tanto positivas quanto negativas. Em relação à afirmação “A internet ocupa muito o meu tempo”, as respostas se dividiram entre aqueles que afirmam estar cientes dos riscos do uso da internet e não serem enganados por ela, e aqueles que percebem que o ciberespaço pode levar ao afastamento do mundo real, criando mundos e relacionamentos imaginários, provocando a perda da noção do tempo e podendo se tornar um *vício*. Um grupo defende que a internet é uma ótima ferramenta para estabelecer contatos sociais mais rápidos e romper barreiras geográficas. Já outros apontam o isolamento provocado pela internet, o medo das relações face a face e a fragilidade e superficialidade dos “relacionamentos sociais” dentro desse espaço virtual. Para Bauman (2004), embora essas conexões possam facilitar o encontro virtual entre os jovens, elas também podem contribuir para o *desencontro real*. Isso acontece quando os relacionamentos virtuais começam a substituir os relacionamentos reais. De acordo com Lévy (1999, p. 15), “o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras diferentes de ser”.

Outro item do estudo aponta que a utilização da internet para estudo, pesquisa e trabalho é vista favoravelmente por alguns entrevistados. No entanto, outros observam negativamente a relação entre “internet e cognição”, assinalando a diminuição da leitura, a presença de fontes de pesquisa pouco confiáveis na internet, a sobrecarga de estudo e trabalho devido à conexão constante à rede e a facilidade de dispersão (OLIVEIRA, 2017, p. 295). A autora declara que na pesquisa se deparou com jovens profundamente imersos no que Jenkins (2009) chama de “cultura da convergência”, “[...] onde as velhas e as novas mídias colidem, onde

mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009, p. 29 apud OLIVEIRA, 2017, p. 295).

Mais um material utilizado como fonte é a pesquisa Juventudes e mídia: um estudo sobre consumo, apropriação e produção de mídia por jovens estudantes de escola pública de Fortaleza, apresentada no capítulo XIV: MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E REDES SOCIAIS DIGITAIS: DIALOGANDO COM JOVENS ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE FORTALEZA, CE, realizada por Miranda, Souza Filho, Queiroz, Viana e Coelho (2015), publicada no Compêndio JUVENTUDES E TECNOLOGIAS Sociabilidades e Aprendizagens, organizado por Carlos Ângelo de Meneses Sousa, pela Universidade Católica de Brasília. A pesquisa relatada entre 2009 e 2011, apresenta resultados quantitativos da relação dos jovens com a mídia, a partir de questionário e de conversas durante a aplicação de oficina prática de vídeo em duas escolas da cidade de Fortaleza (CE), uma escola profissionalizante (EEEP) e outra de ensino fundamental e médio (EEFM).

Assim como a pesquisa descrita por Tocantins e Wiggers (2021), realizada com adolescentes de Ceilândia (DF), o estudo realizado com adolescentes no Rio de Janeiro, por Oliveira (2017), a investigação realizada em Fortaleza (CE) por Miranda, Souza Filho, Queiroz, Viana e Coelho (2015) aborda o acesso/consumo e a produção/apropriação de mídia pelos jovens. Pelos relatos, pode-se observar que mudam os espaços geográficos, e os atores, mas as colocações são semelhantes. Adolescentes relatam que passam muitas horas conectados à internet em seus *laptops*, *tablets* e principalmente *smartphones*. Alguns dizem que permanecem conectados às redes sociais digitais 24 horas por dia, independente do local em que estejam. Que costumam “ficar” no *Facebook*, “vendo besteira, postando besteira”, realizar *blogs* diários, tutoriais e *selfies*. Os jovens usam as redes sociais digitais como uma espécie de diário, compartilhando suas experiências e sentimentos. Eles tendem a publicar pensamentos e atitudes que antes eram restritos à intimidade.

Para os autores Miranda, Souza Filho, Queiroz, Viana e Coelho (2015), isso está alinhado com as formas contemporâneas de ver e ser visto nas redes sociais digitais. Muitas pessoas estão constantemente visualizando e sendo visualizadas, o que gera uma preocupação especial com a imagem que desejam transmitir através de suas postagens, fotos e discursos. Pelos relatos, é possível perceber que os entrevistados preferem estabelecer contato através das redes sociais digitais, seja

pela comodidade ou pela facilidade de falar com alguém distante, até mesmo por uma questão de segurança pública, além de se sentirem muito mais seguros para expressar suas opiniões de forma virtual.

Contudo, declaram que as amizades e relacionamentos via redes sociais tecnológicas não geram vínculos efetivos.

Em resumo, os alunos descrevem a internet como um espaço que facilita a expressão de sentimentos e opiniões que não a fariam face a face, que pode criar e fortalecer amizades e que possibilita a comunicação com seus colegas e familiares, estejam eles morando longe ou perto, mesmo nos alertando para o perigo de esvaziamento das relações reais em detrimento de uma comunicação digital. A rede também é uma alternativa de lazer em um contexto de violência urbana. O borramento de fronteiras entre o público e o privado e a sociabilidade mediada pela rede digital confluem para o terceiro analisador da presente pesquisa: a conexão full-time. (MIRANDA, SOUZA FILHO, QUEIROZ, VIANA e COELHO, p. 306).

A hiperconectividade pode gerar desconforto, como observado nas críticas sobre a falta de interação off-line e a sensação de obrigação de estar conectado ou participar de determinadas redes sociais. Para Miranda, Souza Filho, Queiroz, Viana e Coelho (2015), os jovens desenvolvem relações e comportamentos fortemente influenciados por uma subjetividade virtual, sentindo a necessidade de estar sempre conectados. Assim, tanto a relação público e privado como a sociabilidade encontram-se atravessadas pela fusão das tecnologias comunicacionais com corpos e subjetividades juvenis (SIBILIA, 2012, apud MIRANDA *et al.*, p. 308).

Estas e outras pesquisas demonstram a dificuldade de diagnosticarmos os produtos elaborados por adolescentes para as redes sociais e sua intencionalidade. Contudo, embora ainda não se tenha pesquisas mais abrangentes, mostrando especificamente o que produzem os adolescentes em audiovisual para as mídias, sabemos que é nesse espaço que atualmente tem sido construído o repertório sociocultural, principalmente desse público. Nesse cenário, para Pereira, Brasil, Vidigal e Vicente (2015, p. 258) o audiovisual adquire, para o adolescente um significado particular, pois se impõe como um mediador na sua comunicação com o mundo. As plataformas do YouTube, Instagram, Facebook e TikTok são um exemplo dessa socialização no espaço cibernético, pois possibilitam compartilhar material audiovisual que encontra um receptor. Essas mídias o ajudam a construir uma nova cultura, uma nova forma de relacionar-se com ele mesmo e com o mundo, pois, dentro dessa cultura, ele pode depositar sua ansiedade, seus conflitos, seus medos

e sua alegria no processo do adolecer (PEREIRA, *et al.*, 2015, p. 258).

3.2 O ADOLESCENTE E O CJAP

Para falar dos sujeitos que foram eleitos para esta pesquisa os adolescentes que frequentaram as oficinas CJAP no período de (2019 e 20220) é necessário apresentá-los.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define criança como pessoa com menos de 12 anos incompletos, e adolescente como pessoa entre 12 e 18 anos (artigo 2º). Em casos excepcionais, o estatuto pode ser aplicado até os 21 anos (artigos 121 e 142). A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a adolescência como a faixa etária entre 10 e 19 anos, enquanto a Organização das Nações Unidas (ONU) define como entre 15 e 24 anos, principalmente para fins estatísticos e políticos.

Para Eisenstein (2005) a adolescência é um período de transição entre a infância e a vida adulta, marcado por mudanças físicas, mentais, emocionais, sexuais e sociais. Durante esse período, o indivíduo busca atingir as expectativas culturais da sociedade em que vive. A adolescência começa com as mudanças corporais da puberdade e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e personalidade, alcançando independência econômica e integração social.

A adolescência é enfatizada neste texto porque, de acordo com os relatórios anuais pesquisados, a maioria do público que frequenta as oficinas no CJAP é composta por adolescentes. Em 2019, 58,7% das 945 vagas em 65 oficinas ofertadas eram voltadas para o público adolescente. Em 2020, 58,6% das 429 vagas em 29 oficinas eram voltadas para esse público, considerando a idade entre 12 e 18 anos definida pelo ECA como adolescência. Se a análise fosse baseada na definição da OMS, o percentual seria pelo menos 10% maior. Portanto, percebemos que o público mais atendido pelo CJAP é o adolescente, incluindo os participantes das duas experiências descritas neste material.

No geral, os adolescentes frequentadores do CJAP são alunos que possuem interesse nos mais diversos campos das artes, principalmente nas áreas de desenho e teatro, oficinas mais procuradas na instituição. Poucos são inscritos apenas pela vontade dos responsáveis que o adolescente aprenda arte ou tenha uma “atividade” extracurricular, na maioria das vezes, eles escolhem e frequentam por vontade

própria as oficinas. Para a professora Liane Barreto, uma das responsáveis pelo Setor Educativo

Na sua grande maioria os adolescentes que buscam o CJAP, gostam de arte e já decidem se querem frequentar um local para aprender arte. Aqueles que vem por “imposição” da família encontram um ambiente acolhedor, divertido, fazem amizades facilmente, aprendem coisas interessantes. O CJAP como um centro cultural proporciona acesso a diferentes linguagens da arte, e isso desperta o adolescente para algumas possibilidades profissionais. Penso que o ambiente amistoso do CJAP é o diferencial para a frequência do aluno. São acolhidos por todos os professores e funcionários com bastante carinho e respeito e sentem-se em casa. (BARRETO, 2023).

Já o diretor Luiz Gustavo Vardânea Vidal, comentou sobre a importância de incentivar os adolescentes a participarem das atividades do CJAP:

É importante que os pais e responsáveis incentivem os adolescentes, porque além de aprender questões culturais, despertam também para o dom artístico. Despertar para o dom artístico quer dizer o quê? Abrir um horizonte de percepções. Essas percepções para aprender o lado, por exemplo o lado emocional, o lado visual e o lado de conhecimento também. E tudo isso leva para que a pessoa seja um indivíduo mais completo na sua formação e que pode ser utilizado em qualquer profissão. Além disso, ter contato com outras pessoas que também de uma certa forma apreciam arte, com isso você fortalece laços e amplia os conhecimentos (VIDAL, 2023).

Observando os materiais pesquisados e conversas informais com a equipe de profissionais do CJAP, é possível afirmar que a instituição atende às orientações do ECA. No que diz respeito ao direito da criança e o adolescente

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (Incluído pela Lei nº 13.257, de 2016)

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte,

ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

O processo de matrícula é aberto a todas as crianças e adolescentes de 08 a 17 anos da comunidade, sem seleção ou avaliação prévia. Os responsáveis são orientados a escolher a melhor oficina de acordo com o desejo do participante, adequação de idade e disponibilidade de dia e período. Em 2019 e 2020, havia uma solicitação de contribuição de R\$100,00 para a matrícula, mas esse valor era isento para famílias que não pudessem contribuir. Foi constatado que, embora não houvesse seleção e a divulgação das matrículas seja ampla, o público que busca se matricular é praticamente dividido igualmente entre estudantes de escolas públicas e privadas. Houve um tempo em que o público atendido era principalmente de alunos de escolas públicas, mas, nos últimos anos, houve uma diminuição na procura. A equipe acredita que o aumento do número de escolas públicas com atendimento em tempo integral, as dificuldades financeiras das famílias para custear o transporte e a falta de disponibilidade de um responsável para acompanhar o menor afetaram a procura por esse público específico.

No entanto, independente do ambiente social ou outra condição, os adolescentes que frequentam as oficinas do CJAP, todos passam por mudanças. Afinal, a adolescência é um período de transição entre a infância e a vida adulta e, durante esse período, o indivíduo busca atingir as expectativas culturais da sociedade em que vive. Durante a adolescência, o indivíduo passa por um período de experimentação e perda, enquanto reformula seus conceitos sobre si mesmo e o mundo. Para enfrentar essas mudanças, o jovem deve lidar com três grandes perdas: o luto pela perda do corpo infantil, o luto pela perda da identidade infantil e o luto pela perda dos pais da infância (ABERASTURY; KNOBEL, 2003).

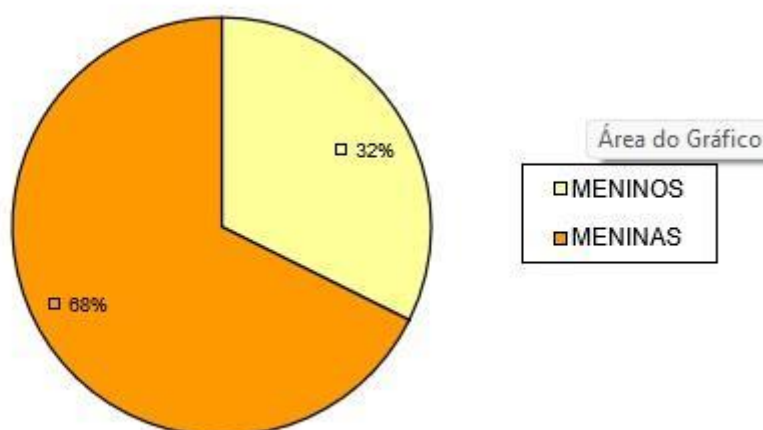
Segundo Aberastury e Knobel (2003), em nossa cultura, a adolescência é marcada por períodos de audácia, timidez, descoordenação, urgência, desinteresse ou apatia. Esses comportamentos podem ocorrer simultaneamente ou em sucessão, juntamente com conflitos afetivos e crises religiosas, que podem variar do ateísmo anárquico ao misticismo fervoroso. Também podem ocorrer intelectualizações e postulações filosóficas, ascetismo e condutas sexuais que variam de heteroerotismo a homossexualidade ocasional. Tudo isso chamado pelos autores de “síndrome normal da adolescência”.

Para explicar sobre os adolescentes que frequentaram as oficinas de audiovisual e participaram do projeto “*Vídeo Carta ‘Encontros’*” e do Projeto “*Meu Mundo Minha Janela*” e organizar o conteúdo do texto, trabalhamos com informações contidas no documento - fichas de matrícula - dos alunos, respectivamente de 2019 e 2020. O projeto “*Vídeo Cartas: imagens e sons que viajam*” era uma das atividades do projeto de cooperação “*Educação audiovisual na formação de professores: uma área de inovação educativa*” (CFE/UFF/UNESPAR). Consistiu numa troca de cartas vídeo entre crianças e adolescentes de escolas de Montevideu, Niterói e Curitiba: durante os meses de Setembro e Outubro de 2019, experimentaram dispositivos criativos, construindo conhecimentos, afetos e pontes culturais, do qual participaram as alunas da Oficina de Videoarte.

O projeto **Meu Mundo, Minha Janela**, desenvolvido pelo Laboratório de Cinema Educação (LABEDUCINE) da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), em parceria com Werner Produções, oportunizou, a partir da Oficina de Videoarte, aos alunos das 28 oficinas do ano de 2020 (período de isolamento causado pela pandemia do Covid-19), participarem da produção e envio de vídeos com o tema: “Cenas do cotidiano durante o distanciamento social”. O objetivo do projeto era compartilhar momentos durante o distanciamento social através de vídeos feitos com celular, em casa.

Um total de 34 alunos, com idades entre 08 e 17 anos, participaram dos projetos “*Vídeo Carta ‘Encontros’*” e “*Meu Mundo Minha Janela*”. Havia também uma participante convidada com mais de 18 anos, que não está incluída nos dados estatísticos. Entre os participantes, 55,8% eram adolescentes com mais de 12 anos, 67,6% eram meninas e mais da metade estudavam em escolas particulares (58,6%).

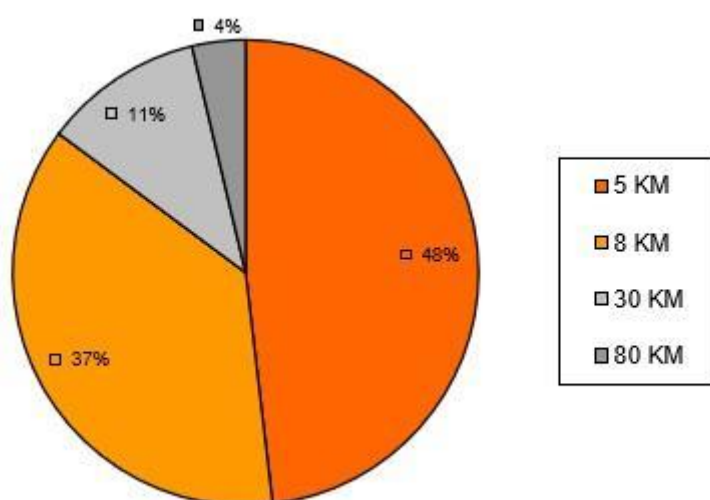
GRÁFICO 4 - MENINOS E MENINAS PARTICIPANTES DOS PROJETOS AUDIOVISUAIS



Fonte: CJAP (2019-2020).

Um dado levantado foi a distância entre a residência dos participantes e o CJAP, localizado no bairro São Francisco, região central de Curitiba. A análise mostrou que menos da metade dos alunos (43%) moravam a menos de 5km do Centro Juvenil. O percentual de alunos que moravam a mais de 8km era de 46%, enquanto 10% moravam a mais de 30 km de distância, em cidades metropolitanas da capital. Apenas um participante (2,7%) era de fora da grande Curitiba, um aluno da cidade de Palmeira que participou da oficina de Audiovisual on-line em 2020, durante o período de isolamento social.

GRÁFICO 5 - DISTÂNCIA ENTRE AS RESIDÊNCIAS DOS PARTICIPANTES E O CJAP



Fonte: CJAP (2019-2020).

O projeto “*Meu Mundo Minha Janela*” foi realizado durante o período em que

as aulas das oficinas eram ministradas remotamente. É possível que tanto o resultado quanto a participação neste projeto fossem diferentes se realizados presencialmente. A participação, que foi de 30 alunos, provavelmente teria sido menor, já que as turmas normalmente têm inscrições para no máximo 15 vagas. Além disso, como já observado, a questão financeira em relação ao transporte pode levar alguns alunos a desistirem, devido à falta de subsídios para irem até o CJAP, principalmente aqueles que moram mais distantes.

Outra fonte de informações sobre os adolescentes do CJAP são as entrevistas realizadas pelas alunas da oficina de Videoarte em 2019. Como parte das atividades da oficina, foi proposto um exercício de gravação de entrevistas para um pseudo projeto de documentário. As alunas prepararam um roteiro com perguntas e escolheram um ambiente do Centro Juvenil para gravar as entrevistas, cuidando dos ângulos e enquadramentos. As perguntas incluíam: *Qual seu nome e idade? Onde você estuda? O que você mais gosta na escola e o que menos gosta? Quais são seus medos e inseguranças em relação à sua vida e ao futuro? Quais são as coisas mais importantes para você? Por que você escolheu fazer a oficina de videoarte?* Dessas entrevistas, extraímos algumas respostas que nos dão uma noção de quem são os alunos, o que pensam, como percebem o mundo e porque escolheram participar da oficina de audiovisual no CJAP (na época Videoarte).

FIGURA 14 – MOMENTO DE ENTREVISTAS



Fonte: A autora.

São as alunas: Ale (15 anos), Ge (15 anos), estudantes de escolas públicas, Gi (16 anos), Vic (15 anos), Duda (12 anos) e Mica (13 anos), estudantes de

escolas particulares (codinomes¹²). Quando questionadas, durante a entrevista, sobre seus gostos na escola e no dia a dia, observamos pelas respostas que a maioria das alunas demonstram interesses nas diferentes áreas artísticas, já tem desenvolvido um senso crítico, político e social. Nos apropriando das características da adolescência descritas por Aberastury e Knobel (2003), em **Síndrome normal da adolescência**, observa-se uma *busca de si mesmas*, um sentimento de identidade, como uma verdadeira experiência de autoconhecimento. Percebe-se inclusive uma *necessidade de intelectualizar e fantasiar* usadas como mecanismos defensivos frente a situações complexas, quando vemos a resposta das alunas sobre o que elas gostam, apresentando uma preocupação com a educação e gosto por assuntos que sugestionam maturidade,

- *“Das coisas que eu gosto, não sei, eu acho que os meus interesses são bem limitados, são sempre em torno do conhecimento, o saber, o aprender, o ensinar, sempre em algum grau. Não sei principalmente em relação à política, às questões sociais, enfim, essas paradas aí... Não sei, eu acho que eu gosto de saber das coisas e é isso aí.. então quase tudo que eu faço, tudo que eu leio, tudo que eu vivo é pensando em aprender”* (Ale, 15 anos);
- *“Eu gosto de todas as matérias de humanas, mas eu não gosto de exatas. Não é muito uma questão de não gostar, mas é porque eu não tenho facilidade e humanas eu sei que é uma coisa que eu quero levar pra frente, é algo que eu realmente me interessa. [] gosto da oportunidade que a gente tem de aprender [] Ah, eu gosto de fazer muita coisa, eu gosto de desenhar eu gosto de ler, eu gosto de escrever, eu gosto muito de teatro né... sou apaixonada pelo teatro, de filmar as coisas, de fotografar as coisas e eu também gosto muito de estudar. Mas eu gosto de estudar as coisas que eu tenho que ler e não as coisas que eu tenho que decorar”* (Gi, 16 anos);
- *“Minhas matérias preferidas são: Arte, história e geografia e não gosto de Matemática. Na escola eu gosto, que todos tenham uma opinião*

¹² Foram usados codinomes ou os nomes simplificados para preservar a identidade das alunas e por elas preferirem serem chamadas dessa forma. Todas as imagens utilizadas neste material tiveram autorização cedida a autora, pela direção do Centro Juvenil de Artes Plásticas – CJAP, sob a responsabilidade do Sr. Luiz Gustavo Vardânega Vidal Pinto através de cessão do direito de imagem, já que todos os responsáveis pelos participantes, assinaram a sessão de uso da imagem no ato da matrícula semestral das oficinas do CJAP no ano de 2019 e 2020.

sobre as coisas e como cada opinião é diferente, forma pessoas diferentes, é círculo diferente, e sempre tem algo a contar sempre tem alguma coisa muito importante pra dizer e se você prestar atenção em cada aluno da escola ele sempre vai estar passando por um problema que você pode (enfático) ajudar, mesmo você não percebendo, você sempre pode ajudar” Gosto de ler, cantar, tocar alguns instrumentos que eu tenho em casa, compor músicas e dormir”. (Ge,15 anos);

- “Eu gosto da escola porque ela proporciona um futuro pra gente. Nos ajudar a estudar melhor. Gosto muito de ciências naturais. Eu gosto por causa que ela estuda sobre a natureza, sobre coisas naturais que eu gosto” (Duda,12 anos);
- “Gosta de fazer: esporte, comer, mexer no celular e comer. Não tenho matéria preferida. Não gosto de nada na minha escola” (Mica,13 anos).

É possível perceber, pelas respostas sobre “aquilo que não gostam na escola ou na vida”, uma *atitude social reivindicatória*, pelas críticas ao ambiente escolar e ao processo de ensino e *flutuações do humor e do estado de ânimo* demonstrando a ansiedade, que normalmente acompanham a adolescência, quando responderam:

- “Que eu não gosto na escola? Eu não gosto de biologia porque eu não gosto da certeza da biologia, eu acho que é muito chata você é uma coisa que é assim que é assim porque eles viram num microscópio então é assim” (Vic,15 anos);
- [] “e eu tenho muita ansiedade em relação a não saber das coisas e eu tô superando isso aos poucos, mas é uma parada por aí...”(Ge, 15 anos);
- [] “não gosto da formalidade que é tratado (escola), você ter que estudar e os conteúdos que você tem que estudar, é tudo uma questão assim, de às vezes você tá estudando uma coisa que você não vai usar no futuro realmente e você tem que saber aquilo, sua reputação tem que ser boa, você tem que ser uma pessoa, você tem que ser aquilo, você tem que crescer, você tem que ter dinheiro. E a escola ela não prepara para vida, ela prepara para você fazer os testes e vestibulares, mas não prepara pra vida. Ninguém te ensina como que você vai viver, ninguém te ensina como você vai crescer, ninguém vai te ensinar o que você tem que fazer. Então é um preparo, é um preparo, mas não casa

muito com o que eu vou fazer. Ah, e eu também não gosto de ser forçada a fazer algo” (Gi,16 anos);

- *“Não gosto de certas atitudes dos professores. Quanto a forma de ensino deles, é muito fechado, é muito fria, é muito decoreba. E eu também não gosto de certos alunos que acham que tem direito sobre a escola o tempo todo. [] eu não gosto de ser obrigada a fazer as coisas como ser obrigada a comer às vezes, quando eu não tô com fome, porque é para eu ficar saudável, como ser obrigada a fazer exercícios que eu não quero fazer e não tenho capacidade de fazer, e ser obrigada a ler textos que não agregam nada na minha vida” (Ge, 15 anos);*
- *“Bom, não tenho motivo específico, não tem algo que eu não goste. Estudar, mas acho que isso ninguém gosta” (Duda,12 anos);*
- *“O que eu não gosto na escola? A dona da escola (risos)”. (Mica,13 anos).*

Nas respostas sobre sonhos e expectativas para o futuro e o que é importante, há um *deslocamento temporal*, transformando o tempo presente em ativo em uma tentativa de controlá-lo. As urgências são grandes e, às vezes, os adiamentos parecem irracionais, como pode ser observado nas falas a seguir:

- *“Tem muita coisa que é importante para mim, eu acho que uma delas é no momento mesmo é traçar um rumo por onde que eu tenho que ir é traçar uma ideia para onde que eu tenho que ir. É pensar um pouco no futuro e nas coisas que eu tenho que fazer. Mas isso não é o importante do meu fundo. O importante do meu fundo é fazer algo que eu gosto, é estar com as pessoas que eu gosto, é viver o que eu gosto. E não viver para ganhar algo para suprema necessidade econômica de algo” (Gi, 16 anos);*
- *“Mais importante: Meus amigos a minha família e minha saúde mental” (Ge, 15 anos);*
- *“Não tem algo importante para mim, porque tudo é importante para mim, tudo, todos os momentos, todas as coisas que eu já ganhei, tudo!” (Duda, 12 anos);*
- *“Ainda não, acho que ainda tá muito cedo pra pensar nisso. Importante: Família e alguns lugares que eu passei a minha infância” (Mica, 13*

anos).

Sobre “medos e ansiedades pessoais”, mais uma vez aparece a *busca de si mesmo e flutuações do humor e do estado de ânimo, características normais do desenvolvimento e do comportamento do adolescente, compreensíveis ao momento de conflitos e incertezas que se acentuam nesse momento vital:*

- *“E eu tenho medo de muita coisa, sou uma pessoa muito medrosa. Tenho medo da vida, tenho medo da morte, tenho medo do que eu vou fazer da minha vida, tenho medo do que eu vou fazer depois que eu morrer. [] Tenho muitas inseguranças na vida, como me relacionar com as pessoas, porque o mundo é só um monte de pessoas. E acho que tenho medo de não aproveitar minha vida por não estar aproveitando as pessoas que estão em volta de mim e tem inseguranças que você sabe que são fúteis e não fazem sentido na sua vida, tipo, tá (risos) inseguranças fúteis da vida de: Será que eu sou bonita? Será que as pessoas gostam de mim? Será que as pessoas me acham divertidas? Será que eu vou ser interessante para as pessoas que me virem na rua ou para as pessoas que me virem na rua na vida...é assim, acho que é isso”. (Vic,15 anos);*
- *“Tenho, tipo: pensar que eu não vou conseguir trabalho por causa de algumas coisas, tipo por causa de nossas baixas. Do tipo: ninguém vai me aceitar no trabalho, algo desse gênero...” (Duda, 12 anos);*
- *“Eu acho que em relação, tipo como eu tô aí na cidade, como eu vivo, meus medos nesse espaço eles vêm sendo desenvolvidos muito recentemente pelo contato com pessoas que se previnem muito em relação a tudo. Porque eu acho que eu sempre fui meio avoadada e nunca nada me aconteceu eu continuo sendo avoadada e muito aberta muito aberta, sobre mim e muito aberta sobre tudo, quando eu devia ser fechada e manter as coisas em segredo. Eu acho que essa é minha insegurança, tipo uma paranoia, talvez não seja paranoia, mas nos outros de tudo que eles falam, tudo que eles fazem é passível de ser usado contra eles e aí eu começo a adotar isso para mim também (risos), é tenso” (Ale, 15 anos);*
- *“Tenho medo de andar no escuro” (Mica, 13 anos).*

E, enfim, as respostas imprescindíveis para esta pesquisa, “como chegou ao

CJAP e por que escolheu participar da oficina de audiovisual” registra uma *busca de si mesmo e de uma identidade* em construção, já fazem escolhas baseadas em suas próprias afinidades e percepção do eu:

- *“Eu escolhi esse curso porque eu gosto da ideia de como arte pode ser também transmitida por vídeo, como sentimento vai ser passado por um vídeo, que é uma coisa que a gente grava normalmente para rede social, para uma coisa idiota assim, mas pode ser também uma coisa bem legal e também bem emocionante e porque eu gosto muito de Cinema, gosto da história do Cinema eu gosto de assistir filmes”* (Vic, 15 anos);
- *“E eu acho que na verdade, eu vim fazer o curso de vídeo arte porque eu tava com um tempo livre, mas aí eu não tenho mais tempo livre, (risos) então questiono essa escolha. Mas eu gosto muito de vídeo de filmagem, gosto bastante de fotografia também, da ideia da imagem, sabe? Tá sendo uma experiência interessante, quando eu apareço”* (Ale, 15 anos);
- *“Eu escolhi esta oficina porque eu realmente tenho, eu tenho muita apreciação por cinema, por vídeo, por, por fotografia e tudo mais. Então, eu realmente gosto da oportunidade de estar trabalhando com isso, de estar dando meu tempo para isso, para me desenvolver com uma pessoa, para desenvolver de forma artística, que eu quero levar para uma formação mais para frente”* (Gi, 16 anos);
- *“Eu cheguei no CJAP porque eu estava fazendo estágio e uma das obrigações do estágio era vir no CJAP fazer um curso e eu mostrei alguns desenhos para professora daquele curso e a professora Adriana chegou, viu os meus desenhos e a minha e as minhas animações e me convidou para fazer o curso e eu aceitei”* (Ge, 15 anos);
- *“Porque isso, tipo, me ajuda a me sentir mais livre como se eu tivesse mais espaço para falar. Poder falar o que penso. Que tipo na escola às vezes não dá certo. Não sei dizer, é como se eu me sentisse melhor num lugar, mais meu”* (Duda, 12 anos);
- *“Eu queria experimentar um curso diferente. Eu gosto de tirar bastante foto, daí eu vi que tinha videoarte e me matriculei”* (Mica, 13 anos).

As respostas obtidas por meio das entrevistas realizadas pelas próprias

alunas revelam que elas já têm opiniões formadas sobre diversos assuntos e sabem o que desejam e o que não desejam. Elas anseiam por ir além, mas frequentemente percebem que as oportunidades para adolescentes talentosos são bastante limitadas. Em várias ocasiões, precisam se adaptar às exigências do mundo adulto. No entanto, reconhecemos que essa não é sempre a abordagem ideal. Se o adolescente não encontrar o caminho adequado para sua expressão pessoal e para a realização de suas possibilidades, ele pode não se tornar um adulto satisfeito. Portanto, é essencial encontrar um equilíbrio, exercer bom senso e oferecer orientação parental, educacional e até mesmo profissional para que o processo de amadurecimento ocorra de maneira saudável e tranquila.

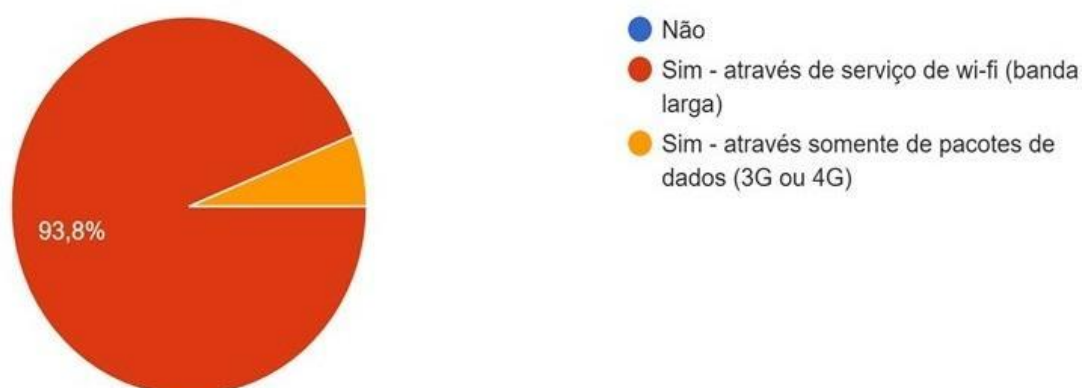
3.3 INFORMAÇÕES REVELADAS PELAS FONTES:

Outra fonte de informações utilizada foi uma pesquisa realizada pela equipe do Setor Educativo no final do ano letivo de 2020. A pesquisa realizada com os familiares dos alunos, através de questionário do Google Forms procurou saber entre outras informações, como estava sendo o período de isolamento durante a pandemia do Covid-19. E tinha como intuito coletar informações para que se pudesse repensar e realinhar as atividades e ações educativas da instituição para o próximo ano, já prevendo o impacto que a pandemia havia causado no comportamento social, familiar e interpessoal afetaria muito na maneira de ensinar e aprender.

Pelos dados dessa pesquisa é possível conhecer um pouco mais o perfil dos adolescentes que frequentavam o CJAP.

Ao analisar os dados sobre a relação dos adolescentes com o uso da internet e das redes sociais, apresentados no início deste capítulo, é possível observar certas semelhanças nos índices. A pesquisa respondida por 65 alunos do CJAP mostra que, em 2020, 100% deles afirmaram ter acesso à internet, sendo que 93,8% usam serviço Wi-Fi de banda larga. Isso se assemelha aos dados da pesquisa *TIC Kids Online Brasil*, que apontava que, em 2022, 93% das crianças e adolescentes do país entre 9 e 17 anos eram usuários de internet.

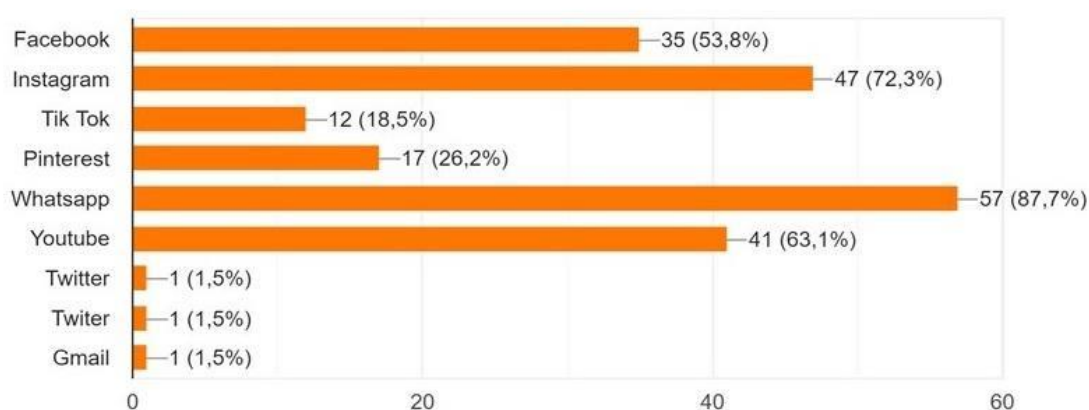
GRÁFICO 6 - ACESSO À INTERNET: PESQUISA SETOR EDUCATIVO



Fonte: CJAP (2019-2020).

Ao serem questionados sobre o uso das redes sociais, foi possível observar que, entre as crianças e adolescentes que frequentam o CJAP, as plataformas mais acessadas são o WhatsApp (87,7%), Instagram (72,3%) e Facebook (53,8%). No entanto, em 2020, o TikTok ainda era pouco utilizado por eles, com apenas 18,5% de uso.

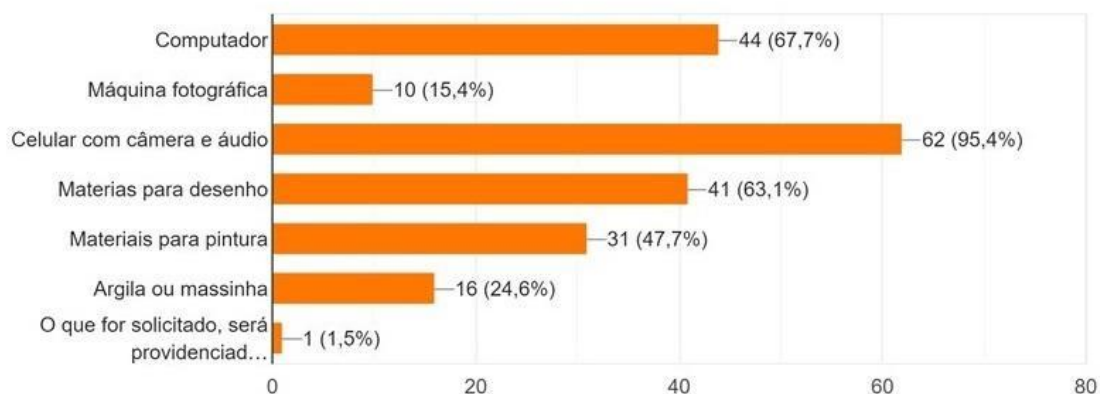
GRÁFICO 7 - REDES SOCIAIS ACESSADAS: PESQUISA SETOR EDUCATIVO



Fonte: CJAP (2020).

Como já mencionado, o uso de telas por crianças e adolescentes aumentou consideravelmente nos últimos anos, principalmente em relação ao uso de smartphones. De acordo com uma pesquisa realizada com alunos durante a pandemia, 95,4% deles utilizavam celulares com câmera e áudio, conhecidos como smartphones, para realizar atividades escolares, enquanto 67,7% possuíam computadores para o mesmo fim.

GRÁFICO 8 – EQUIPAMENTOS A QUE OS ALUNOS TINHAM ACESSO: PESQUISA SETOR EDUCATIVO



Fonte: CJAP (2020).

Em resumo, mais da metade dos alunos atendidos no CJAP, eram adolescentes na sua grande maioria, com mais de 12 anos, estudantes de escolas particulares, que se auto declararam do sexo feminino, e que possuíam interesse nos mais diversos campos das artes e eram atendidos conforme as orientações dos artigos 3º e 4º do ECA tendo com seu desenvolvimento e direitos assegurados.

Observou-se através da pesquisa que esses adolescentes de diferentes idades, gênero, classes sociais, vivências e experiências culturais, passam por mudanças físicas, mentais, emocionais, sexuais e sociais, comuns à adolescência, conforme a descrição da “síndrome normal da adolescência” de Aberastury e Knobel (2003). São indivíduos que vivem conectados ao mundo virtual, construindo suas próprias narrativas e interagindo com o cenário sociocultural atual. Eles buscam interações sociais imediatas e a construção de um espaço de identidade próprio, na mesma velocidade das interfaces. Essa geração possui ampla familiaridade com diferentes linguagens artísticas, especialmente com o registro audiovisual, permitindo o registro de diversas circunstâncias e atividades. Portanto, pelas falas, entende-se que os adolescentes do CJAP, buscavam aprofundar ainda mais seu conhecimento com relação a essa linguagem, por meio da participação em oficinas e projetos oferecidos nestes espaços de ensino não formal.

3.4 LINGUAGEM AUDIOVISUAL E AS OFICINAS

A linguagem audiovisual é composta por outras três linguagens - verbal, sonora e visual - que, conjugadas, transmitem uma mensagem específica. A leitura dessa linguagem pressupõe o conhecimento dos seus elementos, seus códigos e processo de construção. Dessa maneira, este espaço tem

como principal objetivo sistematizar e oferecer maiores informações ao professor que deseja introduzir essa linguagem em sua sala de aula, trabalhando com a leitura de imagens e sons a partir do Cinema, do Vídeo, da TV ou da Web. Para que o trabalho com o audiovisual ofereça resultados satisfatórios, em todos os níveis, é muito importante que professor e aluno sejam capazes de realizar a leitura de imagens de forma crítica e aprofundada, levando em consideração além dos aspectos estilísticos relativos à imagem, aspectos socioculturais e históricos, por exemplo. E é pela leitura de imagens que começamos nossos estudos! (SEED-PR, *online*)

Esta colocação, que se encontra no site “*Dia a Dia Educação*”, da SEED-PR, aponta para a relevância do uso da linguagem audiovisual no ensino, mesmo que no ensino não formal, inclusive pautado nas diretrizes curriculares desse estado.

O neologismo «audiovisual», resultante da fusão dos termos «áudio» (do latim *audire* — 'ouvir') e «visual» (do lat. *videre* — 'ver') surge pela primeira vez, segundo alguns autores, por volta de 1930, nos Estados Unidos da América, numa altura em que os progressos técnicos permitem a transição do cinema mudo para o cinema falado. [...] com a popularidade de cada vez maior do cinema sonoro e com o advento da televisão — uma nova forma de comunicação que viria a abalar, mais tarde, a própria indústria cinematográfica —, o vocábulo espalhou-se pelos países anglo-saxónicos, devido à elevada rapidez com que as «imagens falantes» se impuseram. (OLIVEIRA, 1996, p. 122).

O artigo de Oliveira (1996) menciona que, a partir da década de 60 do século XX, o termo “audiovisual” se estabeleceu e começou a ser amplamente divulgado tanto na mídia quanto na educação. Os projetos utilizados como fonte para esta pesquisa fazem uso de três linguagens que, juntas, transmitem uma mensagem específica: verbal, sonora e visual. Portanto, o que chamamos de linguagem audiovisual atuará como um elo entre as áreas de conhecimento em Arte. A comunicação audiovisual é qualquer meio de comunicação expresso com o uso conjunto de componentes visuais (sinais, imagens, desenhos, fotografias, gráficos etc.) e sonoros (voz, música, ruído, efeitos onomatopaicos etc.), ou seja, tudo que pode ser visto e ouvido ao mesmo tempo. Entre as mídias audiovisuais, destacam-se o cinema, o vídeo, a televisão e a web.

Para Pires (2010), o “audiovisual e as mídias digitais” são elementos da cultura que podem ser experimentados dentro do espaço escolar, transformando o invisível em visível por meio de uma linguagem em que pensamentos, emoções e afetos são traduzidos em imagens. Assim, a tecnologia audiovisual se torna uma nova forma de produção de subjetividade que emerge em diversos espaços, incluindo o espaço escolar.

Fantin (2011, p. 50) também discute a influência da presença generalizada das tecnologias em todos os setores da sociedade, incluindo a educação:

Hoje, as mídias apresentam o mundo às crianças cada vez mais cedo e elas trazem o repertório do cinema, da televisão, dos quadrinhos, da literatura, da imprensa e das redes em suas falas cotidianas - muitas vezes cheias de estereótipos - que compõem o currículo extra-escolar. (FANTIN, 2011, p. 50).

Ele destaca a importância de a escola/professor trabalhar para desenvolver a consciência crítica e refinar esses conhecimentos. Para Nakackima e Amaral (2006, p. 34), “cabe à escola aprender a lidar com a abrangência e rapidez do acesso às informações e produção do conhecimento, reconhecendo que ela não é mais a única ‘fonte do saber’”. Afinal,

os adolescentes de hoje utilizam os mais diferentes espaços audiovisuais para se expressar, se relacionar e transformar sua criatividade em uma produção própria, através do uso de fotos digitais, vídeos, e-mails, comunidades de relacionamento e blogs disponíveis na internet. (NAKACKIMA; AMARAL, 2006, p. 36).

E essa popularização das tecnologias do vídeo e da fotografia, principalmente entre os adolescentes e jovens, independe da classe social, raça, opção sexual ou idade:

temos toda uma geração que possui ampla familiaridade com o registro do audiovisual, e esse modo de interagir com o mundo está presente de forma contundente no espaço escolar, permitindo o registro de agressões, ofensas e conflitos cotidianos, mas também de demonstrações de afeto. Esse é o adolescente da atualidade, alguém que vive conectado com o mundo virtual e que faz dele seu próprio mundo particular; alguém que busca no imediatismo e, na mesma velocidade das interfaces, às interações sociais e a construção de um espaço com significados de identidade que lhe seja próprio. (PEREIRA; BRASIL; VIDIGAL; VICENTE, 2016, p. 257).

De acordo com Pereira, Brasil, Vidigal e Vicente (2015, p. 259), autores do artigo **Audiovisual como um recurso de expressão na adolescência**, no cenário contemporâneo, o audiovisual integrado ao mundo virtual é um modo de expressão. Por meio desse instrumento, os jovens podem se comunicar e ressignificar suas angústias, identidade e relação com o corpo. Situações antes enfrentadas individualmente agora ganham uma interlocução possível com as interações grupais. Assim, as ferramentas tecnológicas se tornam um meio para o adolescente

reescrever sua história e expressá-la na interlocução do mundo virtual.

Portanto, as formas e meios de aprendizado precisam ser ampliados e modificados e as diferentes mídias precisam ser utilizadas pelos educadores. Para Nakackima e Amaral (2006, p. 42), “a escola precisa inserir a linguagem audiovisual em suas práticas educativas, incluindo um trabalho de alfabetização pela imagem que envolve a consciência crítica em relação aos meios e à sua própria realidade [...]”. A linguagem audiovisual é dinâmica porque permite que o indivíduo seja não apenas receptor, mas também produtor de informações. Citando Kenski (2006), Nakackima e Amaral enfatizam que:

[...] o professor deve alterar seus procedimentos didáticos e a sua própria postura, ou seja, é preciso que ele se posicione não como o detentor do monopólio do saber, mas como um parceiro, um pedagogo, no sentido clássico do termo, que encaminhe e oriente o aluno diante das múltiplas possibilidades e formas de se alcançar o conhecimento e de se relacionar com ele. (NAKACKIMA; AMARAL, 2006, p. 35).

Para isso, é necessário abandonar os velhos hábitos pedagógicos tradicionais e se abrir para novas possibilidades didáticas, enxergando as diferentes mídias como auxiliares e não como obstáculos ou desprezo, e, finalmente, incorporar a linguagem audiovisual em sua prática. A introdução da linguagem audiovisual no espaço escolar não formal traz consigo novas maneiras de ensinar e novas possibilidades de aprender, fazendo com que o ato de se comunicar receba um novo significado através do uso de imagens, sons e movimentos. “Diante de tantas mudanças, a escola precisa reconhecer que houve uma evolução da linguagem que não se limita mais à oralidade e à escrita, mas se expande para a linguagem audiovisual, caracterizada por ser dinâmica e multimídia” (Idem, p. 46).

Em reflexão sobre atividades estéticas, múltiplas linguagens e o repertório das mídias que não são problematizadas, Fantin (2011), cita o cinema como um recurso de entrelaçamento das diferentes possibilidades entre mídia, realidade, fantasia, sociedade, espaço educativo, enfim, o educando e o mundo:

Nessa perspectiva, o cinema, neste momento entendido na interface da produção cultural e da arte, com suas histórias contadas através de imagens, sons e movimentos, pode assegurar formas de trabalho com as diferentes linguagens por meio de seu estatuto próprio, que pode ser ampliado e redimensionado quando se sabe a importância em propiciar às crianças experiências estéticas. (FANTIN, 2011, p. 45).

Para a viabilização dos projetos de audiovisual, tanto da Oficina de Videoarte de 2019 como a de 2020, onde tivemos como resultado as produções realizadas pelos adolescentes que frequentaram as oficinas, apresentamos aos estudantes um breve histórico do início do uso desta linguagem híbrida através da fotografia e do cinema. Em síntese:

O cinema, abreviação de cinematógrafo, é a técnica de projetar fotogramas (quadros) de forma rápida e sucessiva para criar a impressão de movimento ("kino" em grego significa movimento e "grafos" escrever ou gravar), bem como a arte de se produzir obras estéticas, narrativas ou não, com esta técnica. (FANTIN, 2011, p. 45).

Apresentamos a eles a possibilidade de perceber, através da história imagética da humanidade, que o desejo do ser humano de ultrapassar os limites da representação do movimento e do tempo sempre existiu. Desde as imagens com representação do movimento da pré-história até o teatro de sombras chinês. Posteriormente, surgiram inúmeros inventos, como a "Câmara Escura", de Leonardo da Vinci, no século XV, e o embrião da máquina fotográfica, no século XVI. No século XVII, surgiu o embrião dos projetores, a "Lanterna Mágica". Já no século XIX, surgiram inúmeros aparelhos tecnológicos na tentativa de dar movimento às imagens, como o Fantascópio, Taumatrópio e Fenacístoscópio, chegando ao Zootrópio (William George Horner, Inglaterra), que exibia sucessivas imagens estáticas que davam a sensação de movimento.

Ainda no século XIX, Joseph Nicéphore Niepce e Louis-Jacques M. J. M. Daguerre (França, 1839) criaram a fotografia com a fixação de imagens em uma placa metálica de iodeto de prata. William Talbot (Inglaterra, 1841) revelou a imagem fotográfica em um papel muito fino, e Charles Benett (Inglaterra, 1878) utilizou o celuloide na fabricação de película fotográfica. Étienne-Jules Marey (França) criou o fuzil fotográfico, que permitiu a fotografia em série. Hannibal Goodwin (EUA, 1889) desenvolveu a película perfurada à base de celuloide transparente resistente e flexível; Thomas Edison (EUA, 1890) criou o Cinetoscópio e introduziu o filme de celuloide perfurado para projetar imagens no interior do invento. No entanto, as imagens não eram projetadas em telões e só podiam ser vistas por uma única pessoa por meio de um orifício em que colocava um dos olhos. A experiência visual proporcionada pelo cinetoscópio não podia ser feita coletivamente. Edison não chegou a patentear o invento, o que abriu portas para outros inventores

aperfeiçoarem o modelo. Em 1895, os irmãos Auguste e Louis Lumière (França) idealizaram o Cinematógrafo a partir do aperfeiçoamento do Cinetoscópio de Edison e nasceu finalmente o “Cinema”. No texto **Mas afinal, o que é audiovisual?** coloca-se que, em

[...] 28 de dezembro de 1895, no subterrâneo do Grand Café, em Paris, eles realizaram a primeira exibição pública e paga de cinema: uma série de dez filmes, com duração de 40 a 50 segundos cada, já que os rolos de película tinham quinze metros de comprimento. Os filmes até hoje mais conhecidos desta primeira sessão chamavam-se "A saída dos operários da Fábrica Lumière" e "A chegada do trem à Estação Ciotat", cujos títulos exprimem bem o conteúdo. Apesar de também existirem registros de projeções um pouco anteriores a outros inventores (como os irmãos Skladanowski na Alemanha), a sessão dos Lumière é aceita pela maioria da literatura cinematográfica como o marco inicial da nova arte. O cinema expandiu-se, a partir de então, por toda a França, Europa e Estados Unidos, através de cinegrafistas enviados pelos irmãos Lumière, para captar imagens de vários países. (YGLESIAS, 2021, on-line)

Em 1895, Thomas Edison projetou seu primeiro filme, “Vitascope”. Foi com os irmãos Lumière que começaram as primeiras “direções cênicas” para o cinema. O cinematógrafo passou a registrar não apenas cenas do cotidiano, mas também cenas dramáticas com certo nível de teatralidade. O filme de 35mm e 16 quadros por segundo, adotado pelos irmãos Lumière, tornou-se padrão para todas as produções cinematográficas durante o período do cinema mudo. Os filmes eram assistidos em silêncio e acompanhados por piano. Legendas explicavam as ações e diálogos dos personagens e era comum um narrador explicar a história ao público enquanto as cenas eram projetadas.

Nas três primeiras décadas, o cinema se firmou como arte, principalmente pela ação de artistas interessados em teatro, mágica (e ilusionismo) e todo tipo possível de efeito cênico. Um dos principais nomes dessa fase do cinema foi Georges Méliès, que dirigiu “Viagem à Lua” em 1902. Com esse filme, ele conseguiu efeitos visuais verdadeiramente impressionantes para a época, o que lhe rendeu o título de “Pai do Cinema”. Após os filmes de Méliès, surgiram as produções de D. W. Griffith, nos Estados Unidos, as do expressionismo e do “Movimento de Câmera”, na Alemanha, do surrealismo, na Espanha, e o cinema soviético, sobretudo com nomes como Vertov e Eisenstein. Era necessária uma sequência de projeções de imagens estáticas, no mínimo 16 fotogramas (quadros) por segundo para criar a ilusão de movimento, só assim o cérebro humano percebe a ilusão de movimento e não as

imagens, na verdade estáticas. Em 1929, aconteceu a universalização do cinema sonoro, e desde então as projeções cinematográficas no mundo inteiro foram padronizadas em 24 quadros por segundo. “Como forma de registrar acontecimentos ou de narrar histórias, o Cinema é uma arte que geralmente se denomina a sétima arte, desde a publicação do Manifesto das Sete Artes pelo teórico italiano Ricciotto Canudo.”

Foi a partir desse embasamento teórico e da apropriação do uso das tecnologias de informação e comunicação que as práticas e experimentações audiovisuais das oficinas foram construídas. Também com a consciência da importância da experimentação audiovisual, e por consequência, do Cinema, por adolescentes em ambiente educacional não formal, tanto no que diz respeito à experiência descrita por Bondía (2002) como experiência social e dialógica, a partir do discurso social de Bakhtin (2011), quanto à experiência artística e de alteridade defendida por Bergala (2008). Esse autor também argumenta que o cinema deve ser apresentado nas escolas como uma forma de alteridade e sugere que “talvez fosse preciso começar a pensar o filme não como objeto, mas como marca final de um processo criativo, e o cinema como arte” (BERGALA, 2008, p. 21).

Adriana Fresquet (2013) também propõe pensar o cinema na escola para além de um ato pedagógico, afirmando que os vínculos entre o cinema e a educação estão crescendo cada vez mais e que isso se refere a um “gesto de criação” que desenvolve “novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas”. (FRESQUET, 2013, p. 19). Ela alega, ainda, que

Propiciar uma experiência de cinema aos mais novos, na escola, pode significar, um gesto irreverente de profanação e transformação dos objetos sagrados no ato de enriquecer repertórios, para além do mercado. É, também, uma forma de criar, multiplicando possibilidades, inspiração e pesquisa no processo de criação ao introduzir elementos da história e da linguagem do cinema como “limites” que facilitam a imaginação. (FRESQUET, 2013, p. 100).

Bergala (2008, p. 31) destaca o pensamento de Jack Lang, Ministro da Cultura da França, de que “a arte deve permanecer na escola como uma experiência ‘à parte’, cuja alteridade radical os alunos devem experimentar”. Afinal, a escola (no nosso caso a não formal) é, muitas vezes, o único lugar onde a criança ou adolescente terá experiência artística. Não é preciso ser excessivamente romântico e pensar que, como na experiência de Bergala (2008), outras crianças serão

“salvas” pelo cinema ou pelo audiovisual e/ou pela escola. No entanto, essas experiências podem ser as que farão sentido para eles e para o que lhes acontece.

Retornando a Bondía (2002), experiência é o que nos toca, nos passa, nos acontece e aquele que não se expõe é um sujeito que não tem experiências: “o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (BONDÍA, 2002, p. 24). Sobre essa “experiência”, Fresquet e Migliorin (2015) ressaltam a importância do cinema na escola, expondo as crenças a esse respeito e ressaltando que “o cinema na escola tenciona a própria arte a estar à altura das experiências sensíveis desses jovens” (FRESQUET; MIGLIORIN, 2015, p. 05).

Em “**Hipótese do Cinema**”, Bergala (2006) enfatiza a importância de assistir a filmes de qualidade durante a infância, pois há uma grande possibilidade de que isso não aconteça com a mesma intensidade mais tarde. Ele argumenta que as impressões produzidas pelo cinema nos primeiros anos têm uma marca inesquecível na memória afetiva pessoal, confirmando assim a importância de aproximar o cinema ainda na infância. “Implicitamente, o cineasta também nos convoca para acordar a criança no adulto espectador, professor, artista” (FRESQUET, s/d, p. 04).

Durante as oficinas, propomos uma aproximação com o cinema, apresentando aos alunos a oportunidade de conhecer diversos tipos de filmes e produções audiovisuais, com o objetivo de ampliar seu repertório. Adotando o conceito de “passador” proposto pelo crítico de cinema francês Serge Daney (1944-1992) e incorporado por Bergala (2006), nos colocamos como agentes de transmissão, conduzindo e nos colocando na mesma condição daqueles sob nossa responsabilidade. Nosso objetivo é auxiliar os alunos a se tornarem espectadores criativos e também realizadores, como será possível observar nos relatos a seguir.

Apresentamos diversos trechos de filmes fazendo um percurso dentro da história do cinema, descobrindo aproximações entre os diretores, comparando, contrastando técnicas, elementos da linguagem cinematográfica, entre outros. Seguindo a sugestão de Bergala (2006), iniciamos com a experiência do “*Minuto Lumière*”, que consiste em fazer com que o aluno vivencie a experiência de filmar como se fosse a primeira vez, assim como os irmãos Louis e Auguste Lumière fizeram no final do século XIX. Ao realizar um exercício de um minuto, o aluno é capaz de experimentar o que Bergala chama de “gestos cinematográficos”: a

escolha (de espaço, enquadramento, momento, etc.), a disposição (dos elementos a serem filmados) e o ataque (a própria filmagem). Isso permite que o aluno experimente a emoção da criação, em vez de apenas seguir uma história pronta, como define Fresquet (s/d), é uma forma de aprender arte "fazendo arte".

Assim, a partir dessas e outras experiências articuladas entre visualização de trechos de filmes de diferentes épocas e práticas cinematográficas, culminou-se em pequenas produções, pequenos filmes integrantes dos projetos "Vídeo Cartas" (2019) e "Meu Mundo Minha Janela" (2020). E que tiveram primeiramente o objetivo de aproximar os alunos da arte cinematográfica e dos valores que lhes são próprios, isto é: trabalho em equipe, constância, capacidade de espera, imaginação e sensibilidade. Passando pela elaboração de um roteiro, planejamento da filmagem a filmagem, assumir tarefas, transmitir e comunicar ideias, escutar e dialogar com os outros. Adriana Fresquet (s/d) em seu artigo, **Fazer cinema na escola: pesquisa sobre as experiências de Alain Bergala e Núria Aidelman Feldman**, resume bem o resultado de uma produção audiovisual no ambiente educacional:

O projeto visa um resultado que não se limita apenas ao filme, mas especialmente a todas as aprendizagens do processo. Na visualização de filmes, aprendem a olhar a realidade com atenção, a pensar ou intuir como dar forma às idéias, a partilhar decisões e explicar as próprias escolhas, o que, de alguma maneira, constitui uma outra forma de se relacionar com o mundo e com os outros. (FRESQUET, s/d, p. 09).

Nos encontrávamos todos em situação de aprendizagem, professor e aluno aprendendo na prática, na mesma perspectiva: a escolha de um espaço, a realização de um plano, a observação da luz. Um processo compartilhado e baseado nas descobertas, imaginação e desejos de cada integrante do grupo. Pudemos perceber nessas vivências que alguns princípios ou potências pedagógicas destacadas por Fresquet (s/d) em seu artigo, podem ser inferidos da experiência de fazer cinema em sala de aula, justamente pela sua especificidade:

O cinema (o cinema que fazemos) se faz com a realidade, com as coisas e pessoas que nos rodeiam; e requer, em consequência, uma mirada atenta sobre o mundo e as pessoas com as quais o partilhamos. 2) O cinema ao se fazer em equipe constitui, simultaneamente, uma experiência criativa individual é necessariamente compartilhada, requer uma verdadeira colaboração e faz necessária a confiança nos colegas. 3) O cinema não requer habilidades manuais ou físicas prévias, assim como também não demanda os conhecimentos próprios das disciplinas tradicionais. No momento da criação cinematográfica, de alguma maneira, todos, alunos e

docentes, partem do zero, de valores e requisitos novos. (FRESQUET, s/d, p. 12).

Após o desafio de planejar previamente o que seria filmado, definindo plano a plano o que seria mostrado e o que seria ouvido, passamos para a montagem. Fragmentos foram mesclados, organizados e compostos obedecendo a novos tempos, espaços e sentimentos, integrados ao som e a pequenos detalhes não previstos. Assim, criou-se uma poética única e particular de um grupo formado por pessoas distintas, oriundas de diferentes mundos particulares que se encontram e convivem, experimentando o “fazer arte” através da linguagem audiovisual em um espaço físico ou mesmo virtual, que era o CJAP.

3.5 OFICINAS DE AUDIOVISUAL NO CJAP

Como já mencionado, dentro do contexto do ano de 2019, foi iniciado um novo trabalho no Centro Juvenil, onde propomos uma oficina de Videoarte para adolescentes entre 12 e 17 anos que funcionou semanalmente, no segundo semestre de 2019. Era uma turma pequena, composta apenas de seis meninas que tinham interesse em Artes em geral e em Audiovisual.

A proposta da oficina teórico-prática tinha como conteúdos: a História do Cinema, elementos da linguagem visual, atividades práticas (roteiro, filmagem, decupagem, edição, etc) e análise das diferentes formas de videoarte para iniciantes. Propondo como produção final a criação de obra estética narrativa ou não, utilizando recursos e aplicativos de celulares.

Essa oficina tinha sua disposição pedagógica descrita na Proposta Pedagógica Curricular (PPC) da Oficina de Videoarte contido no Projeto Político Pedagógico (PPP). Nela encontrava-se a justificativa, metodologia, os recursos, a forma de avaliação e o conteúdo programático.

Percebendo que os públicos da oficina já demonstravam o interesse pela linguagem do audiovisual, e também, que era imprescindível inserir a linguagem audiovisual nas práticas educativas do Centro Juvenil, buscamos incluir na oficina um trabalho de alfabetização pela imagem, que envolvia a consciência crítica frente aos meios e a própria realidade do participante, possibilitando a criação individual e estimulando o protagonismo audiovisual.

Didaticamente os temas eram apresentados para a turma de forma geral, e

cada aluno era atendido de acordo com sua necessidade. Os conteúdos foram tratados de forma evolutiva, pois alguns aprendizados eram necessários para a compreensão de outros. As aulas foram mesclas de teoria e prática. Para um autoconhecimento, e conseqüentemente autoexpressão, eram apresentadas produções de diferentes tempos e artistas, pois conhecer a história da arte levava a compreensão de formas de expressão e materiais diversos que surgiram em cada época da história. A prática estava relacionada com um conteúdo teórico. Foi apresentada uma visão geral do processo de produção audiovisual, conceitos e práticas e oportunizado a realização de atividades que estimulassem o senso crítico e capacitem os integrantes do projeto a fazerem suas próprias produções audiovisuais.

Como método, foi utilizado uma aproximação com a “Abordagem Triangular”, que se pauta em três bases, o “fazer”, o “apreciar” e “contextualizar”. Portanto, dentro da proposta da Abordagem Triangular, buscamos trabalhar os três eixos: O “fazer” – a própria produção artística audiovisual, baseada no processo criativo, a partir da interpretação e representação pessoal das vivências nesta linguagem; o “apreciar”, através da leitura de imagem, buscando desenvolvendo as habilidades de ver, julgar e interpretar as qualidades das obras audiovisuais, compreendendo os elementos e as relações estabelecidas no todo da obra; e o “contextualizar”, onde se buscou dentro da História do Audiovisual contextualizar as produções audiovisuais no meio sociocultural. Não analisando apenas a “grande arte”, mas a produção artística como um todo.

Como recursos de apoio foram utilizados vídeos, documentários, animações, poesias, imagens digitais e impressas e qualquer material que contribuísse para o entendimento dos conteúdos. Para a realização das filmagens, foram usados os smartphones dos próprios participantes, máquinas fotográficas/filmadoras digitais do CJAP e aplicativos de edição dos próprios aparelhos celulares.

Todo o processo é avaliado pelos próprios participantes, mediados pela professora, a partir da exibição das próprias produções. Sendo analisados os fundamentos estudados e experimentados no decorrer dos encontros.

Estavam elencados para essa oficinas, os conteúdos: História da Fotografia; Composição de imagem, ângulos e enquadramentos fotográficos; Iluminação: Esquema básico; História do Cinema – primeiras produções e cineastas; Primórdios da experimentação fílmica, zootrópio; Joseph Nicéphore Niépce, George Eastman e

Thomas Edison; Construção de instrumentos ópticos e de ilusão de movimento - Taumatrópio e Zootrópio; Produção de Flip Book; Análise de características imagéticas e os Elementos da linguagem cinematográfica ao longo da história; Lumieres x Méliès: início do documentário e da ficção; Vanguardas: Observação sobre realismo poético francês, a montagem soviética e o expressionismo alemão; Cinema sonoro: “uma modinha que não vai vingar”; Hollywood: A comédia e o auge do cinema mudo; era de ouro e o cinema como indústria, Cinema Noir; Cenas, planos e takes: Como identificar e diferenciar; Gêneros cinematográficos: Ação, Animação, Aventura, Comédia, Dança, Documentário, Drama, Faroeste, Ficção Científica, Musical, Romance, Seriado, Suspense, Terror; Som: Força Narrativa; Edição: montagem e finalização; Processo de produção: do roteiro à edição; Composição e poéticas audiovisuais; Criações em Videoarte; Stop Motion.

Como a proposta da oficina foi alterada a partir do convite para participar de um projeto de Vídeo Cartas, alguns conteúdos não foram trabalhados como: as Vanguardas, o cinema Hollywoodiano, Cinema Noir e Stop Motion. Alguns conteúdos foram trabalhados paralelamente à produção da vídeo carta, como a sonorização, cenas, planos e takes, edição, montagem e finalização.

Além disso, foram oportunizadas aos alunos atividades culturais diversas, como visita ao Museu Casa Alfredo Andersen, a Cinemateca de Curitiba e ao Memorial de Curitiba, espaços localizados nas imediações do Centro Juvenil.

Portanto, embora essa oficina de 2019 tenha recebido o título de “*Oficina de Videoarte*”, buscou-se uma abordagem geral e histórica da linguagem audiovisual, trazida por meio do conhecimento estético e da produção artística, de maneira crítica e dialogada, o que permitia às alunas uma percepção da arte em suas múltiplas dimensões cognitivas.

Após algumas aulas seguindo o planejamento, recebemos um convite do Laboratório de Cinema e Educação/UNESPAR para participar de um projeto de Vídeo Carta. E muitas coisas precisaram ser repensadas a partir do convite do LABEDUCINE. “**Vídeo Cartas: imagens e sons que viajam**” era uma das atividades do projeto de cooperação “*Educação audiovisual na formação de professores: uma área de inovação educativa*” (CFE/UFF/UNESPAR). Consistiu numa troca de cartas vídeo entre crianças e adolescentes de escolas de Montevideú, Niterói e Curitiba: durante os meses de Setembro e Outubro de 2019, experimentaram dispositivos criativos, construindo conhecimentos, afetos e pontes

culturais.

Pelo LABEDUCINE participaram duas instituições de ensino, uma de educação não formal e outra de educação formal. Foi incorporado então a equipe do projeto “Vídeo Cartas: imagens e sons que viajam”, a professora Adriana Dalazen Cichocki, pesquisadora desse projeto pelo CJAP (centro de educação não formal) e Murilo Lazzarin, professor do Colégio da Polícia Militar do Paraná (Colégio estadual de educação formal). A ideia de produzir uma “Vídeo Carta” resultou em várias alterações no cronograma original da oficina, mas também abriu novas possibilidades no contexto em que estávamos. Com adolescentes de diferentes idades, estilos e contextos sociais, eles foram desafiados a trabalhar juntos e a lidar com as diferenças durante as atividades em grupo. Para realizar a proposta da Vídeo Carta, foi necessário primeiro “sair de suas caixas”, semelhante ao conceito de “gaiolas epistemológicas” de D’Ambrosio, para que as alunas pudessem se permitir outras formas de entender e lidar com o ambiente natural, social e imaginário em que estavam inseridas. Isso envolveu exercícios dialógicos complexos, trocas de experiências, conceitos e perspectivas, até que se chegasse a um consenso sobre o tema a ser trabalhado, respeitando a individualidade de cada integrante, respeitando sua alteridade.

Durante essas trocas, foram propostos exercícios práticos de captação de imagens, explorando enquadramentos, ângulos, movimentos e iluminação, entre outros. *“A professora Adriana nos trouxe profissionais da área, um casal que trabalhava com reportagens e que nos auxiliaram com algumas dicas sobre nossa filmagem, como montar e editar o vídeo...”*, lembrou Ge (2023)¹³. O material produzido era compartilhado e analisado em conjunto durante os encontros. Após esse processo, foi decidido em consenso que o tema escolhido seria “*Encontros*”, pois todo o processo só fazia sentido devido ao vínculo estabelecido entre as participantes, que se conheceram e se encontraram naquele espaço por suas escolhas e interesse pela arte.

Com isso, ficou decidido que cada participante filmaria imagens de seu trajeto de casa até o CJAP, seus lugares favoritos, objetos e atividades preferidas. Depois

¹³ Durante a escrita dessa pesquisa, senti necessidade de respostas e mais falas dos próprios participantes, como tinha o contato pessoal, conversei de forma informal com duas participantes, Ge (19 anos) e Gi (20 anos), e solicitei que me enviassem via aplicativo de mensagem algumas considerações sobre sua participação no projeto de Vídeo Cartas. Assim, neste texto temos algumas colocações e reflexões atualizadas sobre a vivência realizada em 2019.

de capturadas, as imagens foram compartilhadas, analisadas e selecionadas pelo grupo, já pensando em um roteiro sequencial. Em seguida, decidiram filmar espaços próximos ao CJAP que reforçassem a ideia de união pelo gosto artístico. Para isso, organizamos um tour pelo Centro Histórico de Curitiba, onde o CJAP está localizado. A participante Ge (2023) lembra que teve uma “[...]participação mais ativa no processo de filmagens, o qual me lembro com muito carinho de caminhar pelo Centro Histórico de Curitiba - Largo da Ordem ao lado de minhas colegas e professora, foi uma tarde calorosa no centro de uma das cidades conhecida popularmente pela sua frieza”.

As imagens captadas individualmente e coletivamente durante o *tour* pelo Largo da Ordem foram selecionadas e organizadas. Com supervisão, as participantes escolheram a sequência das imagens, criando uma poética visual, selecionaram a trilha sonora e criaram um pequeno texto poético para a montagem, que foi posteriormente traduzido para o espanhol na forma de legendas:

O que é e onde se encontra
 O que promove a diferença
 Enquanto se grita a igualdade
 Na cidade onde se perpetuam as mudanças
 Onde se encontra o que cita a arte
 De forma que evolua
 Aqui nos encontramos. (ALVES, 2020, s/p).

A participante Gi (2023) em conversa recente, “*isso foi muito interessante, também esse intercâmbio que nós acabamos fazendo durante o curso de mandar esse vídeo que nós gravamos e que nós editamos, inclusive colocamos a trilha sonora pra esses festivais*”. Havia no grupo alunas com diferentes níveis de conhecimento em arte e audiovisual, bem como diferentes níveis de maturidade e disponibilidade para aprendizagem. No entanto, um dos aspectos mais interessantes desse processo foi observar a interação entre elas, o respeito às suas percepções e a busca pelo consenso. Gi (2023) ainda ressalta que “*o projeto desenvolvido durante o curso foi muito interessante, porque nós da turma, reunimos filmagens nossas, que fazíamos durante o dia a dia, sobre os caminhos que per passávamos, ou enfim, sobre os textos que escrevemos e reunimos isso para um vídeo carta né...*”.

Embora houvesse divergências e momentos de exaltação, tudo era ponderado e, no produto final, conseguimos ver o olhar de cada uma de forma leve e criativa. Esse consenso foi alcançado através da observação das imagens captadas,

reflexão sobre os espaços representados e como eles se complementam e falam de cada integrante. Assim como o processo da escolha dos temas e da captação das imagens propiciou a convergência para uma interligação sensorial do “encontro”. Foi uma experiência que deixou boas lembranças para a participante Ge (2023) que comenta: *“Me lembro com muito carinho da montagem desse vídeo, decidimos cada detalhe minuciosamente... desenvolvemos nosso próprio microfone de lapela; e o CJAP não foi só um local onde foi montado um vídeo projeto, foi montado uma relação, mesmo que atualmente não tenha mais contato com as minhas colegas ainda tenho algumas fotos tiradas em meio a nossa produção e tenho diversas memórias sobre nosso curto período de tempo”*. Além disso, elas dominavam facilmente os equipamentos e recursos tecnológicos necessários para a oficina, como câmeras fotográficas, smartphones e aplicativos de edição de imagens e o uso das mídias sociais.

FIGURA 15 - ALUNAS REALIZANDO ATIVIDADES DE FILMAGEM NO ESPAÇO DO CJAP



Fonte: A autora.

É claro que tivemos algumas adversidades, afinal cada um tem seu “tempo”, nem todas estavam comprometidas em realizar as atividades no tempo estipulado, o tempo para a realização do projeto não era muito longo, tínhamos a dificuldade de equipamentos, usávamos os próprios celulares para a captação das imagens que nem sempre tinham uma boa qualidade. Mas, ainda assim, foi realizada a produção de vários materiais, entre eles cenas do cotidiano, composições abstratas, entrevistas entre outros que dariam novas produções se não fosse o término do ano letivo e o cronograma do projeto.

FIGURA 16 - ALUNAS REALIZANDO ATIVIDADE DE ENQUADRAMENTO DE IMAGEM PARA ENTREVISTA



Fonte: A autora.

Durante os encontros, compartilhamos saberes com os estudantes no que diz respeito aos elementos do audiovisual, suas conexões com outras linguagens artísticas e suas poéticas, tanto através da teoria quanto de atividades práticas. “*Eu lembro muito bem do contato né, com os festivais do minuto, com esses vídeos né, puxando para toda essa questão da trilha, junto com montagem do vídeo a edição de fotos e tudo mais*”, comenta Gi (2023). Também nos concentramos na análise e apreciação da linguagem audiovisual, que é produzida por indivíduos que expressam sua visão de mundo, crenças, valores e convicções de maneiras únicas. Isso foi especialmente relevante quando o grupo produziu uma Vídeo Carta e a troca de produções se mostrou muito significativa, ampliando o olhar para as construções poéticas de cada grupo.

FIGURA 17 - CARD DE DIVULGAÇÃO PARA AS REDES SOCIAIS



Fonte: A autora.

Portanto, é fascinante ver uma produção feita por jovens tão diferentes, que frequentam um espaço de educação não formal voltado para a promoção da cultura e da arte, e que participam de um projeto internacional que destaca a diversidade de culturas, perspectivas e olhares de crianças e adolescentes. Foi impactante ver essas diferenças nas Vídeo Cartas produzidas em Curitiba, Rio de Janeiro e em várias cidades do Uruguai. Para Ge (2023), “Finalizar o vídeo foi um processo gratificante, foi divertido rever as filmagens individuais e em grupo do nosso caminho até o CJAP, do mesmo modo que foi incrível a sensação quando assistimos os outros vídeos do projeto”.

Embora a proposta fosse a mesma, os resultados foram muito diferentes, mostrando a riqueza dessas produções e o valor pedagógico do uso do audiovisual no ambiente escolar, seja ele formal ou não formal como relata Gi (2023) em um momento de recordação: “E ao mesmo tempo foi muito rico, porque nós entramos

muito em contato com a filmagens de outros estudantes que também faziam um vídeo arte, então estudantes de outros países da América Latina né... Então isso foi muito interessante, também esse intercâmbio que nós acabamos fazendo durante o curso de mandar esse vídeo que nós gravamos e que nós editamos, inclusive colocamos a trilha sonora pra esses festivais. Então foi algo muito gratificante assim... eu me interesse até hoje por audiovisual, me interesse muito pelas filmagens. Hoje até trabalho com trilha sonora, então é muito interessante ver essa relação com o passado também pensar em tudo isso e onde começou né, onde foi o início... eu diria que ali foi o início”.

3.6 NOVOS DESAFIOS

No início de 2020, nossas rotinas mudaram drasticamente com a chegada da pandemia de Covid-19. Em março daquele ano, estávamos nos preparando para iniciar as oficinas artísticas presenciais no Centro Juvenil de Artes Plásticas, incluindo a oficina de Audiovisual, então chamada de Videoarte. No entanto, com as restrições de mobilidade e o isolamento social, foi necessário migrar as oficinas para o formato on-line, algo novo para os professores do Centro Cultural. As aulas eram ministradas uma vez por semana através das redes sociais, naquele primeiro momento, especificamente através do aplicativo do *WhatsApp* para evitar contato físico e risco de contaminação pelo Covid-19.

Durante o isolamento causado pela pandemia de Covid-19, as tecnologias digitais se tornaram ainda mais importantes no Brasil para diversos fins como: educação, trabalho, lazer e serviços públicos. Segundo uma pesquisa do *Cetic.br*, a internet chegou a mais lares brasileiros em 2020, com 83% dos domicílios tendo algum tipo de conexão, em comparação com 71% em 2019. Isso significa que 61,8 milhões de domicílios acessaram a internet. Graças à internet e aos dispositivos móveis, muitas atividades continuaram durante a pandemia, como home office, vendas on-line, serviços públicos on-line, ensino remoto e teleconsultas. No entanto, a pandemia também expôs desigualdades e dificuldades no acesso à tecnologia, devido à falta de infraestrutura, recursos e habilidades digitais. Outro problema foi o aumento da dependência tecnológica e dos transtornos relacionados ao uso excessivo ou inadequado das mídias digitais, como ansiedade, depressão, insônia, estresse e nomofobia (medo irracional de ficar sem o celular).

Assim, a experiência tecnológica no isolamento do Covid-19 foi contraditória e complexa, gerando vantagens e desvantagens para a sociedade brasileira. Na oficina de Audiovisual/Videoarte, decidimos expandir o atendimento, convidando filhos de conhecidos que não estavam inscritos ou que moravam fora de Curitiba. Como o atendimento seria feito on-line, isso abriu oportunidades para crianças e adolescentes que moravam longe ou que teriam aulas no horário da oficina e normalmente não teriam acesso aos cursos do CJAP. A proposta era de uma oficina artística e não de técnica. De ampliação do olhar estético e criativo através do audiovisual, ou seja; perceber e produzir Arte, unindo imagem, movimento e som.

Por isso, eram conteúdos da ementa da oficina: um breve histórico da fotografia, do cinema, aparatos cinematográficos, elementos da linguagem audiovisual, stop-motion, dicas de como gravar com o celular e de como editar vídeos usando aplicativos para smartphones, noções de iluminação, direção, roteirização, além de outros temas, e também, a realização de experiências práticas, e divertidas. Sempre seguindo as diretrizes contidas na Proposta Pedagógica Curricular (PPC), já citadas na descrição da oficina de 2019.

Começamos a oficina com um total de oito alunos, sendo seis de Curitiba, um do interior do Paraná e um do Mato Grosso. Assim como nas outras oficinas, a maneira de ensinar mudou completamente. Não havia mais trocas dialógicas e experimentações no espaço físico, e precisamos pensar em uma aprendizagem coletiva, mas realizada individualmente. No início, todos estranhamos, mas gradualmente nos acostumamos às trocas por meio de mensagens e interações on-line. Seguimos um cronograma de conteúdos semanais enviados via WhatsApp, incluindo textos, vídeos tutoriais, links para materiais e tarefas práticas a serem realizadas individualmente ou com a ajuda de um responsável. Durante a semana, trocamos informações e feedbacks sobre os resultados.

Após trabalharmos os vários conteúdos sobre a linguagem audiovisual, a história do cinema, lancei um desafio para que cada aluno fizesse a captação de um “plano” do espaço externo da sua casa. A filmagem deveria ser realizada com a câmera parada, fixa em um ângulo e enquadramento. Essa atividade recebeu o nome de “*Lá Fora*” e tinha as seguintes orientações:

- Escolha um ou mais lugares da sua casa que tenha vista para “fora”, janela, sacada, cobertura, jardim... escolha o ângulo que irá posicionar a câmera fotográfica: Ângulo normal, plongée (cima para baixo) e

contra plongée (de baixo para cima); Você pode colocar a câmera no chão, sobre o muro, sobre um objeto ou ainda segurá-la de forma firme, sempre na horizontal, ou seja deitada. Nunca na vertical!

- Fazer um enquadramento em Plano Geral ou Grande Plano Geral, filmar o que está perto e longe, observe se tem algum movimento para ser filmado: pessoas, animais, pássaros, plantas em movimento, carros passando entre outros. Filme de 30 segundos a 1 minuto, sem movimentar a câmera, depois compartilhe no grupo suas filmagens. Lembre-se: a proposta é captar imagens do que acontece fora da sua casa!

Após a captação e o compartilhamento, tivemos um momento de diálogo através do bate-papo sobre os resultados e como é o "mundo" fora das nossas casas, naquele momento de reclusão, com diferenças e semelhanças. Foi uma experiência muito bacana observar os diferentes olhares. Ainda inspirados nessa atividade e nos vários exemplos de filmes do início da história do Cinema, feito pelos Irmãos Lumière, em que a câmera ficava fixa, e retratavam o cotidiano das pessoas do início do século sem ainda contar uma história, resolvi lançar outro desafio, agora não mais “o que vemos lá fora”, e sim dentro de nossas casas. Para essa tarefa eles receberam as seguintes orientações:

- A proposta da semana foi registrar imagens das ações do cotidiano, tanto as “normais” quanto às “diferentes” que eles realizaram. Poderia ser desde algo como arrumar a cama, uma brincadeira, a tarefa da escola, um passatempo. Enfim, cenas do seu cotidiano durante o isolamento social. Então “Cenas do cotidiano no isolamento” foi a temática da semana!
- Sugeri que fizessem uma lista das atividades que costumavam realizar, e a partir dela comecem a filmar. Deveriam realizar vários vídeos curtos, de no máximo 30 segundos, ainda usando a câmera fixa. Poderia solicitar ajuda a algum familiar, e até mesmo filmar outras pessoas da casa também. E se não quiserem que as pessoas aparecessem, poderiam filmar só um detalhe do que estivessem fazendo.
- Afinal, naquele momento de isolamento social, nossas rotinas se modificaram drasticamente, tivemos que deixar de fazer muitas coisas, mas por outro lado, passamos a fazer coisas que não fazíamos, até aprendemos coisas novas. Comentei inclusive, que não sabia deles, mas que eu precisei

aprender várias coisas naquele tempo. E que, quando não tinha o que fazer, buscava algo distinto, procurava aprender, desafiando a mim mesma a fazer algo diferente. E os indaguei sobre o que estavam fazendo normalmente em seu cotidiano, ou o que tinham feito de novo.

Lembro que uma aluna me perguntou porquê deveria filmar o que ela e sua família faziam em casa. Então, dei a ela e aos demais o exemplo de Anne Frank¹⁴, que escreveu um diário durante os dois anos em que ficou escondida, contando sobre o que acontecia no “Anexo Secreto”, seus sentimentos e pensamentos. Isso a ajudou a suportar os dias de reclusão naquele momento triste da história mundial. Da mesma forma, nós também faríamos nosso registro, deixando nossa marca na história durante aquele momento histórico. As imagens captadas nesses dois desafios foram editadas e teríamos então dois produtos audiovisuais com registros das impressões de um momento histórico não só mundial, mas pessoal, intitulados: “Lá fora” e “Lá em Casa”.

Pouco tempo depois, recebi um novo convite da Profa. Dra. Solange Stecz para participar de um novo projeto de audiovisual: “**Meu Mundo, Minha Janela**”, desenvolvido pelo Laboratório de Cinema Educação (LABEDUCINE), da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), em parceria com Werner Produções.

Mais uma vez aceitamos o convite, afinal participar de um projeto de audiovisual proposto pela universidade é sempre uma oportunidade de ampliar conhecimentos, vivências e aproximações entre a educação básica e universitária. Além de que, esse novo projeto tinha uma proposta semelhante ao que já estávamos desenvolvendo na oficina de Audiovisual, proposta bem atual e conectada ao momento em que vivíamos e que traria a possibilidade de um novo olhar e resignificação temporal. Então, após conversar com a direção da instituição e demais colegas, decidimos ampliar a participação e convidar os alunos das outras turmas do Centro Juvenil. Na época, tínhamos 28 oficinas, incluindo Desenho, Artes Visuais, Teatro e Fotografia, com cerca de 250 alunos no total, entre crianças e adolescentes de 8 a 17 anos. Todas as turmas foram convidadas a participarem, recebendo o convite com as informações escritas e vídeo com um tutorial explicativo. No convite a explicação:

¹⁴ Anne Frank foi uma jovem judia que viveu na Holanda durante a Segunda Guerra Mundial e escreveu um diário sobre seus dois anos escondida com sua família dos nazistas que perseguiram os judeus na Europa. Ela morreu de tifo em um campo de concentração na Alemanha em 1945, aos 15 anos de idade.

A Oficina de Videoarte dentro de seu planejamento e em tempos de excepcionalidade propõe aos alunos de todas as Oficinas do CJAP a participação no projeto “**Meu Mundo, Minha Janela**”, desenvolvido pelo Laboratório de Cinema Educação (LABEDUCINE), da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), em parceria com Werner Produções. Com o tema: Cenas do cotidiano durante o distanciamento social, o objetivo do projeto era compartilhar momentos durante o distanciamento social através de vídeos feitos com celular, em casa. E que era destinado a Alunos de Colégios da Rede Estadual e Municipal de Educação e de cursos livres de audiovisual, no qual nos inserimos.

As orientações para as filmagens incluíam gravar na horizontal, com a câmera parada ou em movimento (plano sequência), podendo conter narração em off e trilha sonora (com licença livre). As filmagens deveriam ter entre 15 e 30 segundos, sem uso de filtros ou efeitos de edição, e ser enviadas pelo WhatsApp (privado) para o professor da oficina ou para a Prof^a. Adriana (também participante dos grupos), acompanhadas das seguintes informações: nome completo, oficina/período de que participa, idade e endereço de rede social (Facebook/Instagram).

Quanto à composição narrativa, a orientação era que poderiam ser realistas ou abstratas. Por exemplo, poderiam incluir entrevistas com alguém da casa, o ponto de vista da janela do quarto, momentos no quintal, durante refeições, tocando um instrumento musical, ajudando nas tarefas da casa, estudando, realizando atividades artísticas, participando de jogos ou brincadeiras, assistindo TV, escrevendo no diário ou compilando imagens abstratas. A ideia era explorar cores, formas e texturas. Finalizando com a orientação de que cada aluno poderia apresentar até três vídeos e qual o prazo limite para o envio, data estipulada para que pudesse realizar a compilação das imagens e edição dentro do prazo determinado pelo projeto.

Também foi observado que, após o recebimento dos vídeos, eles seriam organizados e agrupados para compor uma narrativa coletiva. Dependendo da quantidade de material recebido, seriam montados diferentes vídeos com no máximo 3 minutos, conforme o regulamento do Projeto “Meu Mundo Minha Janela”. Os materiais poderiam ser de alunos de uma mesma turma ou mesclados de acordo com a narrativa escolhida pelos responsáveis pela edição.

Os vídeos seriam exibidos nos canais de comunicação do Centro Juvenil de Artes Plásticas, no Canal do LabEducine no Youtube e enviados a festivais de

Cinema Educação. E que posteriormente, os alunos que enviassem os vídeos deveriam preencher um Termo de autorização de uso de imagem, específico para o projeto. Tivemos a participação de 30 alunos de diferentes turmas, os vídeos enviados passaram por um processo de curadoria e foram selecionados conforme a temática ou por aproximações o que resultaram em seis montagens colaborativas que receberam os títulos: *Olhares em movimento*, *Interferência cotidiana*, *Tem que ser divertido*, *Entre pensamentos e olhares*, *Passeando pela casa* e *Meu lugar favorito*.

FIGURA 18 - CARTELA DE ABERTURA DOS VÍDEOS REALIZADO NO PROJETO



Fonte: A autora.

Os vídeos são retratados sob a ótica de crianças e adolescentes que vivenciam desde o início do ano de 2020 os efeitos de um mundo pandêmico. Cenas do cotidiano: brincadeiras, jogos, dança, estudo, leitura, atividades artísticas, atividades de cuidado com a casa, entre outras. Assim como momentos de interação familiar, contemplação e reflexão.

3.7 PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS DOS ADOLESCENTES DO CJAP

Neste tópico, faremos uma análise das produções audiovisuais realizadas nas Oficinas de Audiovisual ministradas para adolescentes no Centro Juvenil nos anos de 2019 e 2020, ~~já descritas anteriormente~~. Apresentaremos mais detalhes sobre os alunos, o que foi feito, os resultados, os produtos realizados e como foram usados, além de informações sobre o planejamento, execução e resultados. Também incluímos transcrições de entrevistas com alunos dos dois projetos, contando sobre

seus conhecimentos e entendimentos sobre o audiovisual, o que aprenderam com o projeto e como isso afetou sua maneira de ver e refletir sobre o mundo.

A Vídeo Carta produzida pelas seis adolescentes da Oficina de Videoarte de 2019, intitulada “*Encontros*”, apresenta, através da perspectiva particular de cada participante, recortes de seus cotidianos: espaços de suas residências, elementos do dia a dia, trechos dos trajetos até o Centro Juvenil, imagens do entorno (imagem abaixo) e dos espaços de convivência no CJAP. É um registro do encontro entre pessoas com personalidades e interesses distintos, que interagiram e produziram arte e poesia através da linguagem audiovisual.

Cada participante realizou seus vídeos individuais (umas mais que outras), e enviaram via aplicativo de whatsapp ou “baixaram” direto no computador da professora. Os vídeos realizados do entorno do CJAP foram realizados em conjunto utilizando o celular da instituição. Todos os vídeos foram assistidos pelo grupo e categorizados, e selecionados a partir de um roteiro estabelecido pelas participantes. Após a escolha da sequência dos vídeos, os cortes e ajustes, foi escolhida a trilha sonora composta por composições musicais livres de direitos autorais. Para a produção uma das alunas escreveu um poema que sintetizava o encontro entre elas no CJAP, após a aprovação do texto, foi escolhido onde a legenda seria inserida (o texto também foi traduzido para o espanhol). A construção foi realizada de forma dialogada, conduzida pela professora, contudo de forma que as alunas fizessem suas próprias escolhas de crítica e reflexiva.

A Professora Dra. Solange Straube Stecz, em seu artigo intitulado **O uso do audiovisual como ferramenta pedagógica: possibilidades e reflexões**, destaca a importância do uso de meios audiovisuais na educação. Segundo a autora, o audiovisual pode contribuir para a formação do senso crítico dos estudantes, mediante o estímulo à análise e à reflexão sobre as mensagens presentes nas imagens e sons. Stecz salienta ainda que, para que o potencial dessa ferramenta seja efetivamente aproveitado, é importante que os professores estejam capacitados para utilizar os recursos audiovisuais de maneira crítica e consciente.

FIGURA 19 - FRAME DO VÍDEO: CIDADE DE CURITIBA VISTA DO TERRAÇO DO "MEMORIAL DE CURITIBA", LARGO DA ORDEM



Fonte: A autora.

A interação entre as participantes na oficina foi muito importante, pois permitiu que elas compartilhassem suas percepções, ideias e experiências. Isso enriqueceu o processo criativo e ajudou a alcançar um consenso sobre o tema a ser trabalhado. Além disso, a interação também pode promover o respeito às diferenças e a colaboração entre as participantes, o que pode resultar em um produto final mais coeso e criativo.

A ideia de ter suas produções vistas por alunos de outras instituições, inclusive de outro país, foi muito instigante. O resultado, mesmo sendo um recorte, mostra como é Curitiba, com suas ruas (FIGURA 20), clima, espaços e sua “gente”. Assistir aos vídeos das outras instituições causou impacto nas alunas, que ficaram surpresas com os contrastes culturais. Elas se perguntaram como a poética, as cores, paisagens, lugares e espaços podiam ser tão diferentes. Houve um momento de reflexão interessante sobre outras formas e temáticas que poderiam ter sido escolhidas para produzir a Vídeo Carta.

FIGURA 20 - FRAME DO VÍDEO: RUA DE CURITIBA

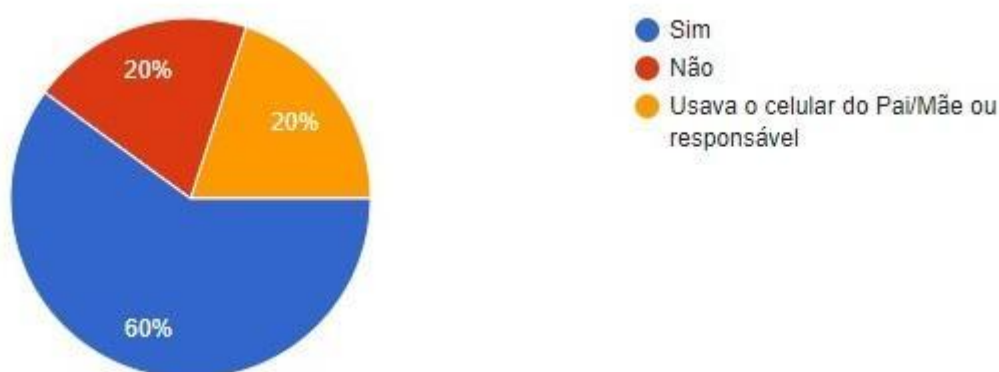


Fonte: A autora.

É inegável a importância da diversidade cultural na produção audiovisual, pois permite que diferentes perspectivas, experiências e visões de mundo sejam representadas e compartilhadas. Isso pode enriquecer o conteúdo e torná-lo mais interessante e relevante para um público mais amplo. Além disso, a inclusão de diferentes vozes e pontos de vista pode promover a empatia, o respeito às diferenças e a compreensão entre culturas.

O projeto “Meu Mundo Minha Janela”, teve a participação de 30 alunos, dos 250 inscritos nas 28 oficinas naquele ano atípico. A pesquisa já apresentada na terceira parte deste capítulo mostra que, entre os participantes, 55,8% eram adolescentes com mais de 12 anos, 67,6% eram meninas. 100% deles afirmaram ter acesso à internet, sendo que 93,8% usam serviço Wi-Fi de banda larga e 87,7% utilizavam a plataforma do WhatsApp. Sendo que 60% possui celular individual para realizar as atividades (GRÁFICO 9).

GRÁFICO 9 - USO DE CELULAR INDIVIDUAL



Fonte: A autora.

Como já mencionado na descrição da oficina, a partir do convite para participar do projeto, a Oficina de Audiovisual, dentro de seu planejamento e em tempos de excepcionalidade, propôs aos alunos de todas as Oficinas do CJAP (Artes Visuais, Desenho, Fotografia, Modelagem, Mosaico, Pintura e Teatro), a participação no projeto “Meu Mundo, Minha Janela”. Todos os alunos foram convidados a compor suas narrativas que poderiam ser, por exemplo: entrevista com alguém de casa, ponto de vista da janela do quarto, momentos no quintal, durante refeições, tocando instrumento musical, ajudando nas tarefas da casa, estudando, realizando alguma atividade artística, participando de algum jogo ou brincadeira, vendo TV, escrevendo no diário ou o que mais a sua imaginação permitisse.

Os professores responsáveis pelas oficinas acompanhavam o andamento da realização dos vídeos, repassando a professora Adriana que coordenava o recebimento e a organização, bem como orientava os professores e alunos em caso de dúvidas técnicas de como realizar as filmagens. Os alunos enviavam seus vídeos para as professoras de suas respectivas oficinas ou diretamente à professora

coordenadora, via aplicativo de WhatsApp. Aproximadamente 45 vídeos foram recebidos. E, após isso, foram organizados e agrupados compondo uma narrativa coletiva, como um mosaico de percepções deste momento do isolamento. Cada uma das seis montagens recebeu um título, conforme as imagens escolhidas para a composição poética sugerem:

- 1 - “*Olhares em Movimento*” (5:00): apresenta imagens de crianças em diferentes atividades recreativas, como prática circense, brincadeiras com bexigas, dança, jogos no celular e leitura de livros físicos. Duas cenas se destacam: uma em que um menino ensina uma senhora, aparentemente sua avó, a jogar um jogo no celular e, para sua surpresa, ela ganha (FIGURA 21); e outra em que um menino apresenta seu livro preferido, dizendo “minha janela é um livro e o livro que estou lendo agora é O Pequeno Príncipe e vou continuar lendo”, sendo interrompido pelo irmão mais novo que o abraça por trás e começa a cantar “sem aglomeração, eu fico com meu irmão” (FIGURA 22).

FIGURA 21 - VIDEO 1: FRAME CENA DO NETO E DÁ AVÓ JOGANDO COM O CELULAR



Fonte: A autora.

FIGURA 22 - VÍDEO 1: FRAME MENINO MOSTRANDO O LIVRO QUE ESTÁ LENDO



Fonte: A autora.

- 2 – “*Interferência cotidiana*” (5:51): adolescentes mostram e falam sobre seu cotidiano, incluindo momentos de estudo, leitura, oração, conversas pelo celular, prática de instrumentos musicais, atividades de desenho e pintura, assistir filmes e outros passatempos. Alguns apresentam-se de forma espontânea, enquanto outros encenam seu cotidiano de forma mais teatral. Duas situações são interessantes: uma adolescente conta espontaneamente sobre sua rotina diária, mostrando os espaços de sua casa e seus afazeres, e no final abre a janela e diz “já que não posso sair, olho a vista da minha janela”. A outra cena é mais teatralizada, com um adolescente olhando pela janela de forma melancólica (FIGURA 23), pegando um instrumento musical e finalizando com um frame com a frase “A arte existe porque a vida não basta”, de Ferreira Gullar.

FIGURA 23 - VÍDEO 2: FRAME ADOLESCENTE OLHANDO PELA JANELA



Fonte: A autora.

- 3 – “*Entre pensamentos e olhares*” (7:02): adolescentes e crianças aparecem em atividades escolares, jogando com diferentes brinquedos, desenhando e se alimentando. Nessa montagem, destaca-se a participação e interação entre pais e filhos, e a forma como as cenas são filmadas dá a impressão de que estão acostumados a serem observados por uma câmera. Essa ideia parece ser reforçada pela imagem de um lápis desenhando um olho no papel. A montagem termina com a imagem de uma menina brincando em um banco sob uma árvore (FIGURA 24), enquanto ao fundo uma voz feminina recita uma poesia (que depois sabemos ter sido escrita pelo avô da menina).

FIGURA 24 - VÍDEO 3: FRAME MENINA SOB A ÁRVORE



Fonte: A autora.

- 4- “*Tem que ser divertido*” (4:56): essa montagem representa toda a criatividade de crianças e adolescentes em atividades recreativas. Há cenas de brincadeiras entre irmãos, atividades cotidianas das famílias e atividades ao ar livre. Destacam-se as cenas de duas irmãs que recriam cenas do cotidiano de forma teatralizada e divertida (FIGURA 25).

FIGURA 25 - VÍDEO 4: FRAME MENINAS RECRIANDO CENA DE MAQUIAGEM



Fonte: A autora.

- 5 – *“Passeando pela casa”* (5:19): as cenas escolhidas para esta montagem mostram imagens de crianças explorando suas casas. Algumas aparecem sendo filmadas (FIGURA 26), enquanto outras filmam a própria casa, como se estivessem redescobrimo seu próprio habitat e buscando uma nova forma de olhar para ele.

FIGURA 26 - VÍDEO 5: FRAME MENINO EM SEU QUARTO ESTUDANDO



Fonte: A autora.

- 6 – *“Meu lugar favorito”* (4:53): como o próprio nome sugere, as cenas apresentam os lugares ou atividades preferidas pelos participantes: a vista da janela, o quarto, a sala, o jardim... Alguns apenas mostram as imagens, enquanto outros expressam o que gostam de fazer naquele espaço, como dormir, assistir filmes e séries, desenhar ou estudar.

Outros ainda mostram-se realizando suas atividades preferidas, como nas cenas finais em que uma participante aparece praticando atividades físicas e recreativas (**FIGURA 27**).

FIGURA 27 - VÍDEO 6: FRAME: PARTICIPANTE EM ATIVIDADE FISICA E RECREATIVA



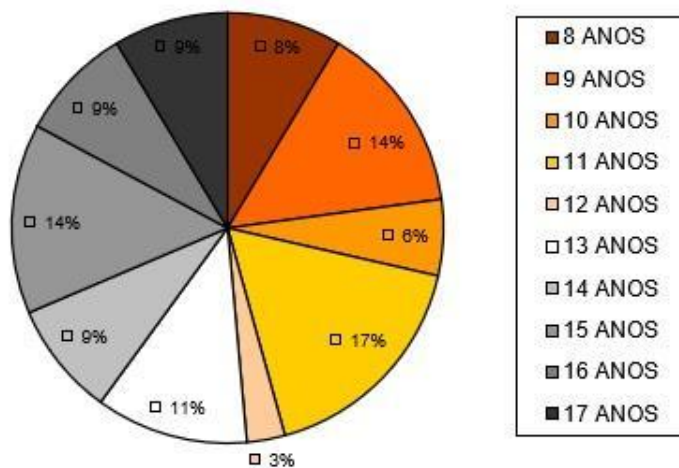
Fonte: A autora.

Assim como com as participantes do Vídeo Cartas, durante o processo de construção desse projeto, senti a necessidade de reconectar com participantes do projeto “Meu Mundo, Minha Janela”, para obter suas impressões após passado algum tempo da realização do mesmo. Espaço em que puderam assistir os resultados e refletir sobre as produções realizadas.

Então uma pesquisa foi conduzida recentemente com os participantes deste projeto, por meio de um formulário do Google Forms¹⁵. Dos 24 participantes contatados, 11 respondem às perguntas sobre sua participação no projeto durante a pandemia. Em relação à idade dos participantes em 2020, a maioria deles (17%) tinha 11 anos, enquanto 14% tinham nove anos e a mesma porcentagem tinha 15 anos (**GRÁFICO 10**).

¹⁵ O formulário contava com perguntas objetivas, tabuladas e apresentadas através de gráficos e perguntas abertas, que terão suas respostas descritas ao longo do texto dessa pesquisa.

GRÁFICO 10 - IDADE DOS PARTICIPANTES



Fonte: A autora.

Segundo a pesquisa, mais da metade dos participantes, 54,5% nunca tinha realizado um vídeo antes da proposta do projeto, e apenas 27,3% realizou edição do vídeo antes de enviá-lo. De acordo com a pesquisa, 54,5% dos participantes nunca haviam produzido um vídeo antes da proposta do projeto, e apenas 27,3% editaram o vídeo antes de enviá-lo. Os participantes relataram ter recebido incentivo para participar do projeto de suas mães, professoras e avós. Eles também participaram por vontade própria, pois a atividade “*Ajudou a diminuir a ansiedade*”, “*Manter a arte na minha rotina, mesmo com uma pandemia acontecendo*” e “*Em época de pandemia longe do teatro essa atividade foi maravilhosa*”, relatam os participantes.

A maioria relatou não ter tido dificuldades para realizar a proposta, já outros apontaram dificuldade com “*falta de experiência*”; “*não ter o material correto*”; “*desenvolver o roteiro, escolher como retratar aquele momento*”; “*não sabia muito bem como fazer vídeos*”. Dois responderam de forma inusitada: “*não rir nas cenas*”; “*ensinar minha avó de 82 anos a jogar!*”. Apenas um relatou não ter recebido informações: “*não ter instruções específicas de como fazer e o que fazer*”.

Ao serem questionados sobre o que mais gostaram da proposta, as respostas foram positivas e as mais diversas como: “*algo legal para fazer*”; “*ampliar a visão das coisas cotidianas*”; “*foi divertida!*”; “*a preocupação em manter-nos ativos na pandemia*”; “*compartilhar momentos à distância*”; “*poder mostrar o que eu estava*”.

fazendo”; “gostei porque era uma atividade diferente”; ou, ainda: “gostei pois tive que utilizar a minha imaginação para criar histórias partir de atos cotidianos, que normalmente seriam banais, e então passaram a ter um outro significado, descobri detalhes interessantes e essenciais. O que me lembra que “O essencial é invisível aos olhos” (V F, 17 anos).

“Muito legal!”, foi a resposta mais usada para definir o resultado dos vídeos. Complementadas por frases como: “muitos se empenharam bastante e o resultado foi muito surpreendente”; “oportunizou realizarmos atividades em casa e em grupo mesmo que a distância”; “mostrei para todo mundo que pude”; “gostei do resultado, os vídeos tomam outra proporção agora, é bom ver que encontramos maneiras de sobreviver, e isso não diz apenas sobre “se manter vivo” (“grifos do participante”).

As respostas para: “como você se sente, vendo o vídeo que você fez e em que você aparece?”, são bem interessantes, algumas simples e vivazes: “acostumado”, “divertido!”, “bem”, “muito bem”. Outras reflexivas e nostálgicas: “atualmente me sinto envergonhada e surpresa com minha autoestima”, “feliz e com uma nostalgia”, “feliz, estranha e orgulhosa por ter vencido a vergonha e medos”, “foi importante para mim! Me ajudou a espairecer na reclusão e me mostrou o quanto sou amada pela minha família”, “achei legal participar e me sinto importante ao me ver no vídeo”. E até definem caminhos: “sinto que o vídeo foi uma prévia de como a minha vida mudou durante a pandemia. Buscar a arte, nesse momento, definiu minha vida profissional e artística atualmente”.

Nessa pesquisa recente realizada pela pesquisadora, apenas um participante relatou sentir-se “bem” durante aquele período da pandemia. Outro participante disse sentir-se “isolado, mas bem acolhido pela família”. Todos os demais relataram sentimentos de ansiedade, cansaço, confusão, medo e tristeza. Apenas um participante declarou que buscava conexão com outras pessoas para se manter ativo: “durante a pandemia, eu não tinha total noção da proporção do que estava acontecendo. Mas sentia que era quase uma missão me manter conectado e com as relações entre amigos e familiares vivas. Sentia que era necessário continuar, já que em algum momento tudo aqui ia voltar ao normal”.

Portanto, é perceptível que, durante a pandemia do COVID-19, as relações familiares tiveram um papel fundamental na manutenção do bem-estar emocional e físico. Muitos depoimentos mostram que as atividades de filmagem para o projeto “Meu Mundo Minha Janela” foram realizadas em conjunto. Pais e filhos trabalharam

juntos no processo de roteiro, filmagem, edição e envio. Vários depoimentos apontam essa “parceria” principalmente com os mais novos:

- *“Minha mãe e minha irmã me ajudaram muito, a realizar as gravações e montar as cenas, na verdade foi tudo muito espontâneo, mostrando-me desenhando e depois a rotina com minha mãe e minha irmã e li uma carta que ela escreveu pra mim, foi muito legal participar, saudades do CJAP” (A, 10 anos);*
- *“A professora Adriana passava as orientações da atividade, aí eu conversava com a mãe e assim juntos foram aparecendo as ideias. Nós não sabíamos como fazer filmagens, mas fomos aprendendo aos poucos e fizemos de maneira simples, porém com dedicação para realizar a atividade. Não tínhamos muitas escolhas de ambientes diferentes pois só estávamos em casa porque não podia sair por causa da pandemia. Então fizemos o vídeo no espaço de casa de acordo com a ideia do vídeo” (M, 13 anos);*
- *“Minha avó sempre tentava brincar comigo, ela estava morando com a gente! Então comecei a ensinar alguns jogos de celular e esse ela conseguiu! Foi divertido, minha mãe filmou!” (L, 8 anos);*
- *“As imagens foram registradas por meu pai ao acaso e de forma espontânea” (I, 8 anos).*

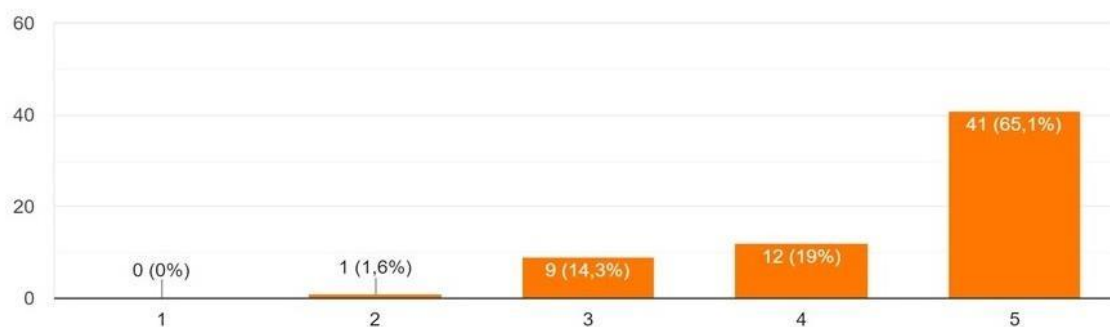
Já os mais velhos relatam que eles mesmos desenvolveram o roteiro, a composição da cena, e também atuaram nas cenas gravadas com a ajuda de outra pessoa:

- *“Tive que observar os atos cotidianos, que me ajudou a ficar no presente e perceber detalhes. Criar histórias foi a parte mais difícil pois tinha que evidenciar esses detalhes. As cenas foram meio que improvisadas, gravamos várias vezes até ficar bom. Atuar foi mais divertido, porém não rir nas cenas foi meio difícil também. Escolhi como cenário onde eram vividos os atos cotidianos mesmo” (A E, 14 anos);*
- *“Querida trabalhar com um vídeo poético, nesse momento, o papel da arte estava sendo discutido com muito entusiasmo pelas pessoas. Em um mundo pandêmico, os alívios ou conexões aconteciam com obras de arte, com quase todas as pessoas. Essa foi a ideia original, partir da metamorfose que a ação de buscar o artístico era uma das melhores*

soluções. Para gravar, fizemos com o que tínhamos em casa, um celular, uma janela, um tripé velho, um ator e uma pessoa operando a câmera. Depois disso, tudo que aconteceu foi fruto do processo criativo durante esse "set" home office" (V F, 17 anos).

Durante o momento pandêmico, as famílias enfrentavam muitas incertezas e buscavam maneiras de lidar com o isolamento. Quando questionados sobre a importância das atividades artísticas para as crianças e famílias, 65,1% dos participantes da pesquisa afirmaram que eram extremamente importantes, 19% disseram que eram muito importantes e apenas 1,6% consideram pouco importantes para o bem-estar durante o isolamento imposto pela pandemia (GRÁFICO 11).

GRÁFICO 11 - IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES ARTÍSTICAS PARA AS CRIANÇAS E FAMÍLIAS



Fonte: CJAP (2020).

4 DESDOBRAMENTOS E EXIBIÇÕES

Os projetos apresentados tiveram vários desdobramentos e exposições ao longo dos anos. Relatos de experiências sobre eles foram escritos e apresentados em simpósios e seminários, e os vídeos exibidos em diferentes espaços físicos e virtuais.

Escrevi um texto sobre o Projeto “*Vídeo Carta ‘Encontros’*” intitulado: “*Encontros: uma experiência audiovisual em um espaço educacional não formal*”. Ele foi publicado no livro “*Modos de fazer e experimentar cinema e educação*”, organizado por Viviane Cid, Douglas Resende, Cezar Migliorin e Elianne Ivo Barroso, lançado em 2022, pela Universidade Federal Fluminense (UFF), do Rio de Janeiro, pela Áspide Editora. O livro compartilha vários relatos. O projeto tratou de ~~consistiu em~~ uma troca de cartas vídeo entre crianças de escolas de Montevideu, Niterói e Curitiba, no projeto de cooperação “Educação audiovisual na formação de professores: uma área de inovação educativa” (CFE/UFF/UNESPAR).

Sob a orientação da Professora Dra. Solange Stecz, escrevi um relato sobre a experiência do projeto “*Meu Mundo Minha Janela*” intitulado “*Meu Mundo Minha Janela: um relato de experiência audiovisual*”. Ele foi apresentado no *Simpósio (7): Cinema Brasileiro e Educação*, coordenado por Salette Sirino (Unespar) e Solange Straube Stecz (Unespar), durante o *9º Seminário Nacional Cinema em Perspectiva da UNESPAR*. O evento ocorreu de 20 a 22 de setembro de 2021, por videoconferência, devido aos protocolos de isolamento social impostos pela pandemia de Coronavírus.

A “*Vídeo Carta ‘Encontros’*” foi exibida durante a apresentação do Projeto “*Vídeo Cartas: imagens e sons que viajam*” pelas pesquisadoras Gladys Marquisio e Solange Stecz na Sessão 02 de debates de Projetos Audiovisuais Educativos, durante o *16º CINEOP – 16ª Mostra de Cinema de Ouro Preto*, em julho de 2021. O projeto apresenta os resultados das atividades do projeto de cooperação “*Educação audiovisual na formação de professores: uma área de inovação educativa*” (CFE/UFF/UNESPAR). Ele consistiu em uma troca de cartas vídeo entre crianças de escolas de Montevideu, Niterói e Curitiba, durante os meses de Setembro e Outubro de 2019. As crianças experimentaram dispositivos criativos, construindo conhecimentos, afetos e pontes culturais.

Os vídeos dos dois projetos audiovisuais foram publicados nas redes sociais

do Centro Juvenil de Artes Plásticas, incluindo Instagram e Youtube, oportunizando a disseminação das produções dos adolescentes e valorizando seu protagonismo e alteridade. Além disso, as produções foram exibidas durante a *Semana CJAP*, de 11 a 16 de junho de 2023, em comemoração aos 70 anos da instituição. Cerca de 250 alunos, entre crianças e adolescentes, tiveram a oportunidade de assistir aos vídeos produzidos por colegas de anos anteriores. Essa iniciativa valoriza a produção dos alunos da instituição, estimula o interesse pela produção audiovisual e promove a criação de público para a produção juvenil. Além disso, estabelece conexão e resgata a memória afetiva, já que todos passaram por um período pandêmico e se encontram no espaço do CJAP, gerando um sentimento de pertencimento e aproximação.

Outro desdobramento dos projetos foi a participação da autora na Oficina “*Experiências Cinematográficas*”, realizada no Centro Juvenil de Artes Plásticas, em parceria com o MIS-PR, e ministrada pela professora Vânia Machado. Durante a oficina, a autora desenvolveu seu estágio de docência, supervisionado pela Professora Dra. Solange Straube Stecz, cumprindo 30 horas, entre março e maio de 2023.

A Oficina “*Experiências Cinematográficas*”, oferecida no primeiro semestre de 2023, é aberta à comunidade juvenil, especificamente para alunos de 13 a 17 anos. O estágio foi dividido em três etapas: na primeira, a autora observou e preparou a apresentação dos projetos desenvolvidos com adolescentes na instituição; na segunda, apresentou o projeto “*Encontros*” e realizou um bate-papo reflexivo com os alunos sobre os conceitos do projeto, além de introduzir conceitos iniciais do cinema e proporcionou uma visita à Cinemateca de Curitiba; na terceira etapa, apresentou o projeto “*Meu Mundo Minha Janela*” e discutiu a função social e educacional do cinema, além de trabalhar conteúdos sobre roteiro, narrativas e histórias.

Seguindo o cronograma do conteúdo proposto e trabalhado pela professora responsável pela oficina, os alunos realizaram exercícios práticos e experimentações com filmagens de pequenos roteiros, resultando em um minidocumentário sobre a rotina da instituição. O documentário foi exibido no último encontro, momento de apreciação e reflexão sobre os resultados e aprendizados compartilhados.

4.1 RESULTANDO EM “ENCONTROS” E O “SET” HOME OFFICE: “MEU MUNDO MINHA JANELA”

Chegamos ao final desta “aventura” que dialoga com duas experiências em audiovisual no contexto educacional não formal, e que apontam para o audiovisual/cinema entendido como arte e como criação. Uma discussão investigativa realizada com base em duas experiências de produção audiovisual, o projeto de “*Vídeo Carta ‘Encontros’*” e o “*Meu Mundo Minha Janela*”, com o público adolescente, entre 2019 e 2020, em duas abordagens: presencial e on-line.

Foram apresentados dados de pesquisas, histórico da instituição onde ocorreram os projetos, exposição de relatos, observação do uso das TICs por adolescentes, assim como a descrição das práticas e dos resultados dos projetos.

O espaço cultural “CJAP”, apresentado através de um breve histórico e trajetória, demonstra como um local de educação não formal pode dialogar culturalmente com público infanto-juvenil e educacional como um todo. Segundo Simson *et al.* (2007), o respeito à bagagem cultural é característico da educação não formal:

A educação não formal considera e reaviva a cultura dos indivíduos nela envolvidos, incluindo educadores e educandos, de modo que a bagagem cultural de cada um seja respeitada e esteja presente no decorrer de todos os trabalhos, a fim não somente valorizar a realidade de cada um, mas indo além, levando essa realidade a perpassar todas as atividades. (SIMSON *et al.* 2007, p. 23).

Por outro viés, é importante observar a influência da cultura midiática e o potencial do audiovisual introduzido neste espaço escolar. Após a pesquisa, acreditamos que o objeto foi apresentado com sucesso e os objetivos foram alcançados. Em relação à questão: “Em que medida o conhecimento da Linguagem do Audiovisual por adolescentes pode permitir uma reflexão crítica sobre si e sobre o mundo?”, podemos afirmar que os projetos aproximam a educação não formal do audiovisual, possibilitando essa reflexão. Isso foi percebido a partir da análise da produção audiovisual feita pelos adolescentes que frequentam o CJAP. Assim, reconhecemos tal reflexão nas produções audiovisuais realizadas pelos adolescentes, jovens conectados ao ciberespaço e que usam as redes sociais como plataformas de expressão.

Essa conexão dos adolescentes que frequentam o CJAP com o uso das redes sociais foi observada através dos dados das pesquisas apresentadas no segundo ponto do **Capítulo 3**. Esse é um dado importante, pois, nesse “acessar as redes sociais”, temos crianças e adolescentes que consomem, compartilham e produzem produtos audiovisuais. Mesmo que em menor medida, no que diz respeito ao compartilhamento de material alheio, muitos adolescentes estão criando e compartilhando suas próprias produções audiovisuais nas redes sociais.

Neste contexto, as iniciativas que combinam meios digitais e audiovisual no ambiente educacional não formal tornam-se estratégicas e decisivas. Elas permitem que novos sujeitos do discurso se expressem e potencializam o papel do educador, que passa de um mero transmissor de conhecimento para um formulador de problemas, estimulando o questionamento e o diálogo entre culturas e gerações.

Retomamos, portanto, a educadora Bencini (2002), que destaca que na era da informação, os alunos estão cada vez mais conectados, mas precisam da orientação do educador para aprender a interpretar as informações. Os professores, independentemente de serem adeptos ou não das novas tecnologias, devem reconhecer que elas democratizaram o acesso à informação. O importante é saber interpretar e transformar as informações em conhecimento, não apenas possuí-las. Portanto, além de uma infraestrutura moderna de comunicação, é preciso ter habilidade para converter informações em conhecimento e, no caso dos projetos mencionados, em produtos audiovisuais.

Pesquisas e relatos mostram que os adolescentes estão quase constantemente conectados ao mundo do audiovisual, passando grande parte do dia nas redes sociais e, conseqüentemente, em contato com o audiovisual. Os relatos indicam que muitas vezes as postagens desses adolescentes são corriqueiras ou “bobas”. Como a aluna, Vic (2019, 15 anos), disse: *“gosto da ideia de como a arte pode ser transmitida por vídeo, como o sentimento pode ser passado por um vídeo, que é algo que a gente grava normalmente para rede social, para uma coisa idiota, mas pode ser também algo bem legal e emocionante”* (grifo da autora). Analisando como os adolescentes se veem nas redes a partir da visualização dos vídeos dos projetos audiovisuais hoje, para alguns é algo natural, *“divertido!”*, *“acostumado”*, *“feliz”*, para outros, é motivo de orgulho, e, para outros, ainda, é estranho e vergonhoso. Sentimentos e posturas ambíguas, típicas da “adolescência normal”.

No entanto, não foi possível determinar especificamente como os

adolescentes usam as redes sociais, quais produtos audiovisuais são postados e com que finalidade, nem mesmo através de pesquisas bibliográficas sobre o tema ou pesquisas com os alunos do CJAP. Possivelmente, há a necessidade de ampliar as pesquisas ou realizá-las de forma mais pontual, a fim de observar essa característica em específico.

Ao analisar se as práticas da linguagem audiovisual têm propiciado ao adolescente a reflexão crítica do mundo, é possível afirmar que sim. O adolescente que participa dessas práticas e se apropria dos instrumentos e elementos do audiovisual, passa a observar o mundo sob outra ótica. Ao estudar, visualizar e fazer filmes, aprendendo sobre a história do cinema, roteiro, produção, criação, entre outros, desenvolve um novo olhar para o mundo, as pessoas e as coisas ao seu redor. Com o audiovisual, o ato de aprender se torna menos rotineiro e todos os envolvidos aprendem.

A introdução do audiovisual no ambiente educacional não formal é um desafio à criatividade e ao fazer político. Crianças e adolescentes produzindo audiovisual podem legitimar seu direito de pensar, decidir e expressar suas ideias e sentimentos. A aluna Duda (2019, 12 anos) manifesta esse desejo ao falar sobre sua escolha pela oficina de audiovisual: *“Isso me ajuda a me sentir mais livre, como se eu tivesse mais espaço para falar. Poder falar o que penso. Que às vezes na escola não dá certo. Não sei dizer, é como se eu me sentisse melhor num lugar mais meu”*.

A reflexão sobre o mundo se evidencia no relato da participante A E (2023, 14 anos), que descreve o processo de criação e execução da filmagem para o projeto *“Meu Mundo Minha Janela”*: *“Tive que observar os atos cotidianos, que me ajudou a ficar no presente e perceber detalhes. Criar histórias foi a parte mais difícil pois tinha que evidenciar esses detalhes. As cenas foram meio que improvisadas, gravamos várias vezes até ficar bom. Atuar foi mais divertido, porém não rir nas cenas foi meio difícil também. Escolhi como cenário onde eram vividos os atos cotidianos mesmo Elize”*.

Ou, ainda, no relato do participante V F (2023, 17 anos), que faz uma reflexão sobre o momento pandêmico e uma resignificação através da sua proposta de vídeo: *“Querida trabalhar com um vídeo poético, nesse momento, o papel da arte estava sendo discutido com muito entusiasmo pelas pessoas. Em um mundo pandêmico, os alívios ou conexões aconteciam com obras de arte, com quase todas*

as pessoas. Essa foi a ideia original, a partir da metamorfose que a ação de buscar o artístico era uma das melhores soluções. Para gravar, fizemos com o que tínhamos em casa, um celular, uma janela, um tripé velho, um ator e uma pessoa operando a câmera. Depois disso, tudo que aconteceu foi fruto do processo criativo durante esse "set" home office".

Sim, é possível afirmar que os adolescentes que se apropriam da linguagem audiovisual apresentam falas, atitudes e produções reflexivas e críticas diante das situações impostas pela vida. Concordamos com Pereira *et al.* (2015): o audiovisual tem um significado especial para os adolescentes, atuando como um mediador na comunicação deles com o mundo. Plataformas como YouTube, Instagram, Facebook e TikTok são exemplos de como a socialização no espaço cibernético é possível através do compartilhamento de conteúdo audiovisual. Essas mídias ajudam os adolescentes a construir uma nova cultura e uma nova maneira de se relacionar com o mundo e consigo mesmos, expressando suas ansiedades, conflitos, medos e alegrias durante o processo da adolescência (PEREIRA *et al.*, 2015, p. 258).

O relato das oficinas e produções audiovisuais realizadas pelos alunos adolescentes do CJAP, sem sombra de dúvida comprova a grande potência do uso do audiovisual aliado às TICs na escola, especificamente na escola não formal, segundo esta pesquisa. A possibilidade de apresentação do audiovisual na escola não formal enquanto linguagem artística, por meio de uma vivência estética cultural e não apenas como uma ferramenta tecnológica é muito enriquecedora, abre caminhos para que o aluno experiencie inúmeras possibilidades criativas.

Citando as experiências do fazer cinematográfico em contexto escolar de Alain Bergala, na França, e de Núria Aidelman Feldman, em Barcelona, que apontam para o cinema entendido como arte e como criação, Fresquet (2008) afirma que:

Existem poucas experiências bem-sucedidas do fazer cinema na escola, especialmente quando se pretende trabalhar o cinema como arte e como criação, quando se busca transformar os alunos em espectadores criativos e "fazedores de arte". (FRESQUET, 2008, p. 01).

Diríamos que os projetos: "Vídeo Carta 'Encontros'" e o "Meu Mundo Minha Janela" foram experiências bem-sucedidas. "Encontros", como o próprio nome

remete, propiciou o encontro de jovens com o audiovisual em um espaço educacional não formal, utilizando a poesia para falar da igualdade e dos caminhos que levam cada um a olhar a cidade e suas possibilidades de encontro. Nos encontrávamos todos em situação de aprendizagem, professor e aluno aprendendo, na prática, na mesma perspectiva: a escolha de um espaço, a realização de um plano, a observação da luz. Um processo compartilhado e baseado em descobertas, imaginação e desejos de cada integrante do grupo, criando laços proporcionados pelo audiovisual. Isso, para Wellmann (1977), parafraseado por Pereira (2015, p. 51), significa: “os laços são constituídos em relações específicas, como proximidade, contato frequente, fluxos de informação, conflitos ou suporte emocional”. Através desses laços os estudantes não só conheceram como se apropriaram da linguagem cinematográfica, ressignificam seu encontro naquele espaço e também puderam mostrar isso com o próprio resultado dos documentários produzidos, através de um intercâmbio cultural. Naquele momento o objetivo era auxiliar os alunos a se tornarem espectadores criativos e também realizadores, e isso foi alcançado. A participante Gi (2023), 16 anos na época, e 20 quando novamente contactada, relatou que participar da oficina havia sido gratificante, tanto que atualmente trabalha com trilha sonora e que foi ali que teve seu interesse despertado pela área de produção audiovisual.

“*Meu Mundo Minha Janela*” perpassou um momento ímpar da história humana: uma pandemia. E, certamente, para os participantes deste projeto, a produção audiovisual será o registro desse momento vivenciado. Dussel (2020) assim descreve:

Este tempo de pandemia não tem de ser uma experiência expulsiva, mas de inclusão, de integração num comum, de pensar este tempo entre todos, um tempo de autoafirmação, cuidado e cuidado comunitário, também de cultura, e também de pensar e construir um amanhã entre todos. (DUSSEL, 2020).

A produção realizada pelos participantes, naquele momento em encontros virtuais, é resultado da apropriação da linguagem audiovisual, que permite a narrativa autoral, o protagonismo e a percepção de cada território, com suas especificidades, seus encantos e poesia. Enquanto o adolescente transita pelo mundo virtual, acredita-se que há uma mediação entre o mundo interno e o externo, em um processo de exploração da criatividade, que traz satisfação e possibilita o

compartilhamento de experiências (PEREIRA, 2015, p. 46-47). Isso é resultado, sobretudo, do processo de ressignificação daquele momento, relatado por vários participantes, como uma atividade que ajudou a distrair na reclusão; mostrou a importância da família; manteve conectado e com as relações entre amigos e familiares vivas; permitiu acreditar que tudo iria voltar ao normal; alimentou a autoestima; oportunizou a realização de atividades em casa e em grupo, mesmo que à distância. O participante V F (2023, 17 anos), com 19 anos no momento da fala, descreve: *“Gostei, pois, tive que utilizar a minha imaginação para criar histórias partir de atos cotidianos, que normalmente seriam banais, e então passaram a ter um outro significado, descobri detalhes interessantes e essenciais. O que me lembra que “O essencial é invisível aos olhos”. O título diz muito sobre o contexto “Meu Mundo, Minha Janela”*. Essas falas se alinham com a afirmação de Pereira (2015, p. 51) de que o audiovisual, como objeto cultural, permite que o adolescente se envolva com algo próprio e característico de sua fase. A utilização de ferramentas atuais contribui para a ressignificação de suas angústias, possibilitando o compartilhamento grupal de situações enfrentadas individualmente, mas comuns ao grupo. Ao utilizar as ferramentas tecnológicas, o adolescente reescreve sua história e expressa suas emoções.

A partir dessa interação, criou-se uma poética única e particular de um grupo formado por pessoas distintas, oriundas de diferentes mundos particulares, que viviam um período pandêmico e o ressignificaram, experimentando o “fazer arte” através da linguagem audiovisual em um espaço, naquele momento virtual, que era o CJAP. E que certamente foi uma experiência transformadora, aquela descrita por Bondía (2002), que nos toca, nos passa, nos acontece, e aquele que não se expõe é um sujeito que não tem experiências: “o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (BONDÍA, 2002, p. 24). Para mais, traz consciência ao que está inconsciente: *“Sinto que o vídeo foi uma prévia de como a minha vida mudou durante a pandemia. Buscar a arte, nesse momento, definiu minha vida profissional e artística atualmente”* (V F, 2023), relatou a pesquisadora o participante V F que atualmente atua em produções audiovisuais de renome nacional.

Essas experiências com produções audiovisuais no espaço escolar não formal proporcionam aos estudantes interessados em Arte um aporte cultural e

artístico sensível. Vários participantes relatam terem sido despertados para a área do audiovisual, passando a ter um olhar mais crítico para as produções que consomem nas redes, e produzindo com mais entendimento e qualidade estética e de conteúdo. Além disso, vários foram estimulados a pensar no audiovisual como opção profissional. Dentre os participantes, temos alunos que continuam nas oficinas de teatro e outros que saíram do CJAP por terem mais de 17 anos e estão atuando ou estudando em áreas artísticas. Como é o caso da participante Gi, que cursa Artes Visuais na UFPR e trabalha com trilha sonora para audiovisual; e do participante VF, que cursa Artes Cênicas na UNESPAR e atua em diversas produções audiovisuais no estado e no país, inclusive em destaque em uma série adolescente da *HBO Max*.

Antes da realização e publicação dessas produções, o único registro de alunos do CJAP participando de algum tipo de produção de vídeo foi em 1964, quando um grupo atuou em um programa de televisão sobre pintura, conforme descrito por Osinski (2008, p. 2.018). Portanto, esses projetos são os primeiros a dar voz e protagonismo aos adolescentes que frequentam a instituição, no que se refere ao audiovisual. Afinal, o Centro Juvenil tem sido referência na mostra de Artes Visuais e na revelação de novos talentos artísticos desde sua criação, no início da década de 1950.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, os adolescentes que frequentam o CJAP são de diferentes idades, gêneros, classes sociais, vivências e experiências culturais. Eles vivem conectados ao mundo virtual, construindo suas próprias narrativas e interagindo com o cenário sociocultural atual, buscando interações sociais imediatas e a construção de um espaço de identidade próprio na mesma velocidade das interfaces.

Essa geração possui ampla familiaridade com diferentes linguagens artísticas, especialmente com o registro audiovisual. Pelas falas obtidas como retorno à presente pesquisa, entende-se que os adolescentes do CJAP buscam aprofundar ainda mais seu conhecimento dessa linguagem, por meio da participação em oficinas e projetos oferecidos nos espaços de ensino não formal. Nesse contexto, entendemos o importante papel do professor como mediador das proposições e de interligação do conhecimento com as novas tecnologias e as práticas e construções artísticas e culturais junto a esses adolescentes.

Como mediadora, sinto-me privilegiada por ter vivido juntamente com os alunos essas aventuras audiovisuais. Ter convivido e compartilhado experiências com as alunas de “Encontros” foi enriquecedor, além do aprendizado sobre a linguagem e o mundo do audiovisual, compartilhamos angústias, medos alegrias, experiências de vida como mulheres de diferentes faixas etárias. Precisei mediar conflitos de interesses e opiniões, ser paciente, ouvinte, concelheira e as vezes até mesmo rígida. A junção desse misto de ações, relações interpessoais e aprendizado, resultou em um produto, cheio de simbolismo, um tanto subjetivo, mas principalmente poético e verdadeiro. Pois através do uso desse dispositivo as estudantes puderam experimentar um processo criativo, que construiu conhecimentos, afetos e pontes culturais. Que apostou na poesia para falar da igualdade e dos caminhos que levam cada uma delas a olhar a cidade e suas possibilidades de encontro. Um retrato do relacionamento construído a partir de um encontro, cujo centro era o desejo de aprender mais sobre Arte.

Além disso, a produção de vídeo-cartas resultou em uma troca entre crianças e jovens de Montevideú, Niterói e Curitiba, proporcionando às alunas a oportunidade de conhecer outras realidades por meio do trabalho de outros jovens produtores audiovisuais. Essa experiência de intercâmbio dialogava com o outro, apostando no protagonismo e na experiência integrada, visando à abertura para vivências de

singularidade e alteridade. Essas características não foram observadas apenas na produção realizada pelas alunas de Curitiba, mas também nas narrativas construídas pelos participantes do Uruguai e do Rio de Janeiro. O resultado foi a apropriação da linguagem audiovisual, permitindo a criação de narrativas autorais, o protagonismo e a percepção única de cada território, com seus encantos e poesia.

Em “Meu Mundo Minha Janela”, a aventura foi ampliada. Ser orientadora de um projeto aberto a inúmeros participantes, desafiou-me a ser ainda mais organizada e diligente, afinal inicialmente não sabíamos quantas participações teríamos, já que a proposta tinha sido aberta a todas as turmas de alunos do CJAP. Precisava estar sempre pronta a orientar e tirar dúvidas de alunos, pais e professores das diferentes oficinas, organizar os materiais informativos e materiais recebidos. Além de organizar o processo e de orientar as produções, fazia também a curadoria do material recebido. E ainda que tenha sido um trabalho cansativo, esse projeto me deu a oportunidade de me conectar ainda mais com a produção do audiovisual, além de possibilitar a minha própria reflexão sobre o momento em que vivíamos, afinal passar por um período de pandemia era algo muito novo para todos. Acredito que ao realizar as produções, para cada captação de imagem, houve um trabalho de educação do olhar. Cada participante precisou olhar para dentro de si, dentro da sua casa, da sua rotina, do seu cotidiano. Esse movimento trouxe diálogo entre os pares e dentro dos lares. Crianças e adolescentes escolheram, a sós ou com o outro, fossem eles irmãos, pais ou responsáveis, um momento para registrar, uma situação, um espaço, um enquadramento, um roteiro, uma sonoplastia. Criaram narrativas próprias, fortaleceram vínculos, refletiram em conjunto ou individualmente. Consciente ou inconscientemente todos nós fomos tirados da estagnação, tensão, entorpecimento e até perplexidade daquele momento para “fazer Arte”, pensar no “belo” e no prazeroso. Saímos do lugar comum e olhamos com outros olhos o ordinário e transformamos o cotidiano em extraordinário. Mesmo que fosse extraordinário somente para nós mesmos.

Ambos os projetos foram fundamentados em várias bases. Além da base teórico-metodológica e da pesquisa para aprimorar a exploração de dispositivos tecnológicos, recursos midiáticos e ações inovadoras, eles também buscaram a convergência entre os meios de comunicação, tecnologias da informação, linguagens artísticas e processos educacionais. Essa abordagem integrada permitiu uma experiência rica e multifacetada, promovendo a interseção criativa entre

diferentes áreas.

Ler os relatos de cada participante na pesquisa, realizada mais de dois anos após a conclusão dos projetos, foi uma experiência profundamente gratificante. Descobrir que a experiência da produção audiovisual teve um impacto significativo em suas vidas, alterando suas percepções do mundo, sua relação com a linguagem audiovisual e o uso de recursos tecnológicos, bem como fortalecendo suas conexões interpessoais, é algo inestimável. Esses momentos de transformação e conexão são verdadeiramente valiosos e reforçam a importância do trabalho realizado

No contexto dessa pesquisa sobre o público adolescente, foi crucial situá-los na cibercultura e no ciberespaço. A internet e suas redes sociais desempenham um papel central na vida desses jovens, moldando suas experiências, relacionamentos e visões de mundo. Afinal esses espaços digitais oferecem oportunidades de conexão, expressão e aprendizado, mas também apresentam desafios, como a necessidade de discernimento e proteção contra riscos online.

Portanto, ao refletirmos sobre os adolescentes, devemos considerar a interseção entre o mundo físico e o virtual, reconhecendo que a tecnologia é parte integrante de suas vidas e influencia profundamente sua forma de ser e estar no mundo. Ignorar a relação intrínseca entre as pessoas e a tecnologia seria um equívoco.

Então após a descrição e análise desses dois projetos, surge uma reflexão importante: mesmo diante da diversidade de orientações, as pessoas, especialmente os jovens encantados pelas tecnologias da informação e comunicação, mantêm um certo distanciamento em relação ao sistema sociocultural.

Imersos no mundo das informações, os adolescentes precisam aprender a diferenciar o essencial do efêmero no ambiente virtual. É aqui que a realização de projetos audiovisuais específicos para esse público se torna relevante. Tais projetos visam refletir junto com os jovens sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação. Através da experimentação e exploração das possibilidades, eles podem perceber que o uso dessas tecnologias não deve ser um fim em si mesmo, mas sim um meio com propósitos. Esses propósitos devem ser úteis, construtivos e conscientes, em vez de alienantes. Assim, os jovens podem se tornar agentes ativos na construção de um mundo digital mais significativo e responsável. Incentivando inclusive processos de construção da experiência coletiva, ampliando a visão do

mundo e minimizando o distanciamento entre os jovens e a tendência atual ao isolamento e o distanciamento social.

Por fim, encerramos este trabalho com satisfação pelos resultados obtidos. O objetivo da pesquisa, que era o de investigar como a apropriação das ferramentas da linguagem audiovisual através das oficinas de audiovisual no CJAP, possibilita aos adolescentes uma maior reflexão crítica sobre o mundo e sobre si mesmos, em um recorte temporal de oficinas que ocorreram entre 2019 e 2020, foi realizado com êxito.

Enquanto responsável pela realização desta investigação, arte-educadora, proponente de desafios e apaixonada pelo cinema educação e pelo audiovisual no espaço educativo, acredito que esta pesquisa é um marco em minha história pessoal como pesquisadora, bem como na história do Centro Juvenil de Artes Plásticas, que, aos seus 70 anos, vem buscando inovar e proporcionar aos seus alunos o acesso a um novo olhar para a arte, que alia tradição e modernidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Adalice Maria de. **Dicionário das Artes Plásticas no Paraná**. Curitiba: Edição do Autor, 2006.

ALMEIDA, A. C. P. de. Produção de vídeos em sala de aula: uma proposta de uso pedagógico de celulares e câmeras digitais. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 2, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1785>. Acesso em: 27 mar. 2022.

ALVES, Giovanna Nahirny. **Texto poético para videocarta**. *In*: CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS. **Vídeo Carta**. 1 mensagem do Instagram, 18 jun. 2020.

ARTE NA ESCOLA. Adelir Zimmermann (Boletim). Disponível em: artenaescola.org.br/boletim/materia.php?id=74785. Acesso em: 19 jun. 2016.

AZEVEDO, Fernando A. G. Abordagem Triangular: Bússola para navegantes destemidos nos mares da arte/educação. *In*: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernando Pereira da. (org.). **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 80-99.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARBOSA, Ana Mae. Apresentação. *In*: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernando P. da (org.). **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 9-24.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Sobre Educação e Juventude** – Conversas com Riccardo Mazzeo. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink; CINEADLISE-FE/UFRJ, 2008.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 ago. 2021.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. *In*: CARDOSO, Gustavo; CASTELLS, Manuel (org.). **A sociedade em rede: do conhecimento à acção política**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006. p. 17-30.

CENTRO JUVENIL DE ARTES PLÁSTICAS. Arquivo do Centro Juvenil de Artes Plásticas. **Foto de Guido Viaro com alunos do CJAP.** [ca 1950]. 1 fotografia, p&b.

_____. Instagram Centro juvenil de artes plásticas. Disponível em: <https://www.instagram.com/centrojuvenildeartesplasticas/>. Acesso em: 20 de ago. 2020.

_____. Site do CJAP: <https://www.cjap.pr.gov.br>. **Foto da fachada atual da sede do CJAP.** Crédito: Kraw Penas. 2018. 1 fotografia, color.

_____. Site do CJAP: <https://www.cjap.pr.gov.br>. **Tabela de oficinas do CJAP em 2019.** 2019.

_____. Site do CJAP: <https://www.cjap.pr.gov.br>. **Tabela de oficinas do CJAP em 2020.** 2020.

_____. Youtube Centro Juvenil de Artes. Disponível em: <https://www.youtube.com/@centrojuvenildeartes1117>. Acesso em: 20 de ago. 2020.

DUSSEL, Inés. La clase en pantuflas: reflexiones a partir de la excepcionalidad. Disponível em: <https://elmilenio.info/2020/04/30/ines-dussel>. Acesso em: 23 abr. 2020.

FELISBERTO, Lidiane Gomes dos Santos. Erasmo Pilotto. GHEMAT-SP, 2020.

FERRAZ, M. H. C.; FUSARI, M. F. R. **Metodologia do ensino da arte.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação:** reflexões e experiências com professores e estudantes da educação básica dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. O cinema como arte na escola: um diálogo com a hipótese de Alain Bergala. *In:* LEONEL, Juliana; MENDONÇA, Ricardo Fabrino (org.). **Audiovisual comunitário e educação:** histórias, processos e produtos. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Coleção Comunitária e Mobilização, 7).

FRESQUET, Adriana; MIGLIORIN, Cezar. Da obrigatoriedade do cinema na escola, notas para uma reflexão sobre a lei 13.006/14. *In:* FRESQUET, Adriana (org.). **Cinema e educação:** a lei 13.006: reflexões, perspectivas e propostas. Belo Horizonte: Universo Produção, 2015. p. 40-50.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAN, Byung-Chul. **No enxame:** perspectivas do digital. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora

34,1999.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **A Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1999.

MEDEIROS, C. L. **O Centro Juvenil de Artes Plásticas e suas relações com o ensino da arte no Brasil da década de 1950**. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco, Itatiba, 2008.

MILLARCH, Aramis. Professora Eny, a que trouxe o método Montessori para o Paraná. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 17 mar. 1991. Caderno Almanaque, p. 03.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOSTRA no Centro Juvenil. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 21 jan. 1997.

PARANÁ. Decreto-lei nº 9628, de 16 de junho de 1953. Criação, em caráter experimental, do Centro de Artes Plásticas Juvenis, anexo ao Instituto de Educação do Paraná. **Diário Oficial do Estado do Paraná**, Curitiba, 17 jun. 1953.

_____. Decreto-lei nº 6177, de 18 de outubro de 1956. Cria na Secretaria de Educação e Cultura o Centro Juvenil de Artes Plásticas. **Diário Oficial do Estado do Paraná**, Curitiba, 22 de out. 1956.

PEREIRA, Adriana Matos Rodrigues; BRASIL, Katia Tarouquella R.; VIDIGAL, Alex; VICENTE, Marcos Vinicius Dutra. O audiovisual como um recurso de expressão na adolescência. *In*: SOUZA, Carlos Ângelo de Meneses (org.). **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**. Brasília: Liber Livro, 2015. p. 255-274.

PILLAR, Analice; VIEIRA, Denyse. **O vídeo e a metodologia triangular no ensino da arte**. Fundação lochpe – Projeto Arte na Escola. Porto Alegre, RS: Gráfica Editora Pallotti, 1992.

OLIVEIRA, Maria Cecília Marins de; SIMÃO, Giovana Teresinha. Educar pela Arte: A proposta de uma aprendizagem escolar. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 20, p. 106-119, dez. 2005. Disponível em: <https://silo.tips/download/educar-pela-arte-a-proposta-de-uma-aprendizagem-escolar-educating-through-art-th>. Acesso em: 19 mar. 2022.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **Guido Viaro: modernidade na arte e na educação**. 2006. 379 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

_____. **A Modernidade no sótão: educação e arte em Guido Viaro**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

PIRES, Eloiza Gurgel. A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis

interseções entre educação e comunicação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 281-295, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/w7hTMM4d6gsYgDRtjscDNVp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 mar. 2022.

Sardelich, M. E. **Formação inicial e permanente do professor de Arte na Educação Básica**. Cadernos de Pesquisa, n. 114, 2001, p. 146.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO PARANÁ. Instituto de Educação do Paraná. **1.ª Exposição de Pintura do Centro Juvenil de Artes Plásticas**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1953. Catálogo de exposição.

SEED-PR. Dia a dia Educação: Linguagem audiovisual, *on-line*. Disponível em: <http://www.filmes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1066>. Acesso em: 26 mai. 2024.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Tradução: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SILVA, Francineide Sales da; SERAFIM, Maria Lúcia. Redes sociais no processo de ensino e aprendizagem: com a palavra o adolescente. *In*: BEZERRA, Carolina C. *et al* (org.). **Teorias e práticas em tecnologias educacionais** [on-line]. Campina Grande: EDUEPB, 2016. p. 67-98. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/fp86k/pdf/sousa-9788578793265.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2021.

SILVA, João Paulo de Souza da Silva. O ensino da arte para a infância: a criação do Centro Juvenil de Artes Plásticas, na trajetória intelectual de Eny Caldeira. *In*: X Congresso Nacional de Educação, 2011, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Champagnat, 2011, v. 1, p. 469-481. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4199_2357.pdf. Acesso em: 13 mar. 2022.

VIARO, Constantino B. **Guido Viaro**. Curitiba: Champagnat, 1996.

YGLESIAS, Emanuela. **Mas afinal o que é audiovisual?**, 2021. Disponível em: <https://audiovisualcontent.blogspot.com/2007/07/mas-afinal-o-que-audiovisual.html>. Acesso em 26 mai. 2024.

ANEXO A - CONVERSA ENTRE A PESQUISADORA E A EX-ALUNAS DA OFICINA DE VIDEOARTE (2019)

Mensagem enviada pela pesquisadora via whatApp e Instagram para as alunas contactadas:

Olá, tudo bem?

Estou escrevendo uma pesquisa de mestrado onde descrevo alguns projetos de audiovisual que realizei no CJAP, entre eles o da produção da Vídeo Carta "*Encontros*".

Gostaria muito da sua contribuição ☐

Poderia me enviar em texto ou áudio a sua percepção sobre o projeto.

Gostaria de saber sua opinião sobre o projeto, como foi participar e o que essa participação te trouxe de acréscimo.

Posso contar com vc?

Há, não esqueça de se apresentar, dizer sua idade hoje e o que tem feito.

Resposta da participante Giovanna Nayrny em formato de áudio, via Instagram – recebida dia 10 de julho de 2023:

Olá, eu me chamo Giovana Nayri, hoje tenho vinte anos, curso Artes Visuais na Universidade Federal do Paraná, em 2019 quando fiz o curso de Vídeoarte, foi o primeiro contato que eu tive com as produções de audiovisual e que foram muito importantes para mim. Eu lembro muito bem do contato né, com os festivais do minuto, com esses vídeos né, puxando para toda essa questão da trilha, junto com montagem do vídeo a edição de fotos e tudo mais. O projeto desenvolvido durante o curso foi muito interessante, porque nós da turma reunimos filmagens nossas, que fazíamos durante o dia a dia, sobre os caminhos que perpassávamos, ou enfim, sobre os textos que escrevemos e reunimos isso para um vídeo carta né. Então foi superinteressante fazer esse projeto.

E ao mesmo tempo foi muito rico, porque nós entramos muito em contato com a filmagens de outro estudantes que também faziam um vídeo arte, então estudantes de outros países da América Latina né... Então isso foi muito interessante, também esse intercâmbio que nós acabamos fazendo durante o curso de mandar esse vídeo que nós gravamos e que nós editamos, inclusive colocamos a trilha sonora pra esses festivais. Então foi algo muito gratificante assim... eu me interesse até hoje por

audiovisual, me interesse muito pelas filmagens. Hoje até trabalho com trilha sonora, então é muito interessante ver essa relação com o passado também pensar em tudo isso e onde começou né, onde foi o início... eu diria que ali foi o início.

Resposta da participante Giovana Luiza Amaral Reichdal em formato de texto, via whatApp – recebida dia 10 de julho de 2023:

Olá, eu sou Giovana Luiza Amaral Reichdal, atualmente me chamo Miguel Amaral Reichdal. Fiz parte da produção da vídeo carta "*Encontros*" um projeto que fez parceria com escolas do Rio de Janeiro e Uruguai.

Nesse projeto da professora Adriana particularmente tive uma participação mais ativa no processo de filmagens, o qual me lembro com muito carinho de caminhar pelo Centro Histórico de Curitiba Largo da Ordem ao lado de minhas colegas e professora, foi uma tarde calorosa no centro de uma das cidades conhecida popularmente pela sua frieza.

A professora Adriana nos trouxe profissionais da área, um casal que trabalhava com reportagens e que nos auxiliaram com algumas dicas sobre nossa filmagem, como montar e editar o vídeo...

Me lembro com muito carinho da montagem desse vídeo, decidimos cada detalhe minuciosamente... desenvolvemos nosso próprio microfone de lapela; e o CJAP não foi só um local onde foi montado um vídeo projeto, foi montado uma relação, mesmo que atualmente não tenha mais contato com as minhas colegas ainda tenho algumas fotos tiradas em meio a nossa produção e tenho diversas memórias sobre nosso curto período de tempo.

Finalizar o vídeo foi um processo gratificante, foi divertido rever as filmagens individuais e em grupo do nosso caminho até o CJAP, do mesmo modo que foi incrível a sensação quando assistimos os outros vídeos do projeto.

Atualmente tenho 19 anos, estou cursando Filosofia na UFPR, mas ainda sonho em trabalhar desenvolvendo meus próprios vídeos...

ANEXO B - CARDS DE DIVULGAÇÃO DO PROJETO “VIDEO CARTA ‘ENCONTROS’” NO 16º CINEOP, MOSTRA DE CINEMA DE OURO PRETO, PROJETOS AUDIOVISUAIS EDUCATIVOS (SESSÃO 2)



PROJETOS AUDIOVISUAIS EDUCATIVOS
SESSÃO 2 - 26/06 | SÁBADO | 10H

Projeto: **VÍDEO CARTAS: IMAGENS E SONS QUE VIAJAM**
Instituição: Cineeduca/URUGUAI - Unespar/BR
Apresentação: Gladys Marquisio e Solange Stecz | URUGUAI/BRASIL

Projeto: **VOZERIO: EXPERIÊNCIAS EM CINEMA DE GRUPO COM PROFESSORES**
Instituição: Laboratório Kumã - UFF
Apresentação: Viviane Cid | RJ

Projeto: **MINUTO LUMIÈRE EM 2020**
Instituição: Centro Paula Souza - Etec Prof. Dr. José Dagnoni (Santa Bárbara D'Oeste, SP) e Etec Ferrúcio Humberto
Apresentação: Maria Vitória Ferreira | SP

Projeto: **CRIAS CINE: CRIAÇÃO E PRODUÇÃO AUDIOVISUAL**
Instituição: Universidade Federal Fluminense
Apresentação: Gabriela Capper | RJ

Mediação: Ally Colliço - coordenadora da Rede Kino | SC

CINEOP
16ª MOSTRA DE CINEMA DE OURO PRETO

CINEMA PATRIMÔNIO
ONLINE E GRATUITA
23 - 28 JUNHO 2021

ASSISTA EM CINEOP.COM.BR



Vídeo carta

"Encontros"



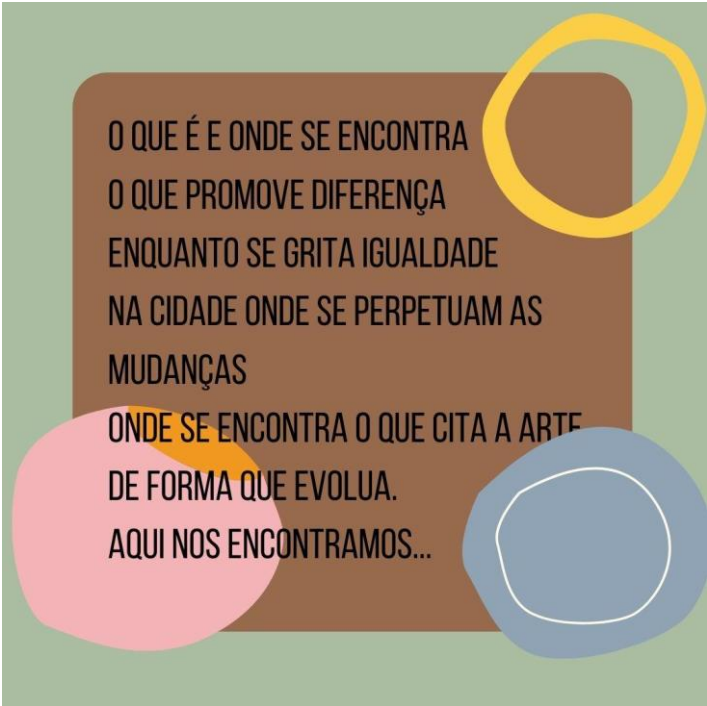
NOSSOS CAMINHOS SÃO TÃO DIFERENTES...

SOMOS TÃO DIFERENTES...

GOSTOS DIVERGENTES...

SEMELHANÇA,
É O QUE PERPÉTUA DIFERENÇA.
É O QUE GRITA DIVERSIDADE.
O QUE PROMOVE MUDANÇA.





O QUE É E ONDE SE ENCONTRA
O QUE PROMOVE DIFERENÇA
ENQUANTO SE GRITA IGUALDADE
NA CIDADE ONDE SE PERPETUAM AS
MUDANÇAS

ONDE SE ENCONTRA O QUE CITA A ARTE
DE FORMA QUE EVOLUA.
AQUI NOS ENCONTRAMOS...

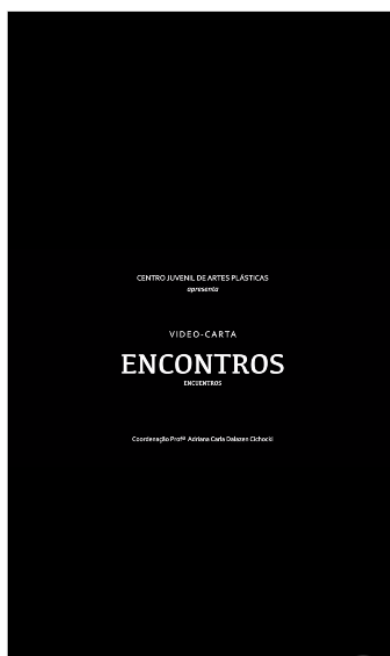
ANEXO C - PUBLICAÇÃO “VIDEO CARTA ‘ENCONTROS’”

Instagram

Pesquisar

Entrar

Cadastre-se



centrojuvenildeartesplasticas

• Seguir ...



centrojuvenildeartesplasticas O Centro Juvenil de Artes, através da professora Adriana C. Dalazen Cichocki, integra o Projeto Internacional "Educação audiovisual na formação de docentes: uma área de inovação educativa", uma parceria entre o Laboratório de Cinema e Educação - LabEducine da FAP/UNESPAR e o Programa Cineduca do Uruguai. .

O projeto, coordenado na UNESPAR pela professora Solage Stecz (coordenadora do LabEducine e do Programa de Pós Graduação em Artes – PPGARES), incluiu a realização de um intercâmbio de vídeo cartas entre estes parceiros. .

A turma de Videoarte do 2º semestre



148 visualizações

18 DE JUNHO DE 2020

ANEXO D - PUBLICAÇÃO MAKING OFF “VIDEO CARTA ‘ENCONTROS’”

Instagram

Pesquisar

Entrar Cadastre-se



centrojuvenildeartesplasticas • Seguir ...

centrojuvenildeartesplasticas O Centro Juvenil de Artes, através da professora Adriana C. Dalazen Cichocki, integra o Projeto Internacional "Educação audiovisual na formação de docentes: uma área de inovação educativa", uma parceria entre o Laboratório de Cinema e Educação - LabEducine da FAP/UNESPAR e o Programa Cineduca do Uruguai. .

O projeto, coordenado na UNESPAR pela professora Solage Stecz (coordenadora do LabEducine e do Programa de Pós Graduação em Artes – PPGARES), incluiu a realização de um intercambio de vídeo cartas entre estes parceiros. Hoje publicamos aqui o making off da produção do vídeo-carta feito pela professora Adriana

106 visualizações
23 DE JUNHO DE 2020

ANEXO E - FORMULÁRIO GOOLE ENVIADO AOS PARTICIPANTES DO PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA”



Questionário: Meu Mundo Minha Janela

Caro participante do projeto Meu Mundo Minha Janela

Sou a Profa. Adriana Dalazen, estou fazendo um trabalho de mestrado sobre a produção realizada no Projeto Meu mundo Minha Janela, executado em 2020 no período da pandemia. Além de um projeto pessoal é também um registro da história do CJAP como instituição que desenvolve projetos inovadores no ensino da Arte, valorizando a produção realizada por crianças e adolescentes.

Esse projeto foi desenvolvido pela Oficina de Videoarte, ministrada por mim, dentro de seu planejamento e em tempos de excepcionalidade propôs aos alunos de todas as Oficinas do CJAP, a participação no projeto “Meu Mundo, Minha Janela”, desenvolvido pelo Laboratório de Cinema Educação – LABEDUCINE - Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, em parceria com Werner Produções.

A produção audiovisual tinha como tema: Cenas do cotidiano durante o distanciamento social. O objetivo do projeto era compartilhar momentos durante o distanciamento social através de vídeos feitos com celular, em casa.

Para realizar a análise dos resultados desse projeto, é necessário coletar alguns dados com os participantes.

Por isso conto com vocês para essa coleta.

Tanto dos alunos que participaram, quanto seus responsáveis.

Então, peço que vocês por gentileza, respondam as questões abaixo. Não demorará mais que alguns minutinhos.

OBS: nenhuma informação pessoal será divulgada, a pesquisa é quantitativa e se algum depoimento for utilizado como exemplo na construção da pesquisa, será usado nome fictício.

Se vocês não assistiram o resultado do projeto, ou quiser rever, acessem o link:

<https://www.youtube.com/@centrojuvenildeartes1117/playlists>

ou

https://drive.google.com/drive/folders/1u-1KPSBr-DJZlBqCkcdSgRoGExoHkHtz?usp=share_link

<p>E-mail de contato</p> <p>Texto de resposta curta</p>
<p>Nome do participante</p> <p>Texto de resposta curta</p>
<p>Idade que tinha em 2020, quando participou do projeto Meu Mundo Minha Janela</p> <p>Texto de resposta curta</p>
<p>Estudava em escola:</p> <p><input type="radio"/> Pública - municipal</p> <p><input type="radio"/> Pública - estadual</p> <p><input type="radio"/> Particular</p>
<p>Era usuário de alguma rede social na época da pandemia em que participou do projeto Meu Mundo Minha Janela?</p> <p><input type="radio"/> Sim</p> <p><input type="radio"/> Não</p>
<p>Se sim, qual(is)?</p> <p><input type="radio"/> WhatsApp</p> <p><input type="radio"/> Instagram</p> <p><input type="radio"/> Facebook</p> <p><input type="radio"/> YouTube</p> <p><input type="radio"/> Messenger</p> <p><input type="radio"/> TikTok</p> <p><input type="radio"/> Outros..</p>

Para realizar a atividade, possuía aparelho de celular de uso individual?

- Sim
- Não
- Usava o celular do Pai/Mãe ou responsável
-

Já tinha feito algum vídeo antes deste, que você realizou para o projeto?

- Sim
- Não
-

Você fez o vídeo enviado para o projeto:

- Sozinho
- Com auxílio de um responsável / adulto
- Com o auxílio de um amigo/colega/irmão
-

O que ou quem te incentivou a fazer o seu vídeo?

Texto de resposta longa

Qual foi a maior dificuldade para realizar o vídeo?

Texto de resposta longa

Quem enviou o vídeo?

Texto de resposta curta

Você ou seu responsável, fez alguma edição do vídeo?

Sim

Não

O que mais gostou na proposta?

Texto de resposta longa

Comente: como você estava se sentindo, naquele momento de pandemia?

Texto de resposta longa

O que achou do resultado dos vídeos? Comente.

Texto de resposta longa

Como você se sente, vendo o vídeo que você fez e em que você aparece?

Texto de resposta longa

Faça um comentário sobre o processo de criação e execução do vídeo que você realizou para o projeto. Como teve a ideia, como realizou a filmagem, como escolheu o ambiente, entre outras colocações que achar interessante.

Texto de resposta longa

ANEXO F - CARTELAS DE ABERTURA DOS VÍDEOS DO PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA” 2020



APRESENTA

projeto em parceria com

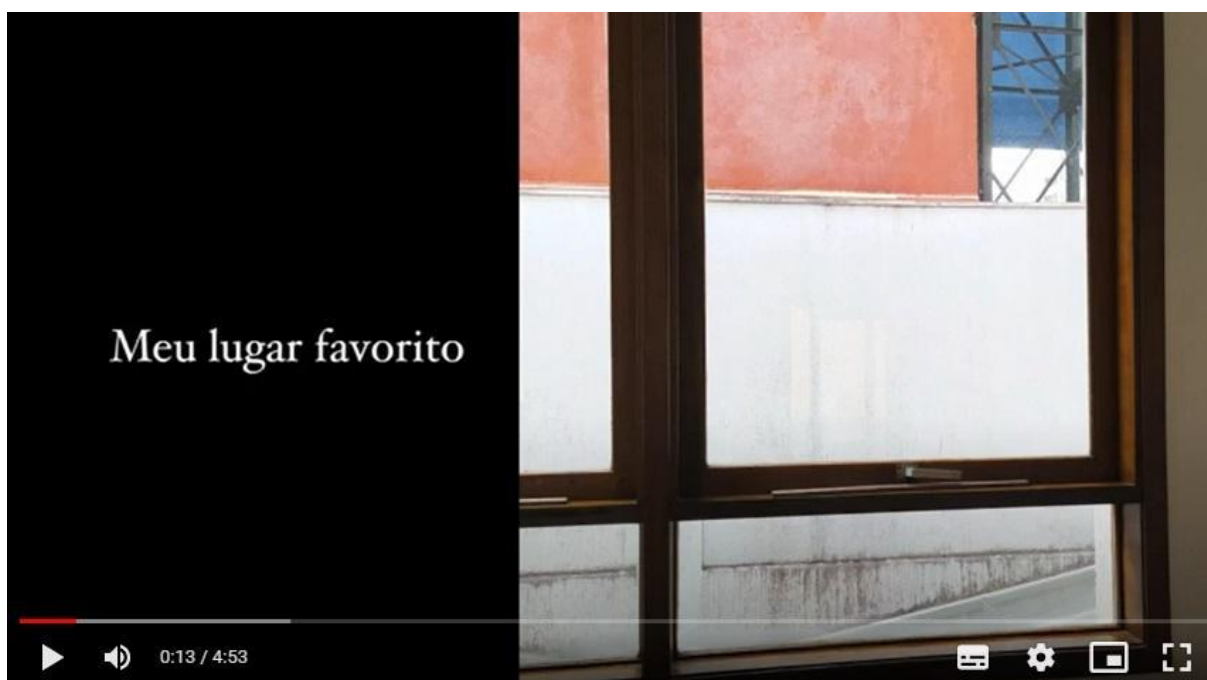
CENTRO
JUVENIL



DE ARTES



ANEXO G - CARTELA DE ABERTURA DO VÍDEO Nº 6 DO PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA” 2020



ANEXO H - CARTELAS FINAIS DOS VÍDEOS DO PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA” 2020

O projeto “Meu Mundo, Minha Janela”, desenvolvido pelo Laboratório de Cinema Educação – LABEDUCINE da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, em parceria com Werner Produções, tem como objetivo compartilhar momentos durante o distanciamento social através de vídeo feitos com celular, em casa. É voltado a alunos de Colégios da Rede Estadual e Municipal de Educação e de cursos livres de audiovisual sendo o Centro Juvenil de Artes Plásticas um dos parceiros mais importantes.



A partir do convite para participar do projeto, a Oficina de Audiovisual, dentro de seu planejamento e em tempos de excepcionalidade, propôs aos alunos de todas as Oficinas do CJAP (Artes Visuais, Desenho, Fotografia, Modelagem, Mosaico, Pintura e Teatro), a participação no projeto “Meu Mundo, Minha Janela”. Todos os alunos foram convidados a compor suas narrativas que poderiam ser, por exemplo: entrevista com alguém de casa, ponto de vista da janela do quarto, momentos no quintal, durante refeições, tocando instrumento musical, ajudando nas tarefas da casa, estudando, realizando alguma atividade artística, participando de algum jogo ou brincadeira, vendo TV, escrevendo no diário ou o que mais a sua imaginação permitisse.



Após o recebimento dos vídeos, eles foram organizados e agrupados compondo uma narrativa coletiva, como um mosaico de percepções deste momento do isolamento.



Professora orientadora
ADRIANA CARLA DALAZEN CICHOCKI



Coordenadora do Laboratório de Cinema e Educação - LabEducine

Professora Dra.
SOLANGE STRAUBE STECZ

Equipe do Projeto Meu Mundo Minha Janela

<i>produção</i>	TÉIA WERNER
<i>edição e finalização</i>	MURILO LAZARIN
<i>mídias sociais</i>	RAFAELA CALIL



ANEXO I - DIVULGAÇÃO DO PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA” NO INSTAGRAM CJAP

<https://www.instagram.com/p/CNF3ZTWIz9I/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Instagram

Q Pesquisar

Entrar Cadastre-se

centrojuvenildeartesplasticas
Centro Juvenil de Artes Plásticas

centrojuvenildeartesplasticas
PROJETO NOVO

O Centro Juvenil de Artes Plásticas apresenta, em parceria com @labeducine e @wernerproducoes o projeto "Meu Mundo, Minha Janela".

Todos os vídeos que integram a série foram produzidos pelos alunos do CJAP sob a coordenação da professora @adrianacirchocki9211

44 curtidas
31 DE MARÇO DE 2021

Entrar para curtir ou comentar.

ANEXO J - PUBLICAÇÃO VÍDEO Nº 1 DO PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA”

<https://www.instagram.com/tv/CPtXZbiFhyG/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Instagram

Q Pesquisar

Entrar

Cadastre-se



centrojuvenildeartesplasticas
ticas • Seguir

centrojuvenildeartesplasticas
"Olhares em movimento" é mais um vídeo do projeto "Meu Mundo, Minha Janela", uma parceria entre o CJAP, o @labeducine e a @wernerproducoes.


A iniciativa visa compartilhar cenas do cotidiano por meio de vídeos caseiros, feitos com o celular durante o distanciamento social, imposto pela pandemia do novo coronavírus. Os vídeos são retratados sob óticas de crianças e adolescentes que vivenciam desde o ano passado os efeitos de um mundo pandêmico.

Todos os vídeos que integram a série

95 visualizações
4 DE JUNHO DE 2021

ANEXO K – OLHARES EM MOVIMENTO

<https://www.youtube.com/watch?v=R3waqV8qJr4&list=PLIHAMmUeqYRlcMxLe4YjGLMOtMOGaXSjh>



Olhares em Movimento

Projeto Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES - 1 / 6

Olhares em movimento | Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES 5:01

Interferência Cotidiana/Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES 5:52

Entre pensamentos e olhares | Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES 7:03

Tem que ser divertido | Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES 4:57

Passeando pela casa | Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES 5:20

Olhares em movimento | Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ART...
13 inscritos

Inscriver-se

1 **Compartilhar**

Tutoriais Artísticos

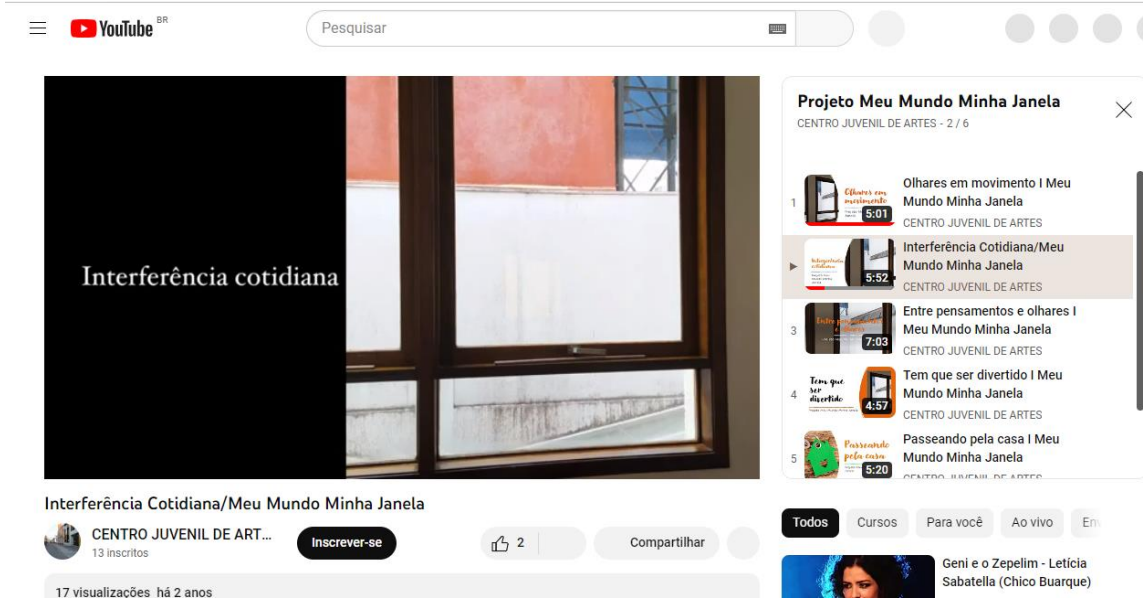
ANEXO L - PUBLICAÇÃO VÍDEO Nº 2 - PROJETO MEU MUNDO MINHA JANELA (INSTAGRAM E YOUTUBE)

<https://www.instagram.com/tv/CPbhUbIFdWX/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>
<https://www.youtube.com/watch?v=F4Fi4NJVUec&list=PLIHAMmUeqYRlcMxLe4YjGLMOtMOGaXSjh&index=2>



Instagram interface showing a post from **centrojuvenildeartesplasticas**. The post features a video thumbnail with the text "Interferência cotidiana" and "Projeto Meu Mundo Minha Janela". The caption reads: "Este é mais um vídeo do projeto 'Meu Mundo, Minha Janela', uma parceria entre o CJAP, o @labeducine e a @wernerproducoes. A iniciativa visa compartilhar cenas do cotidiano por meio de vídeos caseiros, feitos com o celular durante o distanciamento social, imposto pela pandemia do novo coronavírus. Os vídeos são retratados sob óticas de crianças e adolescentes que vivenciam desde o ano passado os efeitos de um mundo pandêmico. Todos os vídeos que integram a série foram produzidos pelos alunos do CJAP sob a coordenação da professora @adrianachockki9211."

140 visualizações
28 DE MAIO DE 2021



YouTube interface showing a video titled "Interferência Cotidiana/Meu Mundo Minha Janela" from the channel "CENTRO JUVENIL DE ARTES". The video is part of a playlist "Projeto Meu Mundo Minha Janela". The video player shows the title "Interferência cotidiana" over a window view. The channel has 13 inscritos and 17 visualizações há 2 anos.

Playlist "Projeto Meu Mundo Minha Janela" (CENTRO JUVENIL DE ARTES - 2 / 6):

- Olhares em movimento I Meu Mundo Minha Janela (5:01)
- Interferência Cotidiana/Meu Mundo Minha Janela (5:52)
- Entre pensamentos e olhares I Meu Mundo Minha Janela (7:03)
- Tem que ser divertido I Meu Mundo Minha Janela (4:57)
- Passando pela casa I Meu Mundo Minha Janela (5:20)

17 visualizações há 2 anos

ANEXO M - PUBLICAÇÃO VÍDEO Nº 3 - PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA” (INSTAGRAM E YOUTUBE)

<https://www.instagram.com/tv/CPbhUbIFdWX/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>



Instagram

Pesquisar

Entrar Cadastre-se

centrojuvenildeartesplasticas
ticas • Seguir

centrojuvenildeartesplasticas Este é mais um vídeo do projeto "Meu Mundo, Minha Janela", uma parceria entre o CJAP, o @labeducine e a @wernerproducoes .


A iniciativa visa compartilhar cenas do cotidiano por meio de vídeos caseiros, feitos com o celular durante o distanciamento social, imposto pela pandemia do novo coronavírus. Os vídeos são retratados sob óticas de crianças e adolescentes que vivenciam desde o ano passado os efeitos de um mundo pandêmico.

Todos os vídeos que integram a série foram produzidos pelos alunos do CJAP sob a coordenação da professora @adrianacichocki9211 .

140 visualizações
28 DE MAIO DE 2021

Entre pensamentos e olhares I Meu Mundo Minha Janela

<https://www.youtube.com/watch?v=cYEMehhTefg&list=PLIHAMmUeqYRIcMxLe4YjGLMOtMOGaXSjh&index=3>



YouTube BR

Pesquisar

Entre pensamentos e olhares I Meu Mundo Minha Janela

CENTRO JUVENIL DE ART...
13 inscritos

Inscriver-se

4

Compartilhar

17 visualizações há 2 anos

Projeto Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES - 3 / 6

- Olhares em movimento I Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES
5:01
- Interferência Cotidiana/Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES
5:52
- Entre pensamentos e olhares I Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES
7:03
- Tem que ser divertido I Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES
4:57
- Passeando pela casa I Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES
5:20

Todos Aulas Assistidos

Pitty - Te Conecta (Áudio)
Pitty
118 mil visualizações - há 4 anos

18:59
20/08/2023

ANEXO N - PUBLICAÇÃO VÍDEO Nº 4 - PROJETO “MEU MUNDO MINHA JANELA” (INSTAGRAM E YOUTUBE)


<https://www.instagram.com/tv/CQifryyIAg-/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Tem que ser divertido I Meu Mundo Minha Janela

<https://www.youtube.com/watch?v=XzGrYKG5wDQ&list=PLIHAMmUeqYRlCmXLe4YjGLMOtMOGaXSjh&index=4>

Instagram

Pesquisar Entrar Cadastre-se



centrojuvenildeartesplasticas
· Seguir

centrojuvenildeartesplasticas Em tempos de isolamento, nada como uma boa diversão em família... "Tem que ser divertido" é um dos vídeos do projeto "Meu Mundo, Minha Janela", uma parceria entre o CJAP, o @labeducine e a @wernerproducoes.

A iniciativa visa compartilhar cenas do cotidiano por meio de vídeos caseiros, feitos com o celular durante o distanciamento social, imposto pela pandemia do novo coronavírus. Os vídeos são retratados sob óticas de crianças e adolescentes que vivenciam desde o ano passado os efeitos de um mundo pandêmico.

Todos os vídeos que integram a série

76 visualizações
25 DE JUNHO DE 2021

YouTube

Pesquisar

Projeto Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES - 4 / 6

- Olhares em movimento I Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES
5:01
- Interferência Cotidiana/Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES
5:52
- Entre pensamentos e olhares I Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES
7:03
- Tem que ser divertido I Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES
4:57
- Passando pela casa I Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES
5:20

Tem que ser divertido I Meu Mundo Minha Janela

CENTRO JUVENIL DE ART...
13 inscritos
Inscrever-se

2
Compartilhar

18 visualizações há 2 anos


Todos De CENTRO JUVENIL DE ARTES Relac

Ruído Marrom para Estudar: Aumenta a Concentração e o...

ANEXO O - PUBLICAÇÃO VÍDEO Nº 5 – PASSEANDO PELA CASA (INSTAGRAM E YOUTUBE)

<https://www.instagram.com/tv/CQ1E4WXF5b2/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Passeando pela casa | Meu Mundo Minha Janela
<https://www.youtube.com/watch?v=uFUIvQ3Ms3o&list=PLIHAMmUeqYRlcMxLe4YjGLMOtMOGaXSjh&index=5>



Instagram [Entrar](#) [Cadastre-se](#)

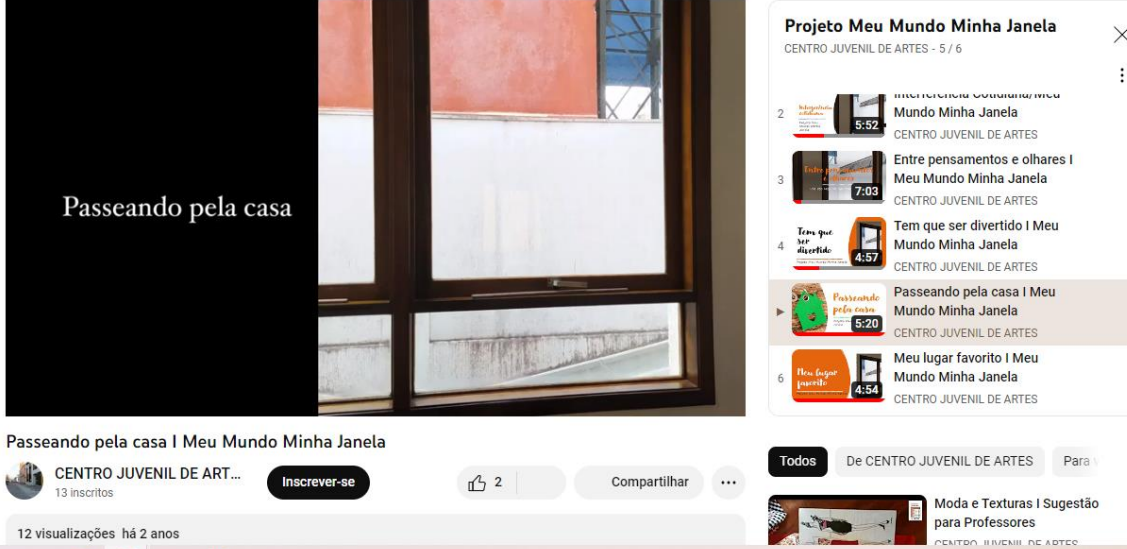
centrojuvenildeartesplasticas [Seguir](#)

centrojuvenildeartesplasticas
"Passeando pela casa" é um dos vídeos do projeto "Meu Mundo, Minha Janela", uma parceria entre o CJAP, o @labeducine e a @wernerproducoes.

A iniciativa visa compartilhar cenas do cotidiano por meio de vídeos caseiros, feitos com o celular durante o distanciamento social, imposto pela pandemia do novo coronavírus. Os vídeos são retratados sob óticas de crianças e adolescentes que vivenciam desde o ano passado os efeitos de um mundo pandêmico.

Todos os vídeos que integram a série foram produzidos pelos alunos do CJAP sob a coordenação da professora @adrianacichocki9211.

124 visualizações
2 DE JULHO DE 2021



YouTube

Passeando pela casa | Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES - 5 / 6

12 visualizações há 2 anos

Projeto Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES - 5 / 6

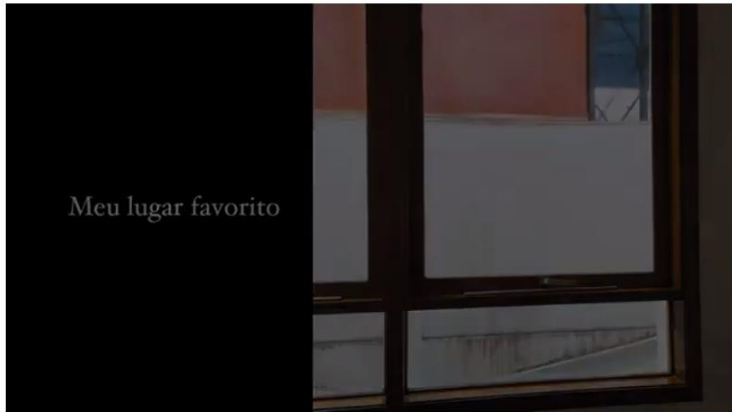
- 2 **Interferência Cotidiana | Meu Mundo Minha Janela**
CENTRO JUVENIL DE ARTES 5:52
- 3 **Entre pensamentos e olhares | Meu Mundo Minha Janela**
CENTRO JUVENIL DE ARTES 7:03
- 4 **Tem que ser divertido | Meu Mundo Minha Janela**
CENTRO JUVENIL DE ARTES 4:57
- 5 **Passeando pela casa | Meu Mundo Minha Janela**
CENTRO JUVENIL DE ARTES 5:20
- 6 **Meu lugar favorito | Meu Mundo Minha Janela**
CENTRO JUVENIL DE ARTES 4:54

Passeando pela casa | Meu Mundo Minha Janela
CENTRO JUVENIL DE ARTES
13 inscritos [Inscrever-se](#) [2](#) [Compartilhar](#)

Todos De CENTRO JUVENIL DE ARTES Para


Moda e Texturas | Sugestão para Professores
CENTRO JUVENIL DE ARTES

ANEXO P - PUBLICAÇÃO VÍDEO Nº 6 – MEU LUGAR FAVORITO
<https://www.youtube.com/watch?v=f3MfyAdjqB8&list=PLIHAMmUeqYRlcMxLe4YjGL>






Meu lugar favorito


Meu lugar favorito | Meu Mundo Minha Janela


 CENTRO JUVENIL DE ART...
13 inscritos


[Inscrever-se](#)


 2  [Compartilhar](#) 


Projeto Meu Mundo Minha Janela 6 / 6

1  **Mundo Minha Janela**
CENTRO JUVENIL DE ARTES
5:52


2  **Entre pensamentos e olhares | Meu Mundo Minha Janela**
CENTRO JUVENIL DE ARTES
7:03

3  **Tem que ser divertido | Meu Mundo Minha Janela**
CENTRO JUVENIL DE ARTES
4:57

4  **Passeando pela casa | Meu Mundo Minha Janela**
CENTRO JUVENIL DE ARTES
5:20

5  **Meu lugar favorito | Meu Mundo Minha Janela**
CENTRO JUVENIL DE ARTES
4:54

Todos **Assistidos**

 **Mãeskin - Torna a casa - Live Performance | Vevo**